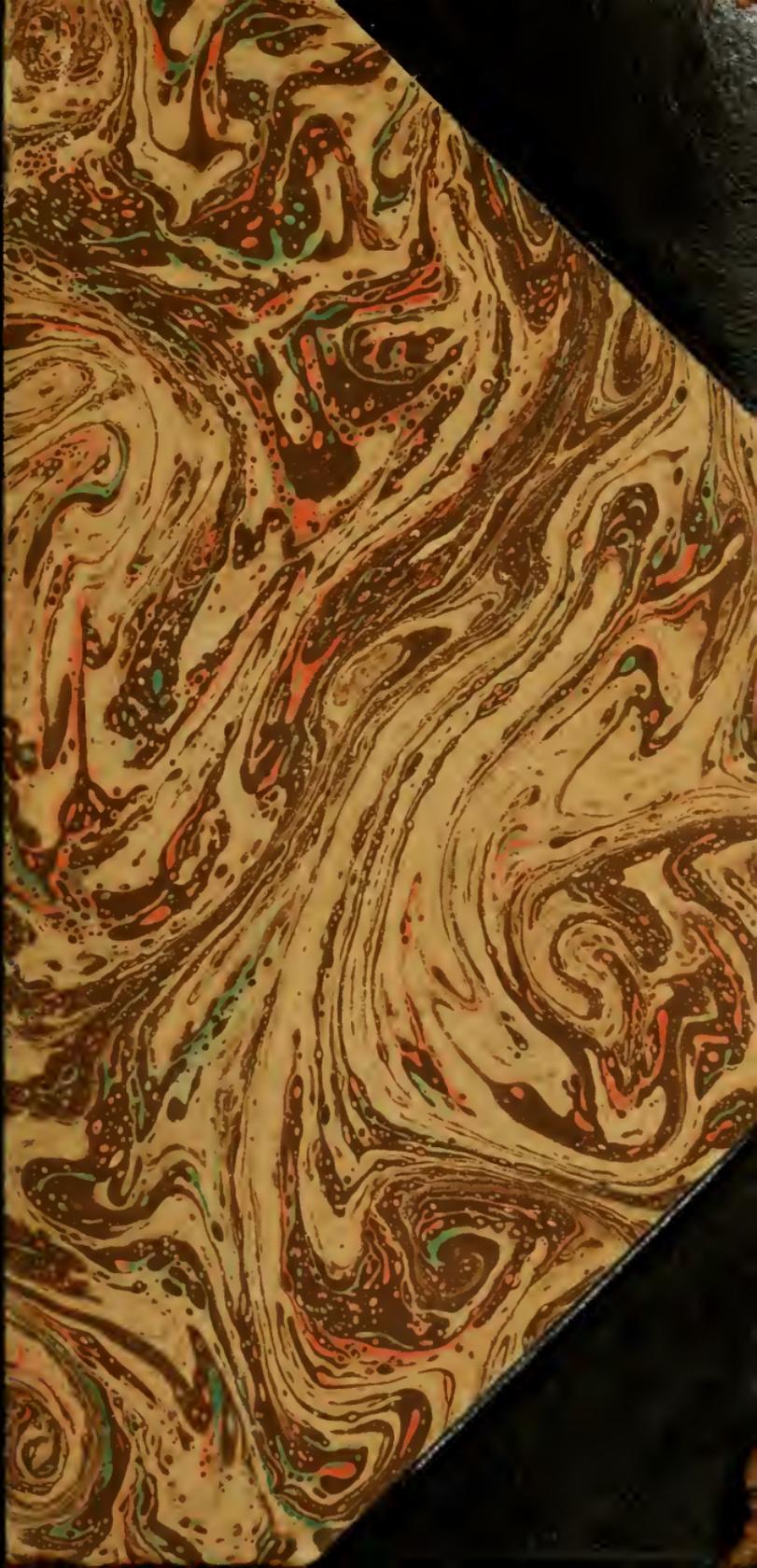
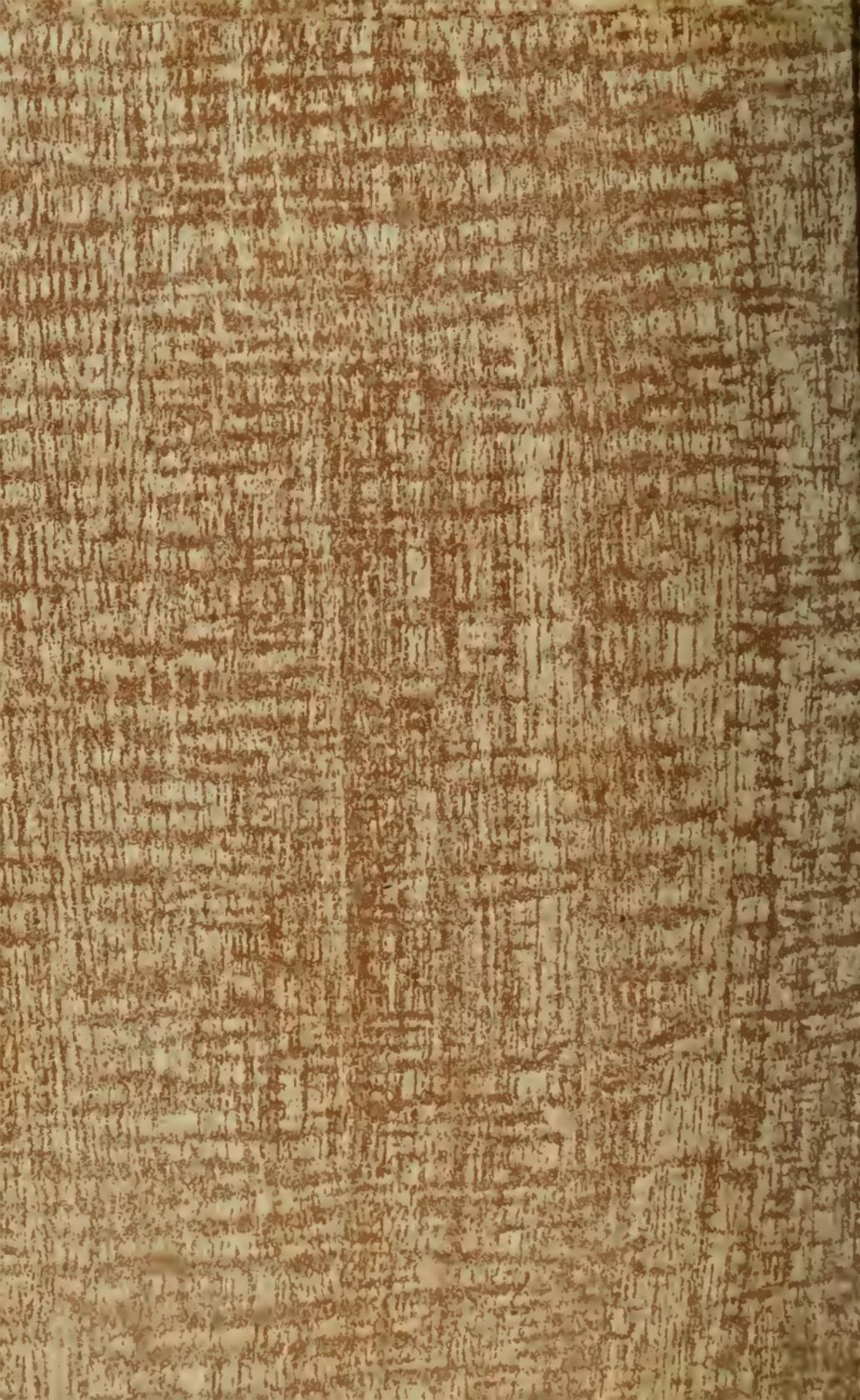
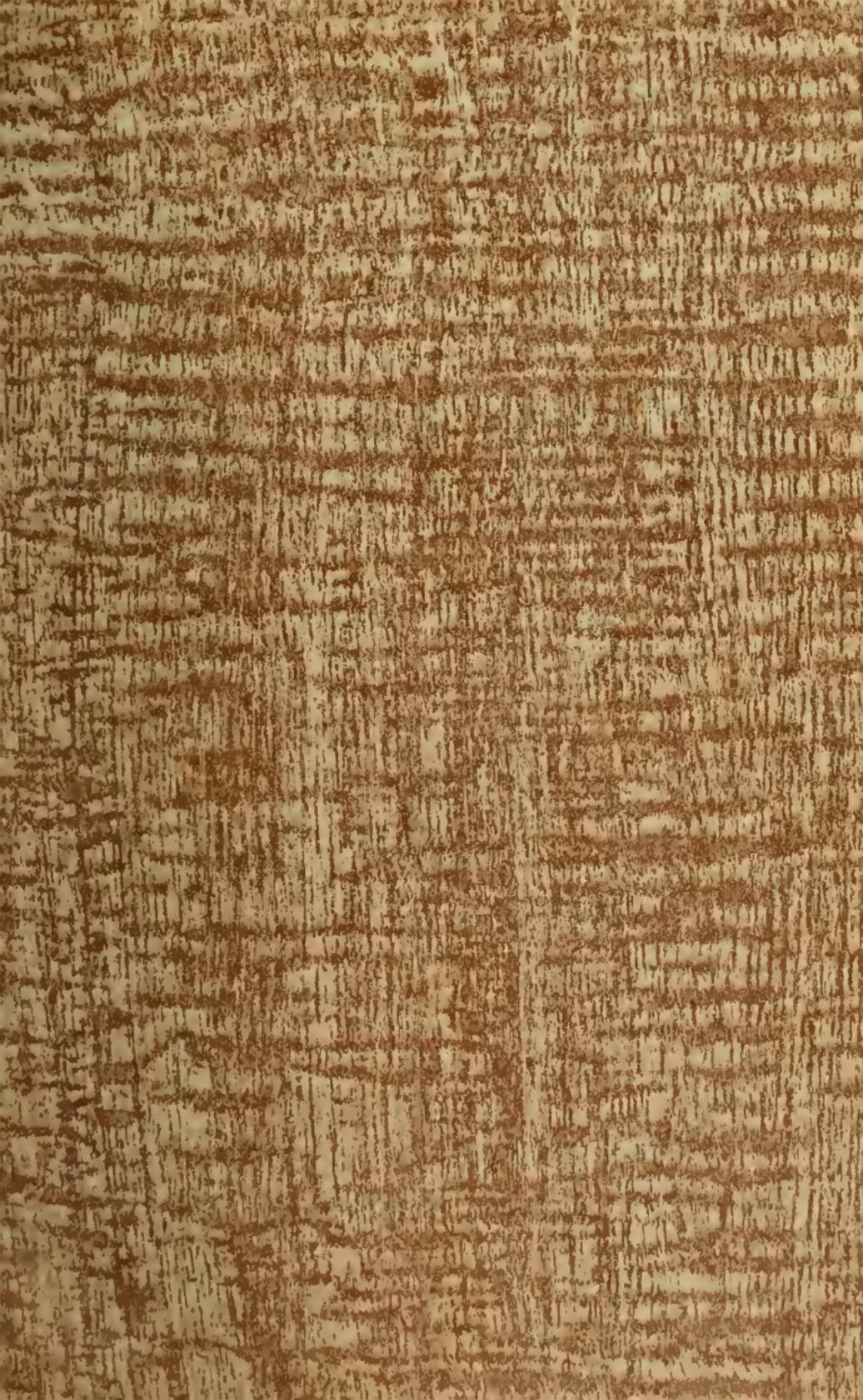
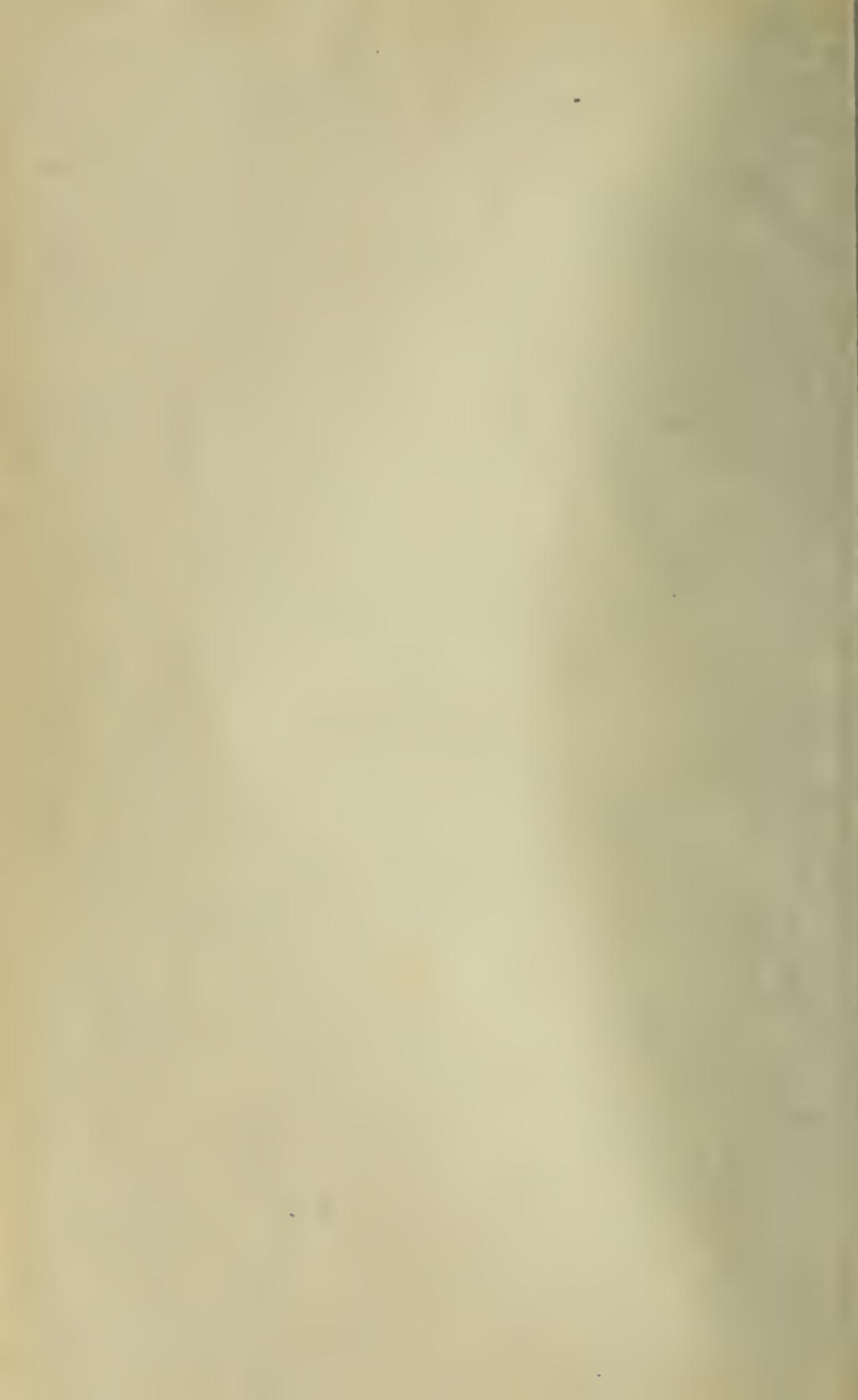


3 1761 07149277 1







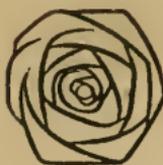


JULIO CESAR MACHADO

E

PINHEIRO CHAGAS

FORA DA TERRA



LIVRARIA INTERNACIONAL

ERNESTO CHARDRON

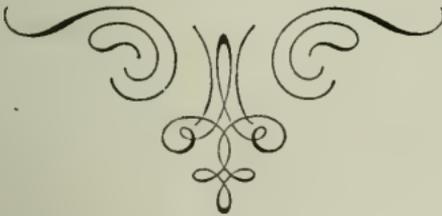
PORTO

EUGENIO CHARDRON

BRAGA



FÓRA DA TERRA



ERNESTO CHARDRON — EDITOR

- Visconde de Benalcanfôr**
De Lisboa ao Cairo, scenas de viagem. 1 vol..... 600
Na Italia, scenas de viagem. Roma, Florença, Napoles — No Vesuvio — Herculanium, Pompeia, Genova, Piza, Monaco, etc., etc. 1 vol..... 500
Phantasias e escriptores contemporaneos: Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Julio Diniz, Bulhão Pato, D. Thomaz de Mello. 1 vol... 500
- Alberto Pimentel**
Guia do viajante nos caminhos de ferro do Norte em Portugal. 1 vol. com um mappa de Portugal e uma linda cartanagem vinda de Paris..... 700
O capote do snr. Braz. 1 v. 500
- João de Lemos**
Impressões e recordações. 1 vol. in-12..... 600
Serões d'aldéa. 1 vol..... 600
- Faustino X. de Novaes**
Poesias posthumas. 1 gr. v. 1\$000
- Ernesto Legouvê**
Historia moral das mulheres. 1 volume..... 800
- Fernandez e Gonzalez**
O rei do punhal. 4 vol. com 16 estampas..... 2\$400
- Julie de Fertiault**
A felicidade na familia. Cartas de uma mãe a sua filha. 1 volume..... 500
- A. Debay**
Arte de conservar a belleza e a saude e de corrigir os defeitos physicos. 1 vol..... 500
Physiologia do matrimonio. Historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades. 2.^a edição. 1 gr. vol..... 1\$000
- H. Balzac**
Physiologia do matrimonio ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade e infelicidade conjugal, traducção de A. da Silva Dias. 2 vol..... 1\$000
- Jacquinet**
Quadro do mundo physico ou excursões através da sciencia, tra-
- ducção de A. A. Leal. 1 volume..... 500
- Amédée Achard**
Como as mulheres se perdem, traducção de Lopo de Sousa. 1 v. 500
A vergonha que mata, idem, idem. 1 vol..... 500
- Julio Lermina**
Os Lobos de Paris. 3 gr. v. 1\$500
- Camillo Castello Branco**
Diccionario de educação e ensino, contendo o mais essencial da sabedoria humana. 2 grossos vol. brochados..... 6\$000
Encadernados..... 7\$000
O carrasco de Victor Hugo José Alves, romance. 1 vol.... 500
A freira no subterraneo, romance historico. 2.^a edição. 1 v. 500
Os amores do Diabo, romance. 1 vol..... 500
- Anthero de Quental**
Odes modernas. 2.^a edição, contendo varias composições ineditas. 1 vol..... 400
- David de Castro**
Vislumbres. 1 vol..... 500
- Cunha Vianna**
Relampagos. 1 vol 400
- José de Sousa Bandeira**
Escriptos humoristicos em prosa e verso. 2 vol. com o retrato do author..... 1\$200
- Escrich**
O coração nas mãos. 2 vol. 1\$200
A calumnia. 5 vol..... 2\$500
A esposa martyr. 5 vol.... 2\$500
O cura d'aldeia. 3 vol.... 2\$000
A caridade christã. 3 vol... 1\$800
O amor dos amores. 3 vol. 2\$000
O inferno dos ciumes. 3 vol. 2\$000
O martyr do Golgotha. 4 v. 1\$200
Os anjos da terra. 5 vol. 2\$500
O anjo da guarda. 3 vol. 1\$800
A promessa sagrada. 4 vol. 1\$600
Os desgraçados. 2 vol.... 1\$200
- NOITES AMENAS — CONTOS:**
 1.^o *O violino do Diabo.* 1 v. 400
 2.^o *Tal arvore tal fructo.* 1 volume..... 400
 3.^o *Um filho do povo.* 1 vol. 300
 4.^o *Quem tudo quer, tudo perde.* — *A verdade rua e crua.* 1 v. 400
 5.^o *Por bem fazer, mal haver.* 1 vol..... 500
 6.^o *As culpas dos paes.* 1 v. 300

FÓRA DA TERRA

POR

JULIO CESAR MACHADO

E

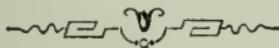
PINHEIRO CHAGAS

Caldas da Rainha

Festas da Nazareth — Leiria e Marinha Grande — Cintra

Bussato

Bom Successo — Paço d'Arcos — Espinho



LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

EUGENIO CHARDRON

—
PORTO

—
BRAGA

1878

DP
525
M33



PREFACIO

O verão tem perdido muita gente, e não é tanto pelo que são os amores fóra da terra — ... é pelo que parecem ser.

Um simples idyllio toma ás vezes, pela circumstancia de se passar a duas leguas de Lisboa, as proporções de um escandalo.

— Então este anno na Ericeira parece que houve mais de um caso...?

— Ui! Não fallemos n'isso!

— Estavam lá as Penhas?

— Quente... quente...

— E as Affonsos?

— A ferver... a ferver!

— Sim? Conte-me isso.

—Eu não sei bem os promenores, mas houve por lá muita cousa.

—O Jayme appareceu?

—Pois não appareceu! Tomava banho todas as manhãs...

—Tomava banho?

—É como lhe digo.

—E as Penhas, já se vê, também!?

—Certissimas; todas as manhãs.

—É boa!

—E á tarde passeio, e á noite club... Depois também lá surdiu um Figueiredo... Vossê conhece o Figueiredo...

—Eu conheço centos de Figueiredos, e quando era pequeno tomei horror á musica por causa de um que cantava o *Fra Diavolo* na rua dos Condes...

—Pois olhe, este talvez seja descendente de um tal facinora, porque também cantou duas vezes ou tres n'uma semana que lá estive; e mal sabe com quem?

—Com a Peixoto?

—Nada. Com a da Vermoeira, aquella trigueirinha que casou o anno passado. E o marido a vêr tudo aquillo, duetos e mais duetos... Um horror!

—Em Cascaes também andou por isso. Grandes amuos, intrigas, ciumes furiosos, jogaram a pancada umas poucas!

—Serio!?

— E mais que serio. Andam sempre a jogar a pancada umas com as outras, ha-de ter ouvido dizer já isso duzias de vezes?

— Pois não tenho! E vossê viu?

— Não, eu não vi. Isso não cheguei a vêr.

— Quem foi que viu, ó aquelle, quem foi que viu?

— Viram por lá uns poucos, mas não se sabe quem. Foram chinfrins sobre chinfrins!

— Isto está tudo perdido!

— Ora! Ellas já sahem de Lisboa de proposito para aquillo!

— A que chegaram os costumes!

— É o luxo, é o luxo! Origem de todos os males. Vossê nunca viu uma peça que deu por ahi no gôto a toda a gente, a *Familia Benoiton*?

— Regalei-me de a vêr. Aquella familia é a nossa!

— Positivamente a nossa.

— As mulheres detestavam-a, exactamente por não quererem que se lhes diga que o vestuario e a moda estão pondo a sociedade em perigo de vida, e que o vestidinho de cassa e uma flôr na trança é outra qualidade de cousa, no ponto de vista da moral, que nunca o vestido de sêda e as pedras preciosas poderão chegar a ser!

— Por duas vezes ouvi um ourives chamar immoral á peça, e o modisto snr. Fernandes tão fallado nos jornaes não poderia ouvil-a sem desmaiar. A familia portugueza ficou Benoiton: essa é a historia; gente ratona o avara: uns pequenos que an-

dam no collegio e já vão ás corridas, e já são pitteiros: meninas, que não lêem senão jornaes de modas, que se vestem como as moças de má nota, que pintam os olhos para fingir que os teem maiores, arranjam penteados levados de mil diabos, e usam saia de phantasia arregaçada intencionalmente. Mães que nunca estão em casa, e que são da idade das filhas; uns asnos chapados que passam por grandes luminarias pelo facto simplesmente de não apreciarem senão o lado commercial das cousas; donzellonas presumidas, burlescas, ares de menina e moça apesar do que nós sabemos, dizendo mal de tudo e de todos, e escrevendo cartas anonymas; coquettes que dão a entender que não casam senão para terem mais luxo, e que entendem que o marido deve ser cavallo de carga ajoujado com o carro conjugal; crianças cheias de ronha e de malicia, gaiatotes que não teem outra prenda senão a de ainda lhes não haver crescido o corpo e que merecem mais *bolachas* do que bolos! Esteve aquelle santo homem Castilho com um trabalho insano para nacionalisar, como dizem as folhas, umas poucas de comedias, e essa dos Benoiton nacionalison-se por si mesma, fez-se nossa, e por mais que façam já ninguem de cá a tira, ou antes já ninguem nos tira d'ella!

—E vai a peor; no que se conhece é na vida das praias, n'essa cousa a que elles chamam vida do campo, fóra da terra, emfim! Ahi é que a immoralidade anda á solta!

Coitadas.

E ás vezes quando ellas se comparam a Galathêa, dizem consigo suspirando:

— Não era mais innocente que eu!

E assim é muitas vezes.

Quando chega a haver um devaneio, quasi imperceptivel para os interessados, — o *fóra da terra*, isto é, a vasta irmandade das más linguas e dos inventores de conversinha, toca a rebate e espalha que está tudo a arder...

Os accusados vão passcando, chegam quando muito a arrazoar ácerca da sua situação em largas e suspeitosas palestras, aproximam-se fóra da terra, fogem-se ou parecem fugir uns dos outros em Lisboa, conforme as estações; tão innocentes como isto! Parecem thermometros em que a paixão suba ou desça como o mercurio conforme as variações da temperatura. É a temperatura a circular-lhes nas veias, como a seiva, docil ao que mandam as estações, germinando debaixo da casca das arvores, desabrochando em folhagem, em flôres, e em fructos, e indo depois, sem dar por isso e sem o saber, para os mysteriosos reservatorios em que prepara e renova as forças.

Quem é que não se namora, n'uma certa idade, de abril em diante?

É-se innocente como uma heroina de ballada, mas as estações influem tanto no amor que Daphnis e Chloé acharam-se a gostar um do outro *fóra da terra*, em pleno campo, n'uma linda primavera!

E depois, como em Portugal já não ha primavera, cahe de repente o verão, e apanha uma pessoa a chegar a Cintra, ás Caldas, a Paço d'Arcos... É ainda peor!

Amam-se os pastores nos montes, não querem então que a gente se ame quando apanha sitio que cheire a campo! O zumbir das abelhas, o chillar das aves, o balar dos cordeirinhos, são cousas que contendem muito com o coração. O snr. dr. Alvarenga quando consulta as suas doentes ha-de ter ouvido d'isso por mais de uma vez, e talvez a familia d'ellas se maravilhe quando o sabio doutor lhes dizer:

—Hi! O que aqui vai de rouxinoes!

—Ai! Tanto carneirinho!

Isto parce brincadeira. São cousas sérias.

Na cidade não póde um homem fazer a fineza ás senhoras de lhes conduzir as ovelhinhas quando ellas se extraviem, ao passo que as senhoras nos retenham as cabras se ellas quizerem trepar pelos combros e pelos roccados, mas fóra da terra tudo isso é natural, e troca-se flôr por flôr, olhar por olhar, esperança por esperança, com a espontaneidade bucólica com que uma pessoa póde offerecer á outra leite ou fructos!

Morrem esses episodios com a estação em que nascem, e o sopro glacial do vento vem apagar n'aquelles peitos, ao chegarem os primeiros dias de novembro, o fogo que ia talvez consumil-os...

Adeus, ar balsamico do verão! A ternura co-

meça, e secca com o tempo; era bem bom que fosse como a corrente do rio, que passa entre as margens verdejantes onde ellas se entregam ás dôces conversações que o mundo vê com maus olhos! Mas, não é! Ah! Não é!...— Ahi se apartam um dia, para se encontrarem no theatro, nos bailes, durante o inverno...

— Quando tornarei a vê-la?

E ella olha-o ternamente, como deveria olhal-o se lhe dissesse:

— Dado o caso de que a minha alma lhe sirva para alguma cousa, fique sabendo que a leva consigo!

E não é nada...

Nada, nada!

É o bucolismo.

Habitadas a sahirem pouco de casa, as senhoras portuguezas sentem a phantasia abraçar-se em romantismo em sahindo as portas da cidade.

D'antes era raro ir a banhos, ou a aguas, longe de Lisboa. Banhos havia os da barca: a leiteira, e o padeiro traziam agua ferrea em garrafinhas, por uma bagatela. Estava tudo prompto. Uma ou outra familia alugava casa em Cacilhas. Mas, isso! Nem a todos era dado ir a uma tal Corintho!...

A casa alugava-se aos mezes, por uma moeda, moeda e meia, e ainda, ás vezes emprestavam uma commoda, um armario, um bahú. Despediam-se as pessoas com grande roda de abraços:

— Cá nos vamos até essa Cacilhas! Adeus!

E outros :

— Ainda isso é bom! Mas nós, que vamos para a Piedade!

— Deus os leve em bem!

Quando qualquer chegava, por maior ousadia, a sahir do paiz, por muito tempo se ficava fallando d'isso, quasi que com um sentimento de escandalo. Nos theatros, nas tardes de procissão, nas paradas, nos bailes, nos ajuntamentos emfim, dizia sempre alguém :

— Vêem aquelle homem?

— Vêmos.

— Aquelle é o que viajou!

— Serio?

— Palavra de honra. É aquelle mesmo. E olhem que não é filho das hervas; tem parentes n'esta cidade. A isto chegamos. Já lhes não basta a terra natal! a d'elle, a nossa, a minha terra natal!

— Nunca hão-de ser nada!...

A pouco e pouco foi mudando tudo. Cançamos de acreditar no mundo sob palavra e de jurar na fé dos padrinhos que as transparentes filhas de Albion não comiam um kilo de carne por dia, que Paris era uma terra tão alegre que vivia toda a gente por lá a dançar na corda, e que os mandarins, na China, andavam sempre mais ou menos abotoados, de chapéo de sol na mão, passeando em jardins de uma relvã côr de cenoura!... Os litteratos reagiram contra isto. E então, de repente, toca a encher as malas e a partir. Como foi isto,

e porque foi isto nunca se soube; partiam, e, pouco depois, um livro, uma duzia de livros, um cento de livros! Diacho! José Felix Henriques Nogueira escreve a sua viagem á França; José Mesquita da Rosa a sua viagem á Inglaterra; vai-se deitando fóra, de anno para anno, maior porção do fervor de anachoreta que nos distinguia; principia a perguntar-se todos os mezes nos livreiros se ha algum livro novo de viajante: apparecem hoje as *Viagens na terra alheia*, de Teixeira de Vasconcellos, ámanhã *Em Paris*, de Ramalho Ortigão, no outro dia *Em Madrid*, de Pinheiro Chagas; vem as *Descrições de viagens á Hespanha*, de Oliveira Pires, de Albano Coutinho Junior, de Pereira Rodrigues, de Costa Goodolfim; veem logo as *Jornadas*, de Thomaz Ribeiro, as *Viagens*, de Gama e Abreu; em seguida *Vienna e a Exposição, De Lisboa ao Cairo*, do visconde de Benalcanfôr; as *Viagens* de Luciano Cordeiro, e esse então rompe em accusar severamente os que «se occupam sempre na viagem á roda do Rocio em que se embrenham e proseguem não ha muitos mezes mas ha muitos annos» com o mesmo enfado e o mesmo espanto com que, ha poucos annos ainda o tratariam a elle, se nos viesse dizer que havia ido á Hespanha, França, Baden, Wurtemberg, Baviera, Austria e Italia, e que «o homem que morre depois de ter corrido o mundo viveu mais do que aquelle que consumiu igual tempo a andar e a

desandar no mesmo palmo de terra em que nasceu» :

—É hereje! gritar-lhe-hiamos. Este homem tem rancor ao berço! Até acha bom vêr terras, cuja lingua uma pessoa ignore, experimentando por esse modo os effeitos graciosos de ser surdo, isto é, vêr mexer os beiços sem apanhar a intenção e ter de interpretar o gesto, o olhar, os promenores da physionomia, exercitando-se na mimica e na adivinhação! É um libertino! Não quer saber dos seus! Abandonou a familia! É um malvado! Isso é peor que os Brandões todos juntos!

E o mais curioso é que está para acabar esta febre de viagens, de viajantes, e, principalmente, de viajantes que escrevam as viagens. Começaram os litteratos essa moda, elles proprios lhe vão pôr fim. Ainda viajar... vamos: mas escrever isso! Se o author contar singelamente o que viu, tem o perigo de descambar facilmente n'uma giga-joga pessoal com ares vaidosos de quem se deleita em estar em scena: se escolher tres pontos importantes e dissertar a respeito d'elles, sem nos dizer nunca a que horas se levantou nem o que comeu, arrisca-se a nem sequer enfadar, por não chegar a ser lido; se estudar um paiz pelas conversações e quizer fazel-o perceber aos outros em anedotas, estará perdido em as anedotas lhe não acudindo naturalmente, e ficará parecido com o outro que sabia só uma historia, a historia de um tiro, e que,

para poder impingil-a, perguntava intempestivamente aos circumstantes :

— Ó senhores, não ouviram um tiro?

— Hein?

— Não ouviram agora um tiro?

— Não.

— Pois pareceu-me.

Pausa.

D'alli a nada :

— A proposito de tiro, lembra-me agora e sempre lhes quero contar...

E contava a historia!

Outro systema ainda, e não poderíamos desco-
nhecer que talvez seja o que entretem mais, é
mentir muito, mentir sempre. Que viu e que lhe
succedeu, que presenceou, que estava em compa-
nhia d'este que fez, d'aquelle que contou, de outro
que morreu: tudo casos rarissimos, e noticia ain-
da de gente mais rara... Falla-se por exemplo de
caçadas, e o author viajante deve contar qualquer
caso curioso: — Por lá assisti a muitas, e boas.
De uma vez fôra convidado por um amigo *mus-
siú* fulano, que matou á minha vista cem bufalos
com a mesma bala. É o maior caçador que tem
vindo ao mundo. Atira tão bem que depois de ca-
da tiro ia buscar o projectil á orelha do animal,
que estendera de vez!

O leitor hesita, desconfia, coça o nariz — que
é o movimento de quem está mentindo, e tambem
o de quem observa que se lhe mentiu; mas o livro

sabe seduzil-o, conta-lhe cousas ora engraçadas, ora horrorosas; vai para um terror, sahe-se com um chiste: nunca se sabe o caminho das cousas: falla-se de um almoço, e depara-se com uma conquista: vai-se para a conquista, surge um duello: vai o homem a embarcar, cahe ao mar: salvam-o, arranja uma aventura: experimenta por lá de tudo: trata com a alta politica, a alta litteratura; todos teem com elle as maiores attenções; chega a fazer lembrar aquelle homem que cahira em poder dos arabes, e dizia depois:

— Trataram-me nas palminhas! Desfaziam-se em obsequios e offerecimentos, de que eu aliás não quiz utilizar-me. Até queriam fazer-me eunucho; recusei tudo!...

Entretanto o leitor quando fecha o livro resmungo:

— Este patacoada esteve a desfrutar-me!...

Ah! É muito difficil. E depois, é preciso dizer cousas que quem as escreve é o primeiro a saber que não interessam á altura do que valem, e dizer com alegria muitas que não lhe interessam a si, mas que interessam a quem lê.

O ir simplesmente fóra da terra, isto é, o deitar só até Pedroços, Oeiras, Paço d'Arcos, Bemfica, Lumiar, a jucunda Ameixoeira, Cascaes, Cintra, Figueira, Nazareth, substitue com elegancia as longas ausencias da patria, e tem as vantagens de sahir mais barato e de facultar com maior frequencia o apparecer citado nos jornaes. Se o ho-

mem vai para França, não se falla mais n'elle: se vai para a Ericceira, temos noticias suas todos os dias nas folhas da capital em interessantes correspondencias, que nos descrevem como elle por lá come, como anda vestido, e em que danças toma parte, no club, á noite.

Distracções a que não se liga importancia na cidade mudam-se logo em divertimentos quando vão surprehender-nos a algumas leguas de Lisboa. O theatro, por exemplo! Com que anciedade se espera a representação de algum velho drama, cançado, e *batido* — em phrase theatral — que cinco ou seis artistas de pouco acredora nomeada vão de subito interpretar no tablado de um pardieiro tantas vezes digno da composição e dos interpretes.

É o *Fernando ou o Juramento*, d'aquelle Braz Martins que teve outr'ora a sua estrella e a sua moda e a quem foi dada a suprema amargura dos triumphadores, de assistirem nos ultimos annos da vida ao fugir da moda que os acolhera, ao apagar da estrella que parecia acompanhal-os.

É a *Pobre das ruinas*, de Mendes Leal, mais pobre e arruinada que nunca! É tambem para variar e por maior tentamen alguma peça moderna, a mais festejada, a mais difficil e que por isso mesmo elles timbram em offerecer ás localidades longinquas, a *Morgadinha de Val Flôr*, a *Fernanda*.

Pelos arlequins a mesma dedicação, o mesmo entusiasmo; maior ainda. Dispensado do enfado da declamação e de ajoujar o espirito com o peso

da palavra, o publico applaude de preferencia n'essas regiões alguma companhia de saltimbancos que se proponha a delcital-o simplesmente com espectaculos de gymnastica e de pantomima.

No dia da primeira funcção, vai toda a gente que está a ares ou a banhos comprar bilhete com antecedencia e vêr os artistas.

O administrador da localidade vem sempre alli fazer os seus cumprimentos.

— Minhas senhoras, aqui lhes proporciono esta festa.

— Muito obrigado, senhor administrador!

— Não são mausinhos, diz a authoridade em tom de confidencia. Tenho visto peor em Lisboa.

— Ora! Por essa estamos nós!

— Ahi vem elles para o estrado! Olhe que tem bem bom ar!

— Tem bom cabello aquella artista! diz um lisboeta com ares de entendedor.

— Quem sabe se é d'ella? retruca um elegante do sitio, que desdenha de tudo que o cerca, e finge suspirar por Lisboa a pretexto de qualquer cousa. Mulher com bom cabello, aqui, n'uma terra d'estas!

— Ai! com certeza o cabello é d'ella, acode uma senhora. Se fosse dos theatros de Lisboa, talvez não; mas n'estes theatros de fóra da terra não ha escripturas que rendam para cabello postigo. Custa mais caro do que se cuida! A minha prima, ha dous mezes, quando se casou quiz alugar uma

porção d'elle, para não estar a comprar só para aquelle dia... até á madrugada do outro, e não encontrou loja que estivesse pelo ajuste!

Um intrepido, sempre prompto para namorar a qualquer hora e em qualquer lugar, ouve em extasi a falla da varanda, e, chegando-se, arma conversação:

— São muitos artistas?

— Só eu sou oito! diz-lhe o palhaço. Mimico, gymnasta, deslocado, ventriloquo, bombo, cornetim, palhaço, velha, e ferrinhos! Estou n'isto como o peixe n'agua! Conhece-me em Lisboa toda a gente fina!

— Esta senhora é sua filha?

— Exacto. É a menina *milagrosa*: tem percorrido muitas capitaes, o que é preferivel mil vezes a alguma que houvesse percorrido... muitos capitães! Agora por precisar de banhos, viemos dar este passeio!

De onde brota, de onde sahe, essa vasta arlequinada que apparece em todas as terras do reino, que anda de terra em terra ao som de uma trombeta e de um tambor, preferindo isso a confundirem-se com os mais infimos, andar de rua em rua pela cidade?!

Quem o sabe ao certo, quem poderá nunca dizel-o, historial-o bem!? A provincia estima-os: as terras pequenas morrem por elles. São ellas a providencia d'essa pobre gente; das feiras sahem os tafues, os heroes, os artistas, os senhores; mas es-

tes, que andam sempre na estrada, quasi esmolando de aldêa em aldêa, dançando, obrigando a saltar as crianças, fazendo dançar o macaquinho, trombeando, moendo musica n'um cornetim velho, mostrando as habilidades do cão, e do burro... Como foi isso? Como succedeu terem essa idéa?... De umas vezes o ranchinho fórma-se a pouco e pouco; de outras, á mercê do acaso. É simples, por fim de tudo, e triste. Um patusco toca flauta, e bebe vinho. Para uma tarde de espera de touros, reúne-se a tres ou quatro amigos e vão juntos á festa e ao petisco. Um dos amigos toca guitarra. Á noite ha concerto; — os outros dous cantam. A retirada é vagarosa, o dia immediato corre tristemente, com saudades de já haver passado o da vespera.

— Se aqui estivesse o Mathias!

— Oh!

— Mais a guitarra d'elle!

— E a voz do Anacleto!

— Que *tinor!*

— No sabbado não ha mais remedio senão voltarmos áquella recreação! Hi Jesus, que tarde aquella! Que *pagode de musica!*

Voltam no sabbado. D'essa vez, ao cahir da noite, já as mulheres, que os acompanharam, fazem côro cantando com ellés. Alli se come e se bebe alegremente, alli se gasta n'aquellas quatro horas de folia a feria de meia semana. Por gracejo, dous pimpões joviaes, que estão de rancho n'outra mesa, atiram um pataco, cada um, aos do concerto...

— Lá vai troco, ó rapaziada!

Grande riso.

O da flauta, influido de gloria, levanta-se todo lepidó, e vai, como quem brinca, de chapéo na mão e braço estendido, de mesa em mesa a pedir para a musica.

As mulheres a rirem de gosto, torcem-se que parecem doudas!

— Quanto tirastes, ó Zeferino?

— Doze e meio, responde Zeferino, de risota.

— Vamos a outra horta, que eu tambem quero fazer rateio. Sempre desejo vêr qual de nós tira mais! acode Mathias.

— O que?! retruca uma das mulheres, achando-lhe n'isto a maior graça. Pois vossês são capazes de ir tocar por dinheiro?

— Não, brinca! redargue Anacleto.

— Fazem elles bem! acode uma das mulheres, e eu vou cantar que tem diacho, para que o meu homem tire mais que o teu!

— Vamos lá a vêr isso!

— É já.

E vão á outra horta proxima, e tocam, e cantam, e pedem. Vai tudo de galhofa, e de galhofa vão pedindo e recebendo.

Á noite repartem-se dous tostões por cabeça.

— Então foi bom, ou foi mau? perguntou Mathias dando um piparote no chapéo.

— Foi *fatia!*

Chega alguma festa popular, um arraial nos

suburbios, uma tourada em Almada: — vão de rancho, feitos artistas nomados, ponderam que ninguém os conhece, e assim se habitua de vez a estas romarias pedinchonas.

Quando querem voltar para o seu officio, é tarde.

A uns já os patrões os não querem.

A outros o corpo mesmo se lhes está a recusar a isso.

Principia então a vida airada, alegria e desordem, bambócha e miseria, todas as folias, todas as tristezas, todas as tentativas, experiencias, loucuras, perigos, mágoas e jubilos, quédas e triumphos de existencia sem rei nem roque, que começa no pandego e acaba no arlequim.

Das feiras, das frescatas, conhecem sempre um saltimbanco ou outro. Dizem-lhe um bello dia:

— Para onde vai agora a barraca?

— Para Setubal.

— Bem podia o amigo escripturar-nos.

— Que sabem vossês fazer?

— Tudo.

— Vossês tocam rabeça?

— Tocamos guitarra, que é a mesma cousa.

— E dançam?

— Cantamos, que vem a dar na mesma!

— Não ha duvida. Vem a dar na mesma. Mas deveras cantam?

— Damos as notas em mimica, o que ainda fica mais curioso.

— *Clarório!* A pantomima é tudo, até no canto; póde substituil-o ricamente.

— Com vantagem.

— Com vantagem, porque não se desafina!

— Ahi vai gesto; mão no peito do lado esquerdo, significa « coração, amor, amizade, affecto, facada, ferida, dôr, uma pontada, ebriedade amantissima, e artigos de morte. » Está corrente?

— Já vejo que sabes.

— Mão na cabeça significa: cogitação, uma boa idéa, queixa de não ter juizo, retentiva, remorso, esperança e enxaqueca.

— Sabes, sabes!

— Dedo para o ar quer dizer: « céo, poder divino, um passaro, nuvem, juramento, praga... »

— Está direito. Basta! És optimo. Põe as mãos no chão!

— As mãos no chão, para quê?

— No caso de ser preciso alguma vez figurares de macaco, chimpanzé, gorilha, homem dos bosques.

Palavras não são ditas,—salto, pulo, pernas para o ar, pirueta e cambalhota.

Está baptisado arlequim.

Tu arlequinus eris!

É ir para as barracas! A Cartago!.. Mas, nas barracas não fazem carreira. Tudo é preciso aprender, esses não aprenderam nunca.

— Tu não és arlequim, diabo! Tu nunca foste arlequim!

Mas, já é tarde: já não podem deixar aquella vida e aquella miseria. A differença é que a miseria da vida d'elles vai ainda ser peor: em vez das feiras e das barracas de Lisboa, teem de emigrar para a estrada, e ir correndo com a trouxa de terra em terra. Compram então um artista, que já sabe, que sabe mais do que elles, e partem á sua sombra benefica. É o burro!

Por entre a alegria mais ou menos sincera com que a gente das cidades sauda durante dous mezes do anno o viver do campo em tudo, por tudo, rompe, de mais a mais, a nota entusiastica dos poetas cantando delicias e teimando que não ha existencia como aquella, nem felicidade, nem amores como alli.

Tudo peta; e, de algum modo, tudo vaidade armada ao effeito para Lisboa. Não sendo aqui muito queridos das bellas, nem tendo elles proprios grande paixão pelo *femeaço*, representam de longe estar em maré de conquistas e fazerem por lá mil cousas qual d'ellas mais deliciosa e arriscada á sombra do arvoredado, perdidos nos bosques, ou á noite, na praia ou no mar. . .

Historias da vida!

São os unicos talvez que não se divertem no campo; por isso fazem ponto de honra de o cantar.

Porque, é preciso uma pessoa dizer as cousas como ellas são, as mulheres em geral não gostam de poetas. As portuguezas, principalmente. E tam-

bem as outras, isso é verdade; mas sobretudo as nossas. . .

Todas as épocas em Portugal teem uma raivinha de predilecção, argumento sem replica, *ultima ratio*, contra a qual não ha que replicar, por ser ao mesmo tempo absurda e victoriosa. Tem sempre sido assim na politica, na arte, e nas letras. Houve tempo em que a injuria suprema, com que os cortezãos do poder fechavam a bocca a todas as objecções, era ser republicano; depois foi acoidado de retrogrado, de repente, sem se saber porque, todo o pobre homem que continuou a ser como era, a viver como vivia, a pensar como pensava; os operarios, que estão agora outra vez na voga pelas *grèves*, estiveram por um momento em moda pelas associações e pelos jornaes: a mocidade partiu com a mania dominante da economia politica, e foi dar comsigo na política sem economia: chamou-se a isso progresso; d'alli a pouco, como se um furacão nos tivesse voltado, já não embirravamos senão com os progressistas; as comedias, os jornaes, a rua, tudo mettia o progresso á bulha; dizia-se de qualquer cousa ridicula, prejudicial, ou futil: — «É o progresso!» —; foi-se embirrando successivamente com uns poucos de grupos: um homem andava pelo seu pé, ou parava ou punha o chapéo, ou tirava-o, ou respirava, ou tossia, — era *cabralista*; o homem depois tossia, ou respirava, ou punha o chapéo, ou tirava-o, ou parava, ou ia andando, era *pé fresco*, era *lazarista*, era vi-

ctorinacio, era *possidonio*, ou peor do que tudo, era *litterato*; agora então se o homem é *poeta*, isso já não é só o cumulo da malvadez, é a aberração da rusticidade de matuto.

De que provém isto?

Que não se faça caso d'elles depois de morrerem, já estava estabelecido entre nós ha muito tempo; se lhes quizermos visitar os tumulos, communica com elles através do tempo e do espaço, inspirar-nos pelo seu coração e erguer a nossa fraqueza á altura da sua virilidade, não sabemos a que porta ir bater. A França tem o Pantheon; a Inglaterra tem a abbadia gothica de Westminster, onde estão reunidos com os soberanos, partilhando com elles das honras e poderio da celebridade, os homens que deram lustre á patria pelo seu talento, e que dormem alli, no silencio dos mortos, cercados do respeito dos vivos; a Italia tem Santa Croce, que conserva em tumulos de marmore no centro das maravilhas artisticas dos seculos a memoria dos que foram illustres; mas nós não chegamos sequer a saber onde os nossos nasceram, nem morreram: os antigos, nem pensamos n'isso: dos mais recentes tambem não queremos saber, esquecemos e vamos-lhes pisando as cinzas; estão por ahi algures, espalhados pelas igrejas, pelos cemiterios, em Lisbôa, nas provincias, no estrangeiro, esquecidos na confusão das campas ou no tumulto das hervas e das sarças.

É talvez bem entendido assim; morreram, mor-

reram; vamos a outros. Mas o peor é que, pelos modos, não queremos outros e parece que não se nos daria de matar os que estão vivos! Que as senhoras por via de regra não gostavam muito d'elles, isso já se sabia; um ou outro dizia o contrario, mas era basofia: mas agora os homens tomaram-lhes quisilia de repente; isto é que é singular!

É triste de referir, bem sei, é muito triste de referir que elles em todos os tempos hajam feito poucas conquistas, mas a verdade exige que o digamos; é notorio que elles nos versos apregôam o contrario, — porém, para disfarçar os fiascos, provavelmente, e por isso recorrem sempre a figurar que no campo é que são amados, no campo é que são felizes. . . Ballelas! Mas emfim, precisam d'isso para se illudirem. . . Que se lhes ha-de fazer?

Canções, apesar d'elle dizer na canção v:

De amor escrevo, de amor trato e vivo

escreveu bem, tratou mal, e viveu peor; grandioso, idealista, namorou-se de Catharina, ficou sem um olho por causa d'ella — pois que por causa d'ella foi desterrado, por causa d'ella embarcou para a Africa, por causa d'ella combateu em Ceuta onde o perdeu; namorou-se da patria como se visse n'ella uma amante, e a patria principiou por lhe dar quinze mil reis por anno depois de elle ir lôr ao paço *Os Lusíadas*, e acabou por não lhe pagar a tença deixando-o morrer á fome, se o Jáo

que nem era a patria nem era mulher, não fosse para o Pote das Almas pedir esmola para elle.

O que foi Beatriz para o Dante? Uma raparigota despreoccupada, meia ventoinha, que lhe tomava as declarações por doudices, e ria a bandeiras despregadas — diz a historia que com o pretexto de o considerar moço de mais para ella. Casou com outro quando bem lhe pareceu, esqueceu o vate que tão magnificamente ficou a lembrar-se d'ella, e pôz em vida n'um inferno o coração do poeta, que, por unica vingança, quando ella morreu a levou para o paraiso nas suas divinas rimas!

São tão notorios os rigores de Laura para com Petrarcha, o *casto* Petrarcha, como os sonetos em que o poeta suspira e anda aos ais sem cuidar de outra cousa senão d'essa paixão, como o abbade Serra, paixão unica na sua existencia, que tão mal paga foi e nunca lhe serviu senão para andar n'essa eterna pasmaceira!

O namoro de Torcato Tasso com Leonor não foi mais feliz nem mais acertado e bem aceito do que o de Ovidio; alcançou-lhe só o cahir das boas graças do duque de Ferrara, e dar occasiões ao poeta de compôr a tal respeito um soneto em que se compára a Icaro, que expirou victima... de uma mania arriscada!

Milton foi desastradissimo nos affectos; uma verdadeira lastima; nem sequer conseguiu que a mulher gostasse d'elle: — mais ainda, não conse-

guiu sequer que ella fingisse. Diz-se que era mulher insupportavel de genio; e até me persuado que para se vingar do sexo que o amofinára é que elle cantou as culpas de Eva e o mal que d'ahi proveio.

Bernardim Ribeiro fez sempre triste figura; o monólogo da donzella na *Menina e moça* diz assim fallando do livro d'ello: — «Para uma só pessoa podia elle ser, mas d'esta não soube eu mais parte d'elle, pois que as suas desditas e as minhas o levaram para longes terras estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum.» Historias! Podia elle não ter prazer nenhum, e tanto peor para elle, mas o caso é que se assegura haver-lhe a princeza voltado a cara quando lhe appareceu estropeado da longa peregrinação que emprehendera por amor d'ella.

E então o Chatterton? Na tragedia unicamente é que apparece Katty Bell, cobrindo com a sua dedicação como se fôra com um véo branco, os ultimos momentos do poeta; na historia o caso é outro, Chatterton morreu sósinho, esquecido, abandonado, em casa de uma hospedeira velha que o conservára por ter dó d'elle; encontrou-se-lhe em cima da mesa, em vez de um retrato, uma madeixa de cabellos louros e cartas de uma mulher, — um copo sujo de não sei que beberagem que levára arsenico!

O que não se tem fallado das amantes de Byron, applicando ao poeta a balda de se personifi-

car em todos os heroes dos seus poemas! Todavia o que faz desconfiar que elle não foi tão grande conquistador como parece, é vê-lo a gente voltar de vez em quando humilde e supplicante para junto de sua mulher, ingleza secca e estitica, á qual um homem da tempera e do orgulho d'elle, haveria renunciado por uma vez se tivesse encontrado na vida alguma das sublimes creaturas que descreve. Aquelle eterno volver a lady Byron parece desmentir as Eloydnes, as Annas, as Jennys, as Marias, que por este mundo de Christo com tanta liberalidade se lhe teem attribuido, e que elle proprio, de alguma maneira, pareceu negar não deixando a Flétcher recados por sua morte senão para para a filha, para a irmã, e para a mulher!

Bocage não deu comsigo em tão escandaloso desregramento de costumes, senão por lhe ser esquivia a fortuna de encontrar alguns amores que o consolassem. Foi como aquelles viandantes, que, por terem sêde e não encontrarem fonte limpida, vão beber aos charcos. Talvez que a libertinagem de muitas das suas poesias, aliás admiraveis sempre, não fossem mais do que tirar a desforra; Gertruria preferira-lhe um bacharel!

O caso ultimamente tem mudado alguma cousa, por dous motivos. Primeiro, por não haver já poetas entre nós que façam vida d'isso; desappareceu de todo o poeta errante, de cotovêlos rotos, mendigando o pão de porta em porta, ou fazendo um soneto para apanhar um jantar. Segundo, por-

que a moda agora protege-os o quanto basta para os deixar recitar versos ao piano, e sem ser ao piano, a pretexto de tornar agradaveis as reuniões no que se chama passar a noite, e elles usam e abusam da sua prenda de inspirados e regalam-se de ouvir duzias de vezes por noite nos clubs e fóra da terra :

— Muito bem, snr. Dionysio !

— Que deleitosa recitação !

— Assim ainda não tínhamos ouvido !

— Oh ! é extraordinario ! Se o mano recitasse assim, podia viver-se feliz em casa !

— Forte estro !

— E que pausas !...

Conhecem que as senhoras a banhos os estimam muito mais, do que as senhoras a secco, isto é, as senhoras da cidade, e d'ahi concluem que a formosura já não é para elles como os cachos de uva em pintura que os passaros iam debicar no quadro antigo, e, ainda o verão lá vem em casa de Deus verdadeiro, já elles estão a suspirar pelas dôces noites de Paço d'Arcos, da Ericeira, de Caxias, de Nazareth, ou de Cascaes !

Depois, para não poderem ser accusados de exclusivo *high-life*, nas suas correspondencias, folhetins, e livros a respeito d'essas terras e d'essa maneira de viver, largam a sovar a gente por sermos uns brutos que nos deixamos durar em Lisboa, indo á repartição de dia e ao Passeio Publico á noite, e aqui d'el-rei que só imbecis da nossa força é

que resistem a deixar tudo, familia, interesses e amores, para ir tomar banhos lá n'essas praias e atural-os a elles lá n'esses clubs, e tudo são elogios ao campo, á gente do campo, á nobreza de qualidades e de intelligencia d'essa sucia toda.

Para elles só Lisboa é estúpida.

O Caramujo, em comparação de Lisboa, é um eldorado! Bemfica, o Lumiar, Cacilhas, Pedreiro, Alcolena... Fallem-nos n'isso. Mas Lisboa, safá!

O lavrador, que, em Portugal, por enquanto, salvas honrosas excepções, tem sido sempre, ou rotineiro, ou amador, rotineiro que faz o que fazia o pai e o que fazia o avô, pela mesma fórma exactamente por que o avô e o pai faziam, respondendo, quando se lhe explica haver esta e aquella novidade, que não vale a pena mudar de vida por uma novidade só: retrucando, quando lhe dizem que ha muitas, que ha centos d'ellas, que ha tudo mudado, differente, novo, que não tem tempo para ouvir, que nunca foi seu costume assignar para os jornaes estrangeiros da especialidade, e isso por duas razões, primeira porque os não entende, visto estarem em lingua estrangeira; segunda porque não quer aprender para os entender; passa nas correspondencias de jornaes, nos mezes de tomar ares, por ser um *antigo*, um typo heroico!

Algum, que tem uma fazenda, ou duas, ou dezoito, ou uma horta só, e de vez em quando, em lá indo á terra alguém de Lisboa, que elle considere entendido, lhe arma conversação a esse respeito,

ouve para alli tres ou quatro cousas, esquecem-lhe duas ou tres, fica-lhe uma, applica essa, umas vezes bem, outras ao acaso, entretem-se com isso, é rico, ri-se do resto, não toma o caso a peito para o resto não se rir d'elle; quando vem a Lisboa lê dous artigos no Gremio: se acontece haver por cá alguma conferencia na associação de Agricultura vai lá um bocado, ouve metade, durante a outra metade explica a proposito d'isso a uma pessoa que lhe fica ao lado o que foi que fez na sua propriedade: quando quer ouvir mais, já perdeu o fio á conferencia, sahe d'alli com a satisfação de haver passado uma hora menos mal; no dia immediato, deixa Lisboa, chega a casa, vai á fazenda, e continúa a entreter-se. Passa logo nos jornaes de julho a outubro a ser um homem eminente, que tem por lá feito grandes raridades, possui plantas das cinco partes do mundo, tem gasto um dinheirão para as procurar, para as agrupar, para as alimentar debaixo da nossa zona, sempre muito temperada e o mais é historia, gozando-se de uma arvore, que não ha outra assim na Europa... E o homem lê essas cousas, capacita-se, e quando lá vão alguns amigos visital-os, teem que vêr e que ouvir:

— Já te mostrei a minha arvore?

— Ainda não!

— Vamos lá vê-la depois de jantar, ou amanhã cedo, antes de almoço! Que arvore! É a que veio nos jornaes!...

E a arvore admiravel está a crescer-lhe ha muitos annos diante dos olhos, e elle ainda á espera de a vêr florir.

— Então, quando é que ella ha-de dar flôr? diz elle ás vezes comsigo, em cada primavera.

Passa a primavera, vem o outono, e a preciosa arvore não deu senão folhas.

Depois para o outro abril, pergunta uma manhã ao caseiro :

— Ó Antonio Mattoso...

— Dirá vossa excellencia, snr. Rapozinhos...

— Como vai a arvore?

— A arvore vai bem, excellentissimo senhor. Está rijita, e está verdica, e está bonitica! Até eu gostava que vossa excellencia a visse.

— Pois sim, Antonio Mattoso, já lá vou...

E, voltando-se para o criado:

— Ó Matheus, dá cá o meu chapéo de aba larga, o meu chapéo de lavrador, como me descrevia *o aquelle* no jornal. Vou á fazenda!...

E vai com effeito á fazenda, tão depressa o Mattoso lhe dá o seu chapéo de lavrador, dizendo pelo caminho ás pessoas que encontra, algumas das quaes tambem são, mais ou menos, membros da irmandade horticola :

— Cá vamos á lida!

— Não ha mais remedio.

— Que tal vai a novidade, lá no que é seu?

— Vai bem. Este anno tenho alli feito cousas que até parece incrivel!

—Tambem eu. Nem eu sei no que a gente se mette!

—Diz bem. Chego a ter susto.

—Emfim! É ir para diante!

A arvore está na mesma.

D'esta vez, os jornaes dizem já pela penna inspirada do seu correspondente: Prepara-se um grande piquenique na vasta quinta do esclarecido lavrador Raposinhos! Como se ha-de passar bem á sombra da frondosa arvore d'este nosso amigo, e eminente lavrador!

—Gosto d'este diabo do Dionysio! diz Raposinhos. Escreve bem. A graça que elle acha á minha arvore! Tem talento! Aquelle diabo tem talento!

Emquanto os piqueniques se apresentam como a melhor das festas — em letra redonda — e como uma grande insipidez e uma *massada* inaturavel no que devéras são, moendo toda a gente por diversos modos, mas a todos no corpo, . . . no espirito a nenhum . . . por ausencia, succede ás vezes um caso curioso, é ir a graça na estrada.

Sabem quem a tem?

Sabem quem é?

São os arrieiros que conduzem nos seus machos os caixotes e os bahús com as iguarias. Os convivas não teem graça, mas os recoveiros teem espirito por elles.

De uma occasião encontrei uns poucos, que eram impagaveis. Pouco antes de chegar a Obi-

dos, indo do lado do Cadaval, encontra-se a capelinha do Senhor da Pedra. Eu ia vê-la, e succedeu-me o encontrar e seguir depois, de rancho, com uns almocreves; topára-os na estrada em companhia de um pobre homem que fôra encarregado de encaixotar as comidas e bebidas que uma quantidade de creaturas lhe haviam dado nas Caldas para este fazer conduzir a uma quinta nas proximidades de Obidos, onde se dava um piquenique.

Entretinham-se elles em contar ao bem intencionado conductor piqueniqueiro as historias mais aterradoras de ladrões, rindo entre si dos sustos que lhe mettiam no corpo, e da idéa de que elle iria contar tudo isso ás senhoras que faziam parte da festa. Já se fallára de venenos subtilissimos. O outro ia escutando tudo com a attenção mais cortez, e esboghava os olhos á proporção que ouvia agora enumerar a quantidade de salteadores que aquelles intrepidados almocreves haviam assassinado ou posto em fuga.

— Só eu á minha parte matei quatorze n'uma tarde — de quarta-feira de Cinza por tal signal! disse um.

— E olhe que elles não tardam comnosco. Vossês verão! Ahi mais adiante é o covil d'esses Diogos Alves!...

— Vossemecê é lá da cidade, senhor? perguntou um d'elles ao viandante.

O homem respondeu por gesto affirmativo.

— Em que se emprega, se não é segredo?

— Sou cereeiro.

— Benza-o Deus! Pena é que d'aqui a nada tenha de se derreter com o medo!

— Não me derreto assim! Tenho visto ladrões de todos os feitios, e, mal comparado, ainda mais mal encarados que vossês!

— É favor que nos faz!

— De mais a mais, se me derretesse, que trans-torno para o piquenique!

— Estes sitios aqui mettem medo! Sempre ó afoutar-se a muito ir comer e beber em lugares assim! Aqui tive eu uma namorada, que quatro vezes casou, e a quem sempre morriam os maridos tão depressa eu lhe apparecia. A justiça que já estava de aviso, deu sobre mim e prendeu-me. Casaram-a outra vez os paes, levando-a a outra parte, e com um rapaz chamado Fabricio, homem rico, que morava n'uma quinta sua ou herdade, onde tinha um pomar fresquissimo. E porque, quando lho levaram a mulher a gente d'aquelle sitio lhe chamou a *menina* que casou por causa d'aquelle diabo, que vinha a ser eu, ficou-se temendo d'alli em diante este sitio!

— Mas os ladrões? Que é dos ladrões, com dez mil diabos?

— Já lá vamos. Não se me secca a bocca! Um moço que me acompanhava, agarrado com perdão de vossemecês ao rabo do macho, como é costume n'aquellas terras, tão depressa chegamos ao lugar

citado, largou a berrar e a fugir como se tivera o demo no corpo, e, palavras não eram ditas, surde-me um pimpão de cabelo á escovinha e barba até á cintura, e, atraz d'este, outro pimpão de barba aparada e cabelo até aos rins, sem fallarmos n'outro que vinha atraz d'elles, o qual fazia caracoes nas sobrançellas!...

— Safa! murmuravam os almocreves principiando a tomar a cousa a serio. E vai depois?

— Depois, salto-me no de cabelo á escovinha, e espeto dous dedos das mãos, que lhe levo direitas á cara, com tal felicidade que ao tirar-lhe os olhos fil-o morrer com a dôr!

Os recoveiros olharam-se em silencio.

— E os outros dous?

— Os outros dous ficaram sobresaltados pelo meu desembaraço, e foi o que me valeu por me dar tempo a tirar a carabina ao morto e disparar um maganão de um tiro n'um dos dous meliantes, que deu o ultimo ai cobrindo-me todo com um olhar de pasmo!

— Mas o terceiro? O terceiro teve tempo por força de lhe dar a vossê cabo do canastro!

— Teve sim. Isso é que foi um passo! Porque, conforme lhes disse, eu matei os dous...

— Está sabido, mas o terceiro?

— O terceiro, sou obrigado a confessal-o, matou-me a mim!

Os almocreves contemplaram o cereeiro, que os havia desfrutado durante um quarto de legua, e,

sem se quizilarem nem se rirem, ficavam calados dignamente.

Ah! coitado!

Já é preciso que elle seja bom a valer, o amigo campo, para haver resistido sem cahir no ridiculo a tantos elogios de litteratos!

Andam moídos os leitores se lhes estão sempre a fallar da relva que o vento balouça, do aroma do mato agreste, da graça com que as urzes se enraizam nas fendas dos roccados, do supremo bem de avistar unicamente montes e charnecas, quando muito um casalinho aqui, outro além, e um pastoretto encarapitado n'um alto como que suspenso entre a terra e o céu... Até o campo já deve estar aborrecido de tanto palavriado e tanto louvor, por desejar mais estradas e menos elogios!

É tudo isso enthusiasmo frio.

Enternecimento pelo campo, para lá não ir. O campo deve dizer comsigo: « Quem serão estes senhores que tanto bem me querem, e nunca me veem vêr? » Unicamente Cintra os apanha alguma vez, e isso mesmo porque maneira... Ou o sujeito apparece em Cintra para montar n'um burro e ir á Peninha, da Peninha montar outra vez no burro e ir para Santo Antonio dos Capuchos, de Santo Antonio dos Capuchos montar no burro outra vez e ir para Collares, e á noite voltar ao hotel previamente montado no burro para se apeiar desfallecido; ou leva d'aqui um romance na algibeira, senta-se por lá debaixo de uma arvore, a lêr, a

lêr, a lêr, e volta á tarde para Lisboa no omnibus; ou chega lá de bota de polimento, veste-se para fazer visitas, pelas hospedarias e casas particulares, visitando familias das suas relações, á tarde veste-se para passeio e vai até á estrada nova, á noite veste-se com mais preparo e vai jogar o *wisth* n'uma casa de cerimonia, e no dia immediato recomeça a mesma vida, e assim por diante, sempre de bota de polimento!

Nada d'isto os impede de se extasiarem em letra redonda, contando as delicias da liberdade do campo; e ainda se o louvassem no que elle tem de bom, bem ia o caso, mas os jornaes e os livros quasi sempre entôam hymnos ao campo pelo que não presta n'elle, ou ao que elle nem sequer tem; são como os escriptores de necrologios, que preferem quasi sempre um defunto pouco conhecido, por lhes ser mais commodo tratarem no seu artigo de virtudes que inventam, e, em vez de terem de se prender á verdade, poderem chorar a capricho e livremente.

Se ha cousa por via de regra, pouco parecida com o campo verdadeiro, campo a valer, é o campo que a litteratura descreve, armando-o e enfeitando-o, tanto a sabor do seu gosto e imaginação, que se uma pessoa mostrar á gente do campo, essas descripções que apparecem na cidade, a respeito da sua vida, sentimentos e costumes, não ha por lá ninguem que reconheça taes quadros, que se aviste em taes figuras, nem se escute a si mesmo

em taes palavras. O campo não se inventa nem se admira; é como o mar; vejam quantos escriptores de talento se teem entretido a descrever o mar, sem conseguirem a nota verdadeira, que tinham Francisco Bordallo, Lopes de Mendonça, que tem hoje, por exemplo, João Ribeiro Vianna; é que estes viram o mar, sem ser da praia nem do vaporzinho do snr. Burnay: o mesmo é para o campo. Quem não o conhecer de lá haver vivido, não de episodio, não por ter ido passar alli uns dias a tomar ares, ou em alegre romaria com gente sua, mas por se haver sujeitado ás condições especiaes d'essa existencia, de certo tranquilla e dôce a alguns respeitos, mas triste e agreste tambem, e sobre agreste selvagem, ha-de descrever sempre um campo de phantasia para onde nem ha caminho de ferro, nem diligencia, nem estrada, nem carreiro conhecido.

Demais a mais, não só ha aldêas em que a indole, os costumes, o viver, são completamente diversos de outros lugarejos, mas em geral a vida do campo está differentissima já do que era, em tudo por tudo. É como que outra gente. Ahi está, por exemplo, e quem vive lá fóra e que se lembra de ha trinta annos, ha-de ter observado isto, que os pobres que pediam esmola n'esse tempo não se pareciam absolutamente com os de agora. Eram uns velhos e umas velhas, com uma panella, uma cabaça, um cestinho, bichanando rezas á porta das casas. Sabia toda a gente de onde elles eram, co-

mo se chamavam, de onde vinham, para onde iam, e o que haviam feito na sua vida. Eram portadores de noticias, por elles se sabia toda a qualidade de cousa, que nunca viria a saber-se de outra maneira: eram as gazetas vivas, os *Diarios de Noticias* ambulantes das aldêas, onde não chegavam nunca a *Restauração*, o *Patriota*...

Agora já não ha vêl-os. Foram os verdadeiros pobresinhos. Agora em vez d'elles, apparecem uns, nem velhos nem derrengados, que surdem de tempo a tempo, sempre com historias que não interessam e em que não se trata senão d'elles, — que teem gente sua no hospital, que estão sem trabalho, que andam juntando para fazer uma festa que prometteram a um santo e a outro... Pergunta-se á criada, creatura antiga na casa:

— Quem é este pobre?

— Não sei.

— Costuma aqui passar?

— Nunca o vi, senão uma vez.

— Ha muito tempo?

— Já ha tempo bastante.

E disse.

Não conhecem ninguem individualmente, e ninguem os conhece a elles. Não rezam, nem estendem a mão. Se alguém lhes quer dar alguma incumbencia, recusam; se se lhes offerece um bocado de pão, não gostam. Dinheiro e vinho: senão, é praga certa.

O que agrada no campo a quem lá vai para

não se demorar, é a suave monotonia de vêr as mesmas cousas voltarem as mesmas vezes, a dôce paz da natureza que dá tambem paz ao espirito. Percebe-se que tudo alli está em ordem, cada cousa no seu lugar, e cada pessoa contente, conformando-se com a sorte que tem. É prova d'isso a difficuldade que ha no campo para alcançar que alguem vá fazer um recado a sitio um pouco longe. Ha um pequeno em cada aldêa que se presta a isso; se o pequeno adoece, adeus encomendas, está tudo perdido.

— Não haverá por ahi alguem para ir ao correio ?

— Isso é d'aqui uma legua, senhor !

— Bem sei; paga-se a quem lá fôr.

— Ha ahi o filho do Thiago, que costuma incumbir-se d'isso, mas esse agora está doente. Quando a Brizida padejava, havia portador duas vezes por semana para o correio, nos dias em que o homem d'ella levava o pão; mas elles agora já não cozem.

— E vossê não poderá arranjar alguem que...

— Eu cá não senhor.

E corre-se a aldêa com impaciencia, e vê-se cada um na sua lida, nas fazendas, nas adegas, nas hortas, e ouve-se-lhes invariavelmente esta resposta :

— Eu cá não posso lá ir, senhor, ando no meu trabalho !

A vantagem d'elles e a sua melhor recommen-

dação, é essa de estimarem o trabalho que teem, — cousa rara nas cidades, onde cada um detesta o seu, e, em vez de se applicar á sua especialidade e tratar de ser n'ella o melhor que possa, põe-se a olhar para cima, sem poder ter esperança de socego nem de felicidade, porque, quando mesmo logre trepar mais um degrau, continuará a olhar para cima, para cima sempre, e, em não podendo trepar, todo o seu gosto será fazer cair os outros.

Isso mesmo, porém, não tardará talvez em mudar e acabará por não se parecer com o que tem sido. A civilisação vai dando cabo d'elles, emquanto a litteratura continúa a contal-os no seu estado de innocencia primitiva. Estão já uns maganões! Não parecem os mesmos! Quando, por exemplo, elles iam d'antes votar, na grande occasião de eleições, tomavam isso muito a peito, e sahiam de casa em jejum, para não ficarem em duvida da segurança de razão e prudencia com que iam botar a lista. Agora já não votam senão depois de beber: ás vezes na estrada teem novo convite a nova pinga e a novas opiniões, e, como já não vão tão solidos nas suas convicções por terem bebido o que tinham que beber, preferem est'outro partido: chegam lá, votam e bebem. Na volta para casa veem alguma cousa tontos: a entrevista conjugal resente-se d'isso, a mulher ralha com o marido, o marido bate-lhe: concluem ella e os vizinhos que eleições e casamentos são instituições que não se harmonisam; a aldêa rosna, as mulhe-

res não querem levar pancada, as eleições no campo vão cahindo.

Ainda ha pouco tempo um sujeito, que vive lá fóra, devendo ir ás eleições e adoecendo-lhe o cavallo, pediu um burro emprestado a Zé Florido, que respondeu :

— Calha bem. Tambem eu fazia conta de lá ir. Toca a abalar.

Partem. No caminho, diz o Zé Florido :

— Perdôe a minha confiança, mas eu tambem vou votar, e fazia gosto de saber em quem vai votar v. exc.^a?

— Zé Florido, eu vou votar no *fulano*.

— *Home!* exclama Zé Florido. Então não vamos por ahi fóra cançar a besta. Eu ia votar no *beltrano*. Os nossos dous votos vem a ficar em nada, um desfaz o outro. Vamos para casa!

Está tudo mudado.

O campo dentro de pouco tempo terá só a vantagem de ter menos casas que a cidade, e por consequencia menos senhorios — o que é uma pechincha, visto ser moda agora embirrar com elles!

As cantatas bucolicas vão cahir de todo. O tempo actual está só para a industria, e a industria não é affeiçãoada nem ao campo nem ao lyrisimo.

A industria suprime os jardins...

Deita as arvores abaixo...

Volta costas ás meditações e devaneios dos amantes da natureza...

Não se importa com os riachos senão para fazer mover as machinas !

De mais a mais o camponio em Portugal não é poetico, não é sympathico como se diz nos jornaes.

É feio...

É bronco...

É apegado a interesses pequeninos, e tão miudo nos seus negocios, que, no caso de ir parar ao inferno, o que não é de crêr, seria capaz de resingar com o diabo por causa da fogueira e metter-lhe na cabeça que se gasta alli lenha de mais e que com dous cavacos poderia do mesmo feitio arder qualquer pessoa !

Os velhos do campo, por exemplo, são tristissimos. Teem o corpo dobrado pelo trabalho; lavam-se pouco de mais; são fuscros, encortiçados; teem os olhos a lagrimejar; testa curta e rugosa, cabello esgruviado, a sahir em farripas, de um chapéo immundo, ou de um barrete ignobil...

Nunca tiveram senão um amor na vida, a terra.

Paixão invencivel, permanente !

Serve-lhes sempre, a rigidez de porte, de capa ás ambições.

Mesmo quando estão a morrer ainda se esperam para dizerem a alguem, pondo-lhe a mão no hombro, carregando, segurando, como quem está em ancias de confessar o que quer que seja :

— Agora é que já não tenho precisão nem necessidade de vêr se arranjava aquillo...

Depois sorvendo um suspiro e como que resu-

mindo n'uma phrase a aspiração de toda essa existencia que chegou ao fio :

— Tinha aquella idéa... mas não pôde ser! Comprar isso tudo por ahi arriba, apanhar a adega do Joaquim, as fazendas do Elias, e amanhar por minha conta... Comprar tudo!...

Ao que a mulher retruca :

— Lá principia elle com as asneiras! Diz sempre a mesma cousa... Tudo é querer ser mais poderoso que os visinhos... Dorme!

A terra dá-lhes pouco, mas, quanto dinheiro tiverem, ninguem lhes falle de o empregarem de outro modo. Comprar terra! Terra!

Para algum mais desfavorecido da fortuna, a riqueza é os filhos.

Não podendo ter terra, quer ter homens.

Na cidade ha sempre quem diga por gala :

— Sou filho do meu trabalho!

O camponez prefere vir a dizer em velho :

— Sou o trabalho dos meus filhos!

Chamem-lhe tolo!

As mulheres trabalhando na sacha, na monda, á lagarta, á vindima, carregando como elles e não bebendo como elles, vêem nos filhos mais que riqueza: como nos costumes antigos, vêem a sua gloria em ter muitos!

Diz-se que uma dama grega, estando a mostrar a outra as joias que possuia, lhe ia dizendo:

— Como esta é bonita, não é?

— Bonita!

— E esta?

— Tambem bonita!

— E esta...

Depois:

— Agora deixe-me tambem vêr as suas!

A outra foi buscar os filhos:

— Aqui as tem! disse.

São assim as mulheres do campo.

Mas, diga-se toda a verdade, as suas joias não são de grande belleza nem parecem preciosas... á primeira vista!

São crianças fuscas...

Arripiadas...

Arrédias...

Fogem de quem passa...

Vão espreitar para um combro, ou detraz de um silvedo...

Riem de modo alvar, ou põem-se de uma serie-dade de gatos pingados; ora selvagens, á força de timidez, ora pedindo a benção a toda a gente, a este e áquelle a quem fallem.

Em todo o caso se a fecundidade é uma benção do céo, póde dizer-se que chovem benções no campo de todas as côres e feitos! Todos os annos as esposas dão um rapaz ou uma rapariga ao mundo, lestos e escoreitos!

Ás vezes estão essas dadivas do céo a cahirem n'uma aldêa, e, ao lado mesmo da casa que as recebe, muito bem recebidas, está no curral a vacca do camponez a ter um vitellino, e a ovelha um

cordeirinho, quando não são dous, e larga tudo aquillo a vagir e a balar com a melhor saude e prosperidade!

Segundo uns o melhor campo é o que não tem gente: os aldeões ás vezes tiram o encanto á natureza; Goethe indo com um amigo por umas terras de trigo e de cevada, fez-lhe, se é certo o que se diz, este singular pedido:

— Ó amigo meu, põe-te nu!

— Que me ponha nu!?

— Sim. Faz-me isso.

— Para quê!?

— Põe-te nu, e larga a andar por ahi fóra para eu poder confrontar bem o homem com a natureza, — caso de que nunca se me offereceu ensejo!

Não sei se os laponios mereceriam a Goethe igual convite; a mim, para interesse da natureza, acho melhor vê-la sem elles... mesmo vestidos!

A outra opinião mais seguida e mais moderna é que o campo melhor de todos é o povoado por gente de cidade, isto é, o *fóra da terra* de Pinheiro Chagas, os sitios elegantes que elle tão primorosamente conta e historia n'esta obra, e que são no verão e no outono o refugio da gente da moda, ao ponto de dizerem sempre os noticiarios por essa época:

Lisboa não está em Lisboa!

De modo que, o que nós dizemos e chamamos *fóra da terra* vem a ser o que ha mais Lisboa, a

Lisboa pura, a Lisboa que tem meios, que vive, a que é propriamente Lisboa!

As inversões amphibologicas, as sillepsees incoherentes, as designações absurdas fazem sempre carreira entre nós...

Tem sido luxo dizer :

O algoz do cordeirinho...

Para não lhe chamar *lobo*, como se os homens e as mulheres não gostassem tambem de comer costelletas!

Em vez de *riqueza* — «a filha da economia»: — e uma pessoa a querer por força crear esta filha, e a filha a esticar a canella, em quanto medra outra que tem o acaso por pai e a aventura por mãe!

Aos ladrões chama-se *amigos do alheio...*

Cantor que não presta é *discreto...*

Homem de quem não se saiba o que haja de dizer-se, emplasto nem bom nem mau, que devia passar sem se dar por elle, que nem pensa, nem estuda, nem trabalha, mas *faz annos*, é o *sympathico...*

A gente do Chiado, da baixa, e da alta, vestida a primor no Strauss, na Aline, na Lombré, no Silva, e estabelecida em reuniões de club n'uma casinhola pequena e abafadiça, onde se dance e se toque, com tanto que de manhã tomem um banho de mar — é *fóra da terra*.

Accitemos, applaudamos, e declaremos que é bom, visto que agrada!

De mais a mais, é commodo!

As phrases vão feitas; é chegar lá, e pôl-as a girar.

— O peixe por cá é bom?

— Excellente! Não tem comparação com o de Lisboa!

— Vamos lá, o de Lisboa tambem não é mau!

— Não é mau, mas não é como este!

— Mas, pelo menos... parecem-se?

— Sim, teem uns longes, uns ares de familia; vê-se que não é boi: mas o de cá! Não se faz idéa! Só por causa d'isso é bem empregado o incommodo da jornada. O peixe de Lisboa deixa-se comer, mas este d'aqui insta por ser comido! E não ha resistir-lhe.

Quando se vai passar a noite a casa de alguém lá n'esses sitios da moda *balneatoria*:

— O senhor fulano dança? pergunta logo a dona da casa.

— Não, minha senhora.

— Joga?

— Nunca, minha senhora.

— Toca piano?

— Tambem não, minha senhora.

— Mas então... que distracção?

— Sei nadar.

Ah!...

É logo um grande homem. Sabe nadar.

Mas, se fosse só isso... É porém muito mais e muito melhor do que isso! Os jornaes contam até,

— note-se que digo «contam», não digo «improvisam» — que elles conversam!

E esta!

«*Passou-se muito agradavelmente, cantou-se, dançou-se, conversou-se.*»

Bem, emquanto ao cantar.

Igualmente bem pelo que respeita ao dançar.

Mas...

Conversar!

É boa!

E ahí está, — e isto explica tudo — a razão porque elles gostam tanto de *fóra da terra*... É porque *fóra da terra* conversam! Na terra, não.

Julio Cesar Machado.

I

A historia da villa e dos banhos. — O charco da Copa e a rainha D. Leonor. — A paralytia de D. João v. — A agua no seculo XIX. — Um dia nas Caldas. — O mercado. — O estabelecimento. — A alameda. — A matta. — A noite no club. — Portuguezes e hespanhoes, o *cotillon* e o snr. Costa Pinto. — Falla-se em Páris e no snr. Viale a proposito de varias cousas.

Já que um jornalista não póde viajar como um simples mortal, e tem de dizer aos seus leitores habituaes o que viu e o que vê, arrancar-me-hei ao *dolce far niente* que tenho estado desfructando e contarei aos meus leitores o modo como se vive n'esta bonita villa das Caldas da Rainha, onde estou residindo ha mais de quinze dias.

A historia das Caldas da Rainha é a de todas as povoações celebres pelas suas aguas miraculosas ou therapeuticas, n'este seculo de prazer e de

réclame em que a agua está sendo um grande elemento de riqueza, como admiravelmente o comprehendia o capitalista de Gustavo Droz no bonito romance *Autour d'une source*. Ha quatro seculos, a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irmã do duque de Vizeu (que drama intimo se encerra n'esta simples indicação de parentesco!), indo de Obidos para Coimbra, passou por um sitio chamado a *Copa*, onde viu uns charcos de agua turva e pouco aromatica, em que se banhavam com delicias, como outros tantos patos marrecos, uns poucos de camponezes. Segundo o costume dos reis e das rainhas n'estas tradições locaes, D. Leonor perguntou logo porque se estavam elles banhando n'uma agua evidentemente pouco tentadora. O mais espevitado dos banhistas respondeu que as aguas da *Copa* curavam todas as doenças d'este mundo, *y muchas mas*. A rainha D. Leonor quiz experimentar, curou-se, e tão bem se deu na *Copa* que, segundo outra tradição do sitio, a custo se arrancou d'aqui para ir até Coimbra, e, quando chegou a pouca distancia, *tornou* para traz, e veio tomar mais banhos. E ahi teem os leitores como por cá se explica a etymologia do nome de *Tornada*, pequena aldêa com uma igrejinha modesta, que fica na estrada de Alcobaça.

Fundou-se o hospital, mas decorreram dous seculos e meio sem que as aguas das Caldas da Rainha, como então se ficou chamando o sitio da *Copa*, attrahissem a attenção dos altos personagens

do paiz. Em fim el-rei o snr. D. João v, que Deus, por graça especial, deve ter mandado para o paraizo com huris de Mahomet, porque o paraizo christão de certo não faz conta ao *habitué* de Odivellas, foi acommettido por uma paralyisia, que o obrigou a ir procurar o remedio d'aquelles antigos charcos em que se banhavam alegremente os camponezes do tempo de D. João II. Veio ás Caldas, e esse egoista monarcha, que nunca pensou senão em si exclusivamente, que nunca fez senão as estradas por onde havia de passar, os edificios onde havia de residir, ainda que não fosse senão uma noite, como em Vendas Novas, mandou a toda a pressa construir o magnifico estabelecimento que hoje aqui se vê, alindou a villa e enriqueceu a igreja, arranjou a estrada e preparou em fim o prospero futuro das Caldas.

Chegou o seculo XIX, e as Caldas, graças ao snr. D. João v, poderam seguir modestamente, cá n'este canto da peninsula hispanica, o exemplo dos estabelecimentos thermaes lá de fóra. As aguas therapeuticas d'aqui, como as aguas miraculosas da Salette ou de Lourdes, tornaram-se um elemento de riqueza e de prosperidade. A graciosa villa está sendo ponto obrigado das romarias elegantes do verão.

Ah! se estas localidades servissem unicamente para o fim a que se destinam, que aborrecido aspecto teriam! Não haveria nas Caldas senão côxos arrastando-se penosamente, e uma turba de gente

pallida tomando melancolicamente as aguas sulphureas. Assim pelo contrario o aspecto é risonho e alegre.

Desperta um banhista pela manhã, atravessa a praça onde se accumulam ao domingo innumerous camponezes, que trazem a optima fructa dos coutos de Alcobaça, e que, encostados aos seus longos varapaus, conversam uns com os outros n'aquelle tom de voz arrastado e lento, peculiar das populações ao sul do Mondego. Em barracas armadas de improviso vendem-se os lenços vistosos, que captivam o gosto ingenuo das raparigas d'estes sitios. Ellas, com os seus pequenos chapéos desabados postos sobre os lenços vermelhos fluctuantes ao vento, namoram as riquezas expendidas nas barracas, e discutem acaloradamente o preço com os vendedores. Por toda a parte se ouve fallar hespanhol. Desabou nas Caldas da Rainha um enxame de vizinhos nossos; Badajoz, Madrid e Sevilha sobre tudo trasbordaram para estes sitios.

Descendo-se por uma rua mal calçada, vai-se ter ao excellente estabelecimento de banhos, edificio elegante e simples, construido pelo habil architecto Manoel da Maia, segundo diz o snr. Pinho Leal no seu noticiosissimo *Portugal antigo e moderno*. Uns tomam as aguas, outros tomam os banhos ou na vasta piscina, onde borbulha a agua azulada da nascente sulphurea, ou nas tinas de marmore dos quartos particulares. Observa-se em toda a parte uma ordem e um aceio notaveis, gra-

ças á excellente direcção do actual administrador, o snr. Rezende, cavalheiro do mais fino trato, intelligente, activissimo, a quem se devem em grande parte, segundo todos confessam, os melhoramentos que fazem com que os estrangeiros possam comparar, sem desdouro, o estabelecimento das Caldas da Rainha com os estabelecimentos de banhos thermaes d'outres paizes mais opulentos que o nosso.

Almoça-se, e depois é de rigor um passeio á alameda da Copa, que fica defronte do hospital. O seu aspecto exterior é delicioso. O arco alto, que tem o seu tanto ou quanto de monumental, que lhe serve de entrada, enche-se completamente com a folhagem dos arvoredos, como se enche de azul celeste, no dizer poetico de Victor Hugo, a curva dourada pelo poente do arco da Estrella em Paris. Depois, ao entrar-se, desfaz-se a illusão optica, e as arvores alinham-se com a sua folhagem miuda, os seus troncos lizos, e a sua copa não muito frondosa. Passa então a ser um passeio bonito mas trivial. A entrada fizera-nos sonhar uma d'essas alamedas senhoriaes das quintas aristocraticas, onde se erguem sobre o velludo orvalhado da relva as gigantes e austeras carvalheiras.

É uso tambem atravessar-se o club, ao sahir-se da Copa. Lêem-se os jornaes, conversa-se e uma vez ou outra canta o piano debaixo dos dedos de algum *virtuose*, ou a voz vibrante e melodiosa de uma ou outra menina hespanhola entôa, com suave requebro, as voluptuosas *malagueñas* do seu paiz.

Das tres para as quatro horas abandona-se o club e cada qual se retira para jantar. Á tarde o ponto de reunião é diverso por simples capricho da moda, a qual se mostra, como sabem, indifferente sempre ás formosas paisagens e aos pontos de vista encantadores. Nas ruas da matta regradas e alinhadas como os jardins publicos das cidades, passeia-se escolhendo-se o sitio que mais lembre o Passeio Publico de Lisboa, abandonando-se lá em cima no alto do Pinheiro os horisontes, senão extremamente formosos, pelo menos desafogados e amplos.

Á noite porém é que ha nas Caldas verdadeira animação. O club é o grande attractivo da villa dos banhos. Dança-se todas as noites com frenesi e com enthusiasmo.

Desde as 9 horas até á meia noite as polkas, as valsas, os lanceiros, as contradanças, o *rigodon* enlaçam em doudas e graciosas chorêas os carlistas e as filhas dos republicanos, as portuguezas e os descendentes do Cid, e trocam-se os *vossas excellencias* e os *ustedes*, e para um lado se garganteia em hespanhol, e para outro se gorgeia em portuguez, e trocam-se galanteios em portuguez e complimentos em hespanhol e sorrisos em lingua universal, e no piano incançavel doudeja a musica alegre das danças variadas, e tudo corre, e volteia e ri e palra, valsam os rheumaticos, polkam os *bronchiticos*, que aqui só se tosse pela manhã e só se coxêa na ante-camara dos quartos dos banhos, para

se obter um *tour de faveur* do azafamado Valentim, encarregado d'esse serviço, que o desempenha com uma actividade que honra a acção therapeutica das emanações sulphydricas.

Mas á noite sim! á noite não ha gotta que resista ao *cotillon*.

Ai que lugubre palavra pronunciei! O *cotillon* morreu, desde que se ausentou d'aqui o snr. Jaime Arthur da Costa Pinto, que era quem imprimira aos bailes do club a grande animação. Gozando das sympathias de todos, alegre, delicado, entusiasta, pernas infatigaveis para as valsas, imaginação fecunda para as marcas das contradanças, ou para as figuras do *cotillon*, era elle aqui o *entrain*, a vida, a mocidade. Ninguem resistia ao seu pedido, ás suas indicações. Valsava tudo, e capaz era elle de fazer valsar com Espartero a padeira de Aljubarrota.

Querem que lhes diga por acaso quaes são no revoltear das danças as mais gentis figuras que passam por diante dos olhos do espectador? Oh! oh! Vejam se eu me metto n'isso. Desde os tempos mythologicos até á actualidade sempre se tem sahido mal quem tem ousado metter-se n'esse empenho.

Páris, apesar de ter tido cem vezes razão em offerecer a maçã de premio a Venus, e de não poder por conseguinte ser taxado de parcial nem pelo mais façanhudo jornal da opposição do Olympo,

Páris pagou caro o ter ousado intervir na pendencia das deusas.

Por causa do tal concurso ardeu Troia, tiveram os gregos dez annos de estopada, escreveu-se a *Iliada*, e o snr. Viale explicou-a no curso superior de letras. Portanto, se Páris se mettesse com a sua vida, Troia seria hoje talvez uma rival de New-York, os gregos teriam ficado em suas casas, Homero ou os aédos escreveriam odes anacreonticas antes de Anacreonte, e o snr. Viale cantaria talvez musica de Pergolése na capella sixtina. Em presença pois d'este memorando exemplo, eu metto a viola no sacco e declaro simplesmente que á noite se desenrola na fresca sala do club um verdadeiro rosario de estrellas do firmamento peninsular.

Fernando Caldeira, o nosso mimosissimo poeta, que é um adorador do bello em todas as suas manifestações, já nas maviosas harmonias da musica, já nos encantos da pintura, já nas inspirações da poesia, já em fim nas esculpturas do Omnipotente, appareceu-nos nas Caldas de subito uma noite, e tão embaraçado se achou com a difficuldade da escolha que andou por ahi murmurando, a uma e outra, nos intervallos das figuras das contradanças:

Mas faço-te um juramento :
Se cá no meu firmamento
coubesse mais de uma estrella,
eras da constellação.

Se em hespanhol ou em portuguez lhe responderam :

Isso não !

é o que sabem unicamente elle e o seu confessor, se o usa para estes casos especiaes.

Ahi teem os leitores um breve resumo da vida das Caldas da Rainha em pleno mez de agosto. Se o calor nos opprime, temos as sombras da Copa e da Matta; estamos livres da companhia das Aguas, somos indifferentes ás magnas questões politicas de Lisboa, e os hespanhoes, se algum sujeito pacato e desiludido de danças, gottoso e casmurro, lhes falla com ar grave e profundo do caso de Seo de Urgel, responde invariavelmente: *Tiene usted «vis-à-vis» para estos lanceros?*

E o imprudente que fez a pergunta ha-de dançar os lanceiros, ainda que seja o snr. Viale o *Grego*, ou o snr. Theophilo o *Mosarabe*.

II

Digressão a S. Martinho. — A estrada. — Diverso character das povoações á beira-mar. — Do alto do castello. — Protesto das ondas. — A luz da capella de S. Domingos. — As ermidas e os pharoes. — Visita a Obidos. — Tristeza da villa. — A casa e a irmã de Malhão. — Os dous Evangelhos. — Uma vertigem de ascetismo.

É delicioso o club, é encantadora a Matta, mas parece-me que um homem não sahe de Lisboa no mez de agosto com o fim exclusivo de contradançar á noite n'uma sala fechada, ou de ir passeiar, ao cahir da tarde, com um par de luvas irreprehensivel, para as alamedas correctamente alinhadas d'uma especie de Passeio Publico. Por isso eu tenho ousado abandonar de vez em quando os meus companheiros de banhos, para intentar por estes bonitos arredores algumas deliciosas excursões.

Um dia d'estes, por um calor de abraçar, juntavamo-nos uns poucos de amigos e iamós respirar a S. Martinho a briza do oceano. Eram do rancho Eugenio Masoni, o nosso admiravel pianista, Narciso de Freitas Guimarães, amigo excellente, e companheiro magnifico, um distincto pintor hespanhol, que aqui temos, D. Manuel Quadra, que trouxe para as Caldas uma grande provisào de alegria e de rheumatismo, que tem muito mais talento do que cabello, e cujos retratos estão sendo entre nós muito apreciados, um cavalheiro d'esta villa, extremamente obsequioso e extremamente amável, o snr. João Pulcherio e outros mais.

Seguimos a risonha estrada, que vai, depois de Tornada, passando por Val de Maceira, antiga estação da antiga mala-posta, na direcção de Alcobaça, por baixo da fronde dos arvoredos, e, chegando a uma encruzilhada, voltamos as costas ao caminho da antiga povoação fradesca, e, atravessando Alfeizirão, pequena e melancolica villa, que estende ao longo da estrada as suas casas quasi tão silenciosas como as ruinas quasi arrazadas de uma velha fortificação que se diz mourisca, chegamos enfim á pequena e graciosa villa de S. Martinho, que se desenrola em amphitheatro á beira da sua placida enseada, a qual dá apenas fundo a pequenos navios.

São tristes as povoações da costa quando é desabrigado o porto, e que das humildes choças dos pescadores se ouve o longo bramido do oceano fa-

zendo pairar sobre as cabanas as eternas ameaças do naufragio. Quando porém se debruçam, brancas e ridentes, sobre uma enseada tranquilla como esta, onde através da agua transparente se vêem as conchinhas do fundo, tomam da propria visinhança do mar não sei que ares de vida e de alegria, e os barcos que entram ou sahem, expandindo as azas brancas ao sopro da viração, animam a graciosa villa, que enche ainda por mais d'uma vez ao dia com o seu rumor de azafama, com o silvo agudo dos seus avisos, harmonia rude mas caracteristica da industria moderna, o caminho de ferro americano da fabrica da Marinha Grande, que tem aqui a sua estação terminal.

Subimos por veredas escarpadas ao castello aruinado que domina a barra da enseada, e divisámos então, lá em baixo, a immensa extensão do oceano, que rugia brandamente como um leão enamorado, e cujas ondas se enrolavam preguiçosamente, coroavam-se de espuma, e vinham desfazer-se, queixosas e não irritadas, nos rochedos negros que semeiam a costa, e n'um dos quaes ainda se viam restos da madeira d'um barco, que aqui naufragou ha tempos, morrendo quasi toda a tripulação.

Quando o rapazito, que nos servia de guia, nos contava esse drama, o oceano parecia protestar contra a calumnia que lhe assacavam, com o terno marulhar das suas ondas languidas e inoffensivas, que não pensavam senão em acariciar os rochedos

rugosos que lhes aceitam impassiveis os seus beijos de espuma.

É que elles sabem que, quando o temporal doudeja, essas vagas, hoje como que supplicantes, vem lá de longe a correr bravas, ullulantes, desesperadas, esbofeteiam-n'os com a chapada das suas aguas, resaltam a alturas enormes, e arrojam-lhes ao seio não as algas verdes e as conchas mimosas, mas os cadaveres despedaçados, os mastros partidos, os bastidores e os accessorios das tragedias dos naufragios.

Esse dia findou para nós tão agradavelmente como começára.

Um obsequioso cavalheiro das Caldas, o snr. José de Salles, convidára-nos para jantar na sua quinta da Motta, onde passámos uma tarde deliciosa, em plena liberdade campestre, tomando café estendidos sobre uns sofás de maçarocas de milho, como quaesquer Tircis e Silvanos das eclogas do Quita.

Já voltei depois d'isso a S. Martinho, mas d'essa vez acompanhando senhoras.

Estava ainda tão placido o mar que passeámos na bahia, e espreitámos a barra, que ainda assim não foi para mais a intrepidez das nossas companheiras.

A agua da enseada estava serena como um lago, o dia nublado e fresco poupava-nos ao calor intensissimo da minha primeira visita. Subimos á rustica ermida de Santo Antonio, que domina o

oceano, e d'onde se goza um panorama tão extenso como o do castello.

Á volta era esplendido o occaso do sol; quando cahiu a noite, accendeu-se á nossa esquerda, no alto d'um pincaro elevado, uma luz votiva n'uma capellinha de S. Domingos, que serve de guia aos navegantes no mar alto que demandam a enseada de S. Martinho.

São sem duvida mais apreciaveis os pharoes de rotação e outros que hoje illuminam as costas, mas teem por acaso a commovente poesia d'esta luz votiva da capella, que arde diante d'um altar, que de subito annuncia aos navegantes, com a sua doce chamma, a terra querida da patria, que tem, na sua meiga irradiação de estrella, não sei que vagos reflexos do alegre fogo do lar, e que espalha nos arcs um aroma de affectos, de recordações de infancia, que deve por força arrasar de agua os olhos do marinheiro, quando vê ao longe cortar a cerração nocturna, estrella da patria, da familia e da fé, o tenue pharol da capellinha?

Oh! por isto não supponham que vou pedir que o ministerio das obras publicas substitua os pharoes por ermidas de S. Domingos, mas deixem-me consagrar uma lagrima a estes ultimos sopros de poesia, e depois... aquecer caldeiras, e siga ávante na estrada do infinito o paquete da civilisação.

Um outro dia eu e os meus mettemo-nos n'um trem, e fomos visitar Obidos. Alli se encontraram comnosco Nasciso de Freitas, Masoni, um amigo

d'este, o snr. Santos, amavel companheiro tambem da nossa primeira digressão a S. Martinho, D. Manuel Quadra, e um distincto medico das Caldas, José Filippe, meu antigo condiscipulo, cuja imperturbavel jovialidade não se altera, que me conste, em caso algum conhecido ou por conhecer.

Nunca vi na minha vida uma villa mais triste do que Obidos. As velhas muralhas, que datam, segundo creio, da idade media, mas onde a esphe-
ra armillar e os rendilhados manoelinos de algumas janellas e portas attestam que andou por alli a mão reedificadora de D. Manoel, apertam-n'a no seu estreito recinto, e como que a resguardam das invasões do tumulto e da civilisação moderna. Do alto do castello divisa-se um panorama extensissimo, formoso, mas ainda melancolico. D'um lado a Varzea da Rainha, planicie immensa, onde os verdes cambiantes do solo lhe attestam a feracidade, por aqui, e por além, algumas bonitas casas de quintas, ao longe as Caldas, para outro lado a lagoa, ao fundo o mar, aos nossos pés a villa. Começavam-se a esfumar os campos na sombra do crepusculo, não se erguia um murmurio das planicies em repouso, não se ouvia uma voz nas ruas estreitas e desertas de Obidos, que seguiam rigorosamente pelo interior as linhas flexuosas das muralhas. Da altura onde estavamos abrangia-se a villa toda; proximo de nós n'uma casa com pateo viam-se duas mulheres sentadas a coser no alto de uma escada de pedra. Era o unico symptoma de

vida da povoação, que parecia meditar nos esplendores do seu passado, quando a visitavam os reis e as rainhas, e quando os bésteiros do conto retezavam o arco nas ameias das fortissimas muralhas, espreitando com olhar vigilante e altivo os campos em redor. Fazia tristeza Obidos vista assim ao pôr do sol. Ainda o horisonte occidental se afogueava em purpura e luz, e já nas ruas desertas da villa se accumulavam as sombras e a melancolia da noite.

Descemos, e percorremos a rua mais extensa, vendo aqui e além ora a igreja de Santa Maria, que tem na frontaria um nicho, onde o vulto da Virgem serve de alvo, segundo me disseram, ás pedradas irreverentes dos gaiatos, ora outra igreja, onde supponho que está enterrado o grande orador Malhão. Vendo a villa, e os arredores, comprehende-se a melancolia que perfumava todos os ultimos escriptos do evangelico poeta, que sepultára n'aquella villa de tristezas o seu talento que nascera para lhe inflammar a voz nos pulpitos marmoreos, á sombra das naves das cathedraes antigas.

Pedi que me indicassem a casa de Malhão. Mostraram-m'a. Fica á esquina de uma rua, olhando por um dos lados para a igreja. É triste e simples como as outras. Por traz dos vidros de uma janella do primeiro pavimento estava uma senhora idosa, que nos encarou um instante com um olhar melancolico, para voltar logo em seguida ás suas occupaões caseiras. Disseram-me que era a irmã

de Malhão. Involuntariamente descobri-me. É que estava alli uma parte do talento do orador e do poeta, que nos homens de coração, n'aquelles em que o genio é como que apenas o esplendor do sentimento, os affectos intimos são os inspiradores mais ou menos inconscientes da poesia que lhes trasborda da alma para os livros, que perfuma de fragrancias suavissimas a palavra do orador sagrado, que lhe dá um poder immenso sobre os espiritos, porque no pulpito, ou no confessionario, lhes segreda os dulcissimos ensinamentos de dous Evangelhos, o de Deus e o da familia.

Eu não conheci Malhão, mas, se aprendi a admirar-o nas suas obras, aprendi a estimar-o n'algumas paginas verdadeiramente adoraveis que elle soube inspirar a Julio Cesar Machado. Através da descripção, traçada com penna commovida pelo author das *Scenas da minha terra*, conheci a meiga personalidade de Malhão. Vendo Obidos, comprehendia ainda melhor. É a terra dos suaves crepusculos, terra fadada para acolher no seu seio as dôces resignações. Alli deve o homem desprender-se a pouco e pouco dos bens da terra, e preparar-se com brandura para o eterno silencio e para o descanso sem fim. Paira a melancolia sobre aquelles campos extensos e placidos, e, quando o sol se debruça no occidente, sente-se o vago desejo de transpôr com elle os penetraes das regiões de além-tumulo, e de entrar na noite sem termo. Esvahe-se a vida languidamente, como se esvahia o sangue nos

banhos perfumados dos romanos, que abriam sorrindo as veias no tempo do despotismo imperial.

Parti para as Caldas, levando de Obidos uma recordação a um tempo suave e triste. Começárame a invadir um vago torpôr, e sentira o principio da vertigem da Trappa. Principiava a comprehender as abnegações supremas, as doçuras da Thebaida, as voluptuosidades ineffaveis de S. Jeronymo. Se o club me não salva, eu tinha ido n'essa noite pedir ao geral dos carmelitas a cella, que deixou vaga o padre Jacintho Loison.

III

Varias digressões. — Passeio a Alverninha. — As azinhagas e as estradas reaes. — As aldeias do matto. — A Agua Santa. — A lagôa de Obidos. — A aldeia da Foz. — Aspecto da lagôa. — As bateiras. — A solidão de Deus e a solidão dos homens. — Reflexões sobre instrucção publica. — Hospitalidade escoceza. — Regresso ás Caldas.

Começam já os banhistas a abandonar-nos, e as praias do oceano arrancam-nos uma grande parte das frequentadoras do club. Chegam ainda numerosas familias hespanholas, mas os nossos compatriotas é que vão rareando sensivelmente, e o elemento hespanhol domina d'um modo aterrador nos lanceiros e nas contradanças. Eu entretanto continuo, como posso, a explorar em todos os sentidos os arredores das Caldas, ancioso de respirar os ares livres e desafogados do campo.

Um dia vou fazer uma visita a uma quinta proxima da aldeia de Alverninha, e, sahindo da estrada real, desço os caminhos escabrosissimos do pinhal de Santa Cecilia, nome romantico, segundo vêem, que daria um titulo excellente a um melodrama. Adoro estas digressões para longe d'essas insupportaveis estradas reaes, que teem por ideal supremo a linha mais estúpida de toda a geometria, a recta. Fallem com um engenheiro, e vel-o-hão pavonear-se todo, quando lhes poder dizer: A estrada que eu construi tem uma recta de tres kilometros. Uma recta de tres kilometros! Na Grecia antiga estou convencido de que era caso de forza, se por acaso os gregos empregavam esse benevolo instrumento.

Fallem-me nas azinhagas, n'esses *chemins creux*, que serpeiam por entre o matto, sombreados pelas arvores, a um tempo silenciosos e rumorejantes, e não sei se comprehendem esta apparente contradicção, mas é certo que nas azinhagas o murmurio da agua que corre, o salto d'um animalzinho no restolho, o ramalhar das folhas do arvoredado não quebram o silencio mysterioso da natureza. Caminha-se por alli alegremente, interessado pelos varios incidentes da vereda, deixando a cavalgada chapinhar a agua d'uma levada, entretido com os jogos de luz e sombra, escutando ao longe o chiar estridulo d'um carro, e conțemplando com alvoroço as casas, perdidas entre o matto, das aldeias que se encontram no caminho, como nós encontramos,

no caminho de Alverninha, a Matoeira e a Trabalhia, povoações como que afastadas completamente da monotonia e da azafama da civilização moderna, e que hão-de ser sempre o enlevo dos paisagistas, porque alli é que se encontram as pontes rusticas, o riacho a correr entre pedras por baixo de arvores, a choça meio escondida entre a ramagem, todos esses quadros deliciosos da vida rural que parece que fogem da visinhança das implacaveis rectas da estrada dos engenheiros.

Outro dia, atravessando a pé os pinhaes, respirando com delicias o acre perfume da rama do pinho que os pulmões haurem deleitosamente, fui visitar a Agua Santa, pequeno estabelecimento de banhos, feito no nosso tempo, para aproveitar umas nascentes de aguas alcalinas, que por aqui dizem excellentes para as doenças herpeticas. Se assim é, acho deploravel o estado em que se acha a casa em que se tomam os banhos, e que de modo nenhum attrahe os enfermos. É pasmosa n'esse ponto a nossa incuria. Em quanto lá por fóra não ha nascente de acção therapeutica mais do que duvidosa que se não aproveite e não se explore, aqui essas fontes de riqueza são desdenhadas com uma indifferença que seria admiravel se não fosse tola. Se o snr. D. João V não tem a abençoada paralyisia, que chamou a sua attenção para as Caldas, estou convencido de que ainda hoje os doentes se banhavam nos charcos da rainha D. Leonor.

Uma terceira vez empreendemos, umas duas

familias, a romaria obrigada dos banhistas das Caldas á lagôa de Obidos que fica a pouquissima distancia. É um passeio delicioso para quem gosta de deslizar á tona d'agua, dentro de um bote, pela superficie lisa e serena d'um lago.

A estrada nada tem de notavel, e a aldeia da Foz, onde se pára a fim de se mandar preparar a refeição que se ha-de tomar depois do passeio, é uma povoação pobre e triste, situada a pouca distancia da lagôa, rodeiada de campos, a cujo terreno magro e devastado só o adubo do muito limo, que se apanha n'aquellas aguas, consegue arrancar alguma producção.

A lagôa é vâsta e serena, mas as suas margens aridas e escalvadas apresentam um panorama desolador. Ao longe na *aberta*, como lá dizem, quer dizer no ponto onde a lagôa communica com o oceano, communicação que as areias muitas vezes interceptam, vêem-se espumar e referver as ondas, e ouve-se o eterno rugido do leão das grandes aguas.

Uns barcos chatos, a que chamam bateiras, tripulados por uns marinheiros indolentes, de rosto queimado e perfil arabe, navegam na lagôa, ou apanhando limos, ou pescando. Pelo modico preço de 1\$800 reis tivemos á nossa disposição um dia inteiro uma bateira a pescar por nossa conta. Nós seguimos os pescadores de perto em duas bateiras, puxadas uma a remos, outra á vara, porque a lagôa tem n'uma grande parte da sua extensão

fundo muito baixo, que se vê através das aguas transparentes.

Era comtudo um espectaculo poetico e caracteristico o da lagôa no dia em que a percorremos. O dia estava nublado e sereno. Rodeiava-nos um silencio solemne, quebrado pelo rugido distante do oceano, as margens aridas e nuas reflectiam-se no espelho das aguas. Um dos barqueiros, em pé n'uma das bateiras, movia-a, ficando a comprida vara no fundo da lagôa, a outra deslisava a remos pela superficie tranquilla. Algumas outras bateiras sulcavam silenciosamente o lago, carregadas de limos. N'uma das margens, uma cegonha, animal bem proprio para estas solidões melancolicas, contemplava-nos empoleirada nas suas compridas pernas. As vozes que se erguiam tinham uma repercussão prolongada, como se vibrassem n'uma atmospherã de crystal. De vez em quando os pescadores puxavam a rêde, e nas suas malhas gotejantes vinham a scintillar, debatendo-se, os pequenos peixes prateados. Havia em todo aquelle panorama uma melancolia suave, que não confrangia o coração como o da villa de Obidos, que o dilatava pelo contrario e fazia com que entre-adiviuhassemos as austeras alegrias da solidão. Ha uma differença profunda entre a gruta do ermita da Thebaida, e a cella do monge da Cartuxa; na primeira ha o convivio com a natureza, na segunda ha a lugubre sequestração do mundo. É a differença que póde haver entre a ilha deserta de Robinson e o quarto isolado de uma peni-

tenciaria, entre a solidão creada por Deus e a solidão feita pelos homens.

A lagôa parece ser antes um braço de mar do que um verdadeiro lago.

Sente-se a maré a uma certa distancia, e o peixe do oceano vem procurar o abrigo d'aquellas aguas mais socegadas. De verão é uma delicia pescar ou caçar alli, por causa da grande limpidez da agua e da grande quantidade de galeirões e outras aves marinhas que descrevem grandes circulos, ou molham a ponta da aza na lagôa, soltando uns gritos vibrantes e seccos. De inverno deve ser tristissimo aquelle sitio. Então a lagôa tão serena agita-se tambem com os rumores da procella, a chuva tolda os horisontes, e os pobres habitantes da Foz, do Arelho, e dos outros casaes dispersos pela margem vivem tão afastados do mundo como se estivessem no meio de serras invias e inacessiveis.

Todos os moradores d'aquelles sitios são donos das suas fazendinhas, de que pagam fôro ao proprietario de todos esses terrenos, que tem direito a receber um fôro um pouco mais avultado com a condição de ter capellão na quinta para dizer missa aos pescadores. Prefere não ter capellão, e a gente da Foz vai ouvir missa ou ao monte do Ouro ou ás Caldas... e comtudo um capellão alli sempre seria um elemento civilizador! Sempre era um homem de mais alguma illustração, vivendo no meio da gente rude, que podia ensinar as crianças a lerem, que suavisaria um pouco a triste, a mo-

notona, a brutalisadora existencia d'aquelles pobres homens!

Como estamos longe ainda da civilisação! Aqui, a tão pouca distancia de Lisboa, como são já intensas as trevas! Como se está longe da vida moral e intellectual! Por todas estas aldeias dispersas não ha um mestre de primeiras letras, e o que succederá então nas aldeias de Traz-os-Montes, nos casaes perdidos entre os desvios das serras da Beira! E para melhorar este estado, não basta de certo estabelecer o ensino gratuito e obrigatorio, comminar penas aos paes que não mandam os seus filhos á escola. É necessario tambem crear escolas e crear professores. É necessario acima de tudo organizar cabalmente essa phalange de missionarios da civilisação, que possam chegar ás aldeias afastadas, que possam assentar a sua tenda de propagandistas nos serros inaccessiveis. E para isso é necessario dar-lhes um pagamento que não seja irrisorio. É necessario cuidar da dotação do professorado, como já se está tratando da dotação do culto e clero. Allega-se que em todos os paizes da Europa se dá uma pequena retribuição aos professores de instrucção primaria; pois essa injustiça, pelo facto de ser geral, não é menos cruel, e Portugal, que já tomou a iniciativa de conceder a vida aos criminosos, podia tambem tomar a iniciativa de dar o pão da vida aos que educam as novas gerações.

Basta de reflexões que não são bem cabidas

n'este folhetim ligeiro, e apressemo-nos a voltar á casa, onde nos espera o jantar. Somos tratados magnificamente. A boa mulher, que cuida d'estes arranjos, e que entre os banhistas das Caldas goza de uma verdadeira popularidade, tem um character extremamente original. Serviçal em extremo, põe á disposição dos passeiantes todo o seu prestimo, tudo o que tem em casa, e depois, quando se trata do pagamento, declara positivamente que não quer cousa alguma, que teve muito gosto em nos ser util. Imagine-se o embaraço em que fica um passeiante novato, que encontra de subito a dous passos das Caldas da Rainha esta hospitalidade escoceza. Felizmente acompanhava-nos o nosso amigo, o snr. João Pulcherio Coelho, obsequioso cavalheiro das Caldas em quem já tive occasião de fallar, e que nos disse ao ouvido qual a quantia com que era uso remunerar os serviços da snr.^a Maria Theresza. Pagámos-lhe então, sem deixarmos de ficar muito reconhecidos aos seus protestos hospitaes. O que é certo é que ella emfim não leva aos extremos limites a sua resistencia, mas se algum passeiante menos escrupuloso ou menos obstinado lhe pegar na palavra, e lhe disser simplesmente « muito obrigado », parece-me que a snr.^a Maria Theresza não deixará por isso de lhe mostrar muita affabilidade, e de lhe desejar uma excellente viagem, contentando-se com lançar um olhar melancolico para os devastados restos da sobremesa.

Tinham vindo encontrar-se connosco dous ca-

valheiros das Caldas, os snrs. Avelar, e José Barbosa, obsequiosos companheiros que tiveram a paciência de escoltar até á villa a nossa caravana, que atravessava, no vagaroso passo exigido pela companhia de senhoras e de crianças, os pinhaes envoltos n'um manto finissimo de nebrina. Felizmente a noite estava linda, a lua cheia brilhava com o vivo fulgor que ostenta em noites de agosto n'um céo de azul sem manchas; conversando e rindo, entramos nas Caldas da Rainha, quando davam nove horas no relógio da villa. Alguns dos nossos foram mudar de fato, e dirigiram-se ainda para o club, eu, cumprindo conscienciosamente as minhas obrigações de folhetinista, sentei-me á banca, e escrevi, com destino para os meus leitores, esta humilde narração.

IV

Digressão a Alcobaça e á Batalha. — Alcobaça á noite. — As torres e a igreja. — Os frades, a caridade e a sciencia. — Extincção das ordens religiosas. — Resposta a algumas censuras do *Portugal antigo e moderno*. — Clemente v e D. José I. — Confiscos. — Doações e confirmações. — Leis de desamortisação dos antigos reis. — Uma phrase de D. João I.

Começo a escrever com os olhos ainda cheios de um verdadeiro deslumbramento. Chego da Batalha, e declaro que se podem ter lido as obras de Murphy e de fr. Francisco de S. Luiz, que se podem ter visto quantas photographias se teem tirado d'aquelle admiravel edificio, nada ha que diminua a impressão que se sente, não digo já, quando ao descer-se a encosta da ponte se dá de rosto com o primoroso templo, mas quando ao entrar-se o portal se vê de subito a vastissima nave, immersa na

sombra crepuscular, que apenas sulcam os raios de luz mysteriosa, coada através dos vidros coloridos.

Mas não antecipemos, como dizia Ducray-Duminil nos seus ingenuos romances, e queira o leitor acompanhar-nos desde a nossa sahida das Caldas da Rainha, pelas cinco horas e meia de 29 de agosto.

A estrada das Caldas a Alcobaça é até Alfeizirão a mesma que a de S. Martinho, depois volta-se a leste e começa-se a subir a encosta occidental da serra de Alfeizirão que tem de se descer depois para se entrar na villa do mosteiro.

A vertente oriental da serra deve ser bonita, porque todos aquelles campos são um extenso pomar; descemol-a já de noite porém, e de noite a subimos depois quando regressámos de Alcobaça para as Caldas. Nada posso dizer por tanto a esse respeito.

Às nove horas da noite entrava o trem que nos conduzia na praça vastissima de Alcobaça, e viamos á nossa direita erguerem-se os dous vultos sombrios das torres da igreja, e estender-se a longa fachada septentrional do convento.

Apeámo-nos n'uma hospedaria, que fica defronte do edificio, e, apenas tomámos uma ligeira refeição, sahimos para percorrer a praça, e costear de perto o vetusto mosteiro. A villa, pelo menos alli na praça, pareceu-nos bonita e aceada. As edificações são todas modernas, as antigas casas abaracadas que rodeavam o convento desappareceram,

e a villa tomou um aspecto moderno e alegre, em quanto o convento meio arruinado se vai immergindo cada vez mais na sombra e na tristeza.

Quando voltámos para a hospedaria, já a lua, que se fôra elevando no horisonte projectava a sua claridade melancolica nas torres immoveis, onde de quando em quando a voz sonora do sino acordava os echos nocturnos com as vibrações das horas.

De subito uns poucos de instrumentos, entre os quaes predominava uma rebeca e uma flauta, vieram cortar o silencio da noite com uma d'estas musicas de monotona e melancolica melopéa tão querida do nosso povo. Não sei quem eram os tocadores, nem se elles suspeitavam a impressão que estavam produzindo com a sua singela melodia na alma de um viajante obscuro, que, n'esse momento, encostado á janella do hotel, os escutava, com os olhos cravados nas torres, que recortavam no céu esclarecido pelo luar os seus perfis austeros e tristes ¹.

Para os scismadores de imaginação mais ou menos vagabunda, as cousas inanimadas tem uma vida, uma individualidade que lhes é propria. Pois eu podia persuadir-me n'esse momento de que es-

¹ Soube depois, já em Lisboa, que a serenata fôra em minha intenção. Tivera essa idéa amabilissima o primeiro prestidigitador portuguez, o snr. Miguel dos Santos Fonseca, que se achava então em Alcobaça, e que era um dos tocadores. Aqui lhes agradeço a todos a sua deliciosa e delicada lembrança.

sas duas torres tristes, tristes e immoveis nas suas vestimentas de pedra ennegrecidas pelo tempo, não sentiam uma saudade vaga e profunda, ao escutarem, como eu escutava tambem, os gemidos da rebeca e o queixoso suspirar da flauta? Podia persuadir-me de que ellas se não recordavam do seu passado glorioso, e que, ao verem o edificio em ruinas, silencioso e só, não perguntavam em voz baixa á viração, ao luar, á noite, ao musgo que foi trepando mudamente pelos seus membros de pedra, o que era feito da multidão de frades, de escudeiros, de serventes, que outr'ora tumultuava no seu vasto ambito, o que era feito dos seus abbades de vestes prelaticias, dos seus abbades fronteiros-móres do reino e esmoleres-móres d'el-rei, dos seus abbades senhores d'esses vastos coutos que se estendiam até S. Martinho á beira do oceano, o que era feito dos reis e das rainhas que outr'ora visitavam o mosteiro com o seu sequito pomposo, e das missas de pontifical, e dos *Te-Deum* sonoros, e de toda essa vida que refervia na vastissima colmeia? Podia persuadir-me de que elles tinham assistido, indifferentes e impassiveis, a todas as peripecias da grande tragedia da historia, e que não era o turbilhão de todas essas recordações o que as fazia assim espalhar em torno de si como um vago perfume de tristeza que me salteava tambem a mim, e que me fazia pender a fronte sobre a mão, em quanto as contemplava, e me surprehendia, com o braço firmado no parapeito da sacada, a desejar

que voltassem os frades, e que o velho mundo de Alcobaça resurgisse, por um encantamento, e des-se vida de novo, lá dentro, aos claustros onde a essas horas dormia o luar nas lages tumulares, nas plantas parasitas, em que o vento de inverno deve cantar, por noites procellosas, o immenso *Requiem* das gerações monasticas sepultadas alli?

Pois eu não gosto dos frades, e, se choro sobre as ruinas, não consinto que o sentimentalismo me perturbe a razão, e me obrigue a curvar diante dos orgulhosos abbades de mitras de ouro, porque a abbazia em ruinas é triste ao luar. Não gosto dos frades, e não me deixo fascinar pelos vãos sophismas dos argumentadores, que defendem com o prestigio dos *monges do Occidente* a instituição que era no seculo XIX um tropeço insuperavel ao caminhar da humanidade. Os frades tinham a caridade e a sciencia, diz-se; tinham, é certo, a caridade que desmoralisa e a sciencia que atrophia o espirito, a caridade que accumulava ás portarias a multidão embrutecida, vivendo do caldo do convento como a plebe romana da esportula dos patricios, a sciencia acanhada e estreita, sem ar e sem luz, onde o principio da authoridade dominava tudo, onde a censura abbacial, e a influencia do claustro cortavam as azas ao pensamento, e faziam com que elle se alimentasse, como os morcegos, do azeite theologico das lampadas sagradas. Tinham a sciencia, e era isso o que havia peor, porque a sciencia estava enclausurada com elles,

estava com elles presa á tradição e aos votos, sujeita com elles ao index e aos canones, e como elles desconhecia a liberdade, que é o ar vital do pensamento e da consciencia humana.

A extincção dos conventos foi uma medida violenta, mas não foi uma injustiça. Houve para as victimas da lei agonias que podiam e que deviam ter-se evitado, sou o primeiro a confessal-o e a senti-lo; a compensação que se lhes deu foi mesquinha, lamento-o profundamente, nem sempre foi paga com o escrupulo que se devia ter, é essa uma iniquidade que eu estygmatiso com energia. Mas a sociedade portugueza não praticou uma espoliação, não praticou um acto contrario ao direito, eliminando do seu seio essas sociedadesinhas parasitas, que lhe estavam sugando a vida e a seiva.

Tenho percorrido aqui nas Caldas, com muita attenção e proveito, os tres volumes já publicados do *Portugal antigo e moderno*, do snr. Pinho Leal, que encerram noticias curiosissimas e valiosas. O seu author, de quem me préso de ser amigo, não occulta as suas predilecções pelo *throno e o altar*, e expende as suas opiniões com liberdade amplissima, que a carta constitucional lhe garante, e que eu sempre respeito e nunca lamento. Por mais de uma vez censura elle asperamente o *roubo* feito pelos liberaes ás ordens religiosas, e em especial no artigo relativo a Coimbra empreehde a demonstração em regra d'essa asserção. Permitta-me o meu illustre amigo que eu, n'este momento em

que estou vendo ainda com os olhos da imaginação o antigo mosteiro d'Alcobaça, as duas torres melancolicas da sua igreja, ouse replicar aos seus argumentos, roubando-me ás seducções que exercem sobre mim o luar, as ruinas, e o dôce vulto da cruz pairando na atmosphaera suave de uma noite de agosto!

Ah! se eu quizesse, como tinha de certo plenissimo direito, invocar os precedentes da monarchia absoluta e do pontificado, do throno e do altar, em que excellente campo me achava já collocado! Perguntar-lhe-hia então se o papa Clemente v, confiscando os bens dos Templarios, se o rei D. José I, confiscando os bens dos jesuitas, foram menos *ladrões*, segundo a palavra asperrima do snr. Pinho Leal, do que os liberaes confiscando em 1834 os bens das ordens religiosas. Perguntar-lhe-hia se o papa infallivel, e o rei pela graça de Deus, estão a estas horas no inferno chorando, de braço dado com Joaquim Antonio de Aguiar, a sua falta de respeito pela propriedade alheia. Perguntar-lhe-hia se o confisco dos bens dos inimigos da religião catholica e dos inimigos do throno, empregado constantemente durante seculos pela monarchia e pelo catholicismo, era mais justo e mais legal do que o confisco dos bens dos inimigos da liberdade. Mostrar-lhe-hia não já a propriedade das communidades, mas a propriedade individual posta á mercê dos caprichos de uma junta de inconfidencia, ou do tribunal do santo-officio. Mas o snr. Pi-

nho Leal invoca, para nos censurar, os principios de direito que nós estabelecemos, que nossos paes sellaram com o seu sangue nos cadafalsos e nos campos de batalha, o snr. Pinto Leal repelle a jurisprudencia dos seus correligionarios, e chama-nos aos nossos tribunaes; aceitamos a arbitragem, e folgamos que a liberdade ensinasse aos seus inimigos noções mais claras de direito do que as que tinham os que defendiam essa realleza, que formava a casa do infantado com os bens ensanguentados do marquez de Villa Real.

A expropriação dos bens dos conventos foi um roubo, em primeiro lugar porque esses bens resultavam de doações de reis e de rainhas, que tinham o direito de as fazer. O snr. Pinho Leal esquece que desde tempos remotissimos os reis sustentaram sempre o seu direito de confirmar ou não confirmar as doações feitas pelos seus maiores; esquece que é elle mesmo que cita na palavra *Alcobaça* a phrase altiva de D. João I, declarando nas côrtes de Santarem « que o mosteiro de Alcobaça é seu e que fará d'elle o que quizer »; esquece que os bens doados pela corôa voltavam á corôa quando se extinguia a descendência directa dos seus possuidores, se não era quando esses possuidores falleciam, o que não posso agora affirmar, porque estou escrevendo sem livros ¹; esquece que, extinctas as or-

¹ Deixo ficar o folhetim, tal como o escrevi no primeiro momento. Se fosse a alteral-o, teria antes de refundil-o,

dens religiosas, e não sendo os seus bens propriedade individual dos frades, não podiam esses bens voltar senão á corôa. Ora o direito que tinha a sociedade portugueza de extinguir as ordens religiosas é incontestavel. Expulsou el-rei D. José os jesuitas do seu reino, e a santa sé reconheceu-lhe esse direito, porque manteve com elle as suas relações diplomaticas, que só se interromperam quando o nuncio foi expulso de Lisboa pelo marquez de Pombal.

Tinham comprado os frades terrenos com dinheiro de contado? Tinham recebido doações de terras? Com que direito? As leis pondo cobro na amortisação das terras datam de D. Affonso II, foram sempre violadas, mas nunca revogadas. Os frades entravam com os seus dotes, e esses dotes deviam ser-lhes restituídos? Absorvidos pela propriedade geral dos mosteiros, tinham de seguir nas suas transformações. Restituir-lh'os seria com tudo um acto de generosidade, digno de homens liberaes, que não deveriam seguir as tradições dos papas e as tradições dos reis.

Seja pois menos severo com os liberaes o snr. Pinho Leal. Veja que, se fosse a monarchia absoluta que supprimisse todas as ordens, os frades nem teriam o mingoado pão que o governo constitucional lhes deu, mas iriam, como os jesuitas, mendi-

e de transformal-o n'uma dissertação, pretenções que elle nunca teve.

gar em terra estranha o pão da caridade; veja que esse mosteiro de Alcobaça, que eu tinha diante de mim quando estas idéas me adejavam na mente que reagia contra o sentimentalismo das ruínas, nunca era tanto dos filhos de S. Bernardo que D. João I não dissesse, com um desassombro que o meu illustre amigo acertadamente louva « que esse mosteiro era seu, e d'elle podia fazer o que quizesse. » Essa phrase fôra-lhe de certo segredada pelo seu intelligente amigo, João das Regras, e quem sabe se o astuto chancellor do mestre de Aviz não procederia como Joaquim Antonio de Aguiar, se fosse ministro da justiça e dos negocios ecclesiasticos em 1834?

E n'isto dão 11 horas no relógio do mosteiro de Alcobaça, a noite está serena e tentadora, mas amanhã temos de nos levantar cedissimo para vêr a igreja e o mosteiro, e ir logo em seguida visitar a Batalha.

Boas noites, leitor !

V

A igreja de Alcobaça. — A capella-mór e as capellas lateraes. — S. Sebastião com calções. — A sala dos reis. — Os azulejos. — O caldeirão. — Os tumulos de D. Pedro e D. Ignez de Castro. — As devastações dos francezes. — A phantasia na adolescencia dos povos. — A sala da livraria. — O claustro de D. Diniz. — Vandalismo. — A lepra dos edificios em ruina. — A capella queimada. — Monumentos historicos.

Era um domingo, e o mercado de Alcobaça estava animadissimo. Passando por entre os porcos, e os bois, que se atropellavam, ao som dos gritos dos conductores, diante do adro da igreja, subimos os degraus da escadaria, onde estão distribuidas umas pyramides ornamentaes, e, depois de termos contemplado a *rosace* tradicional, caracteristico das frontarias dos templos da idade media, entrámos na nave onde se juntava o povo a ouvir missa.

A nave é comprida, esguia e altissima, como

a traçavam os architectos piedosos, que delineavam perfeitamente no corpo da igreja a haste da cruz symbolica, ao passo que não temiam arrojara abobada a alturas incommensuraveis, para mais a aproximarem do céo, das estrellas e de Deus que entre ellas tem o seu throno. Nos altares da direita proximos da capella-mór vêem-se dous grupos de esculptura, representando um d'elles a morte de S. Bernardo, outro o Christo entre os apóstolos. No altar-mór abundam tambem as estatuas, o apóstolado acompanha a curva da capella, mais em cima pairam os cherubins. Em volta do altar-mór ha um circulo de formosas capellas, onde reina um mysterio religioso. Uma das capellas, proximas da sacristia, é um primor de lavoies da Renascença, que sempre entre nós cinzelou a pedra em magicos floreados. É esse tambem o estylo da sacristia. Nas capellas da esquerda, que fazem symetria com a da morte de S. Bernardo e a de Christo e os apóstolos vêem-se n'uma a estatua de S. Miguel, prostrando aos pés o archanjo revoltado, n'outra S. Sebastião... com calções. É, dizem os sacristães, uma das singularidades de Alcobaça. Será. Eu supponho que os dignos frades ou não quizeram que S. Sebastião, estando *sans-culottes*, passasse por jacobino, ou quizeram distinguil-o d'essa fórma da estatua nua de Venus, para que alguma velha, como a de Nicolau Tolentino, o não confundisse de novo com a deusa pagã.

Nós até ahi vagueáramos um pouco á tóa, mas

não tardámos a cahir nas mãos dos guias officiaes, que nos fizeram visitar a igreja regularmente. Começámos pois, junto do portal, pela sala dos reis, onde estão collocadas em diferentes nichos as estatuas mediocres dos soberanos tendo no centro um grupo que representa D. Affonso Henriques, coroado pelo papa, graças á intercessão de S. Bernardo que tambem figura no caso, achando-se d'essa fórma reunidas tres pessoas, que viviam uma em França, outra em Roma, outra em Portugal, o que prova mais uma vez que *tout chemin mène à...* Alcobça.

A um canto da sala dos reis está uma caldeira de bronze, que é a unica que resta das tres que os soldados do mestre de Aviz tomaram aos castelhanos em Aljubarrota, e que foram doadas ao convento de Alcobça por Nuno Alvares Pereira. A outra, de igual tamanho, é hoje propriedade particular, e o caldeirão immenso, que D. Filippe II não quiz que se transformasse em sino ou em canhão para não bradar ainda mais alto do que bradava assim, desapareceu quando desapareceram muitas outras cousas de valor. Pelos muros da sala desenrola se em azulejos a historia legendaria do voto feito por D. Affonso Henriques na occasião em que ia tomar Santarem, do conhecimento miraculoso que d'elle teve S. Bernardo em França, e de todos os outros acontecimentos que se seguiram, ou antes que se não seguiram, porque os dignos frades bernardos, que possuíam nos se-

culos XVI e XVII fabricas de documentos, como hoje ha em Roma fabrica de antiguidades, tinham forjado essa historia, como forjaram muitas outras.

Sahindo da sala dos reis, subimos a igreja toda, e, voltando á direita, entramos na capella sepulchral, onde se vê a maravilha de Alcobaça, quer dizer os tumulos do rei D. Pedro e de D. Ignez de Castro.

Aquelles immensos sarcophagos de pedra foram arrombados, como é sabido, pelos soldados francezes no tempo da invasão, e os ossos do rei justiceiro e os da sua gentil fascinadora foram dispersos pelo chão da igreja, victimas de uma profanação odiosa e estúpida. Na Batalha tambem os cadaveres dos soberanos que alli jazem foram arrancados dos tumulos e espalhados pela igreja. Os soldados brutaes do imperador procuravam as riquezas escondidas nos tumulos, e infelizmente os generaes, que os commandavam, eram completamente indifferentes ás obras artisticas e ás tradições historicas; uns, como Junot, sahidos da caserna, nem comprehendiam a santidade d'essas memorias e o esplendor das artes, outros, como Masséna, antigos republicanos mascarados de principes, conservavam a tradição da estúpida canalha, que violára os tumulos de S. Diniz e profanára os restos dos reis alli sepultados. Portugal, para ser infeliz em tudo, nunca mereceu ao imperador dos francezes a nomeação de um Marmont, de um Miollis, de um Suchet, de um Gouvion-Saint-Cyr para commandan-

tes dos exercitos que o invadiram. Esses ao menos eram generaes illustrados, que não prometteriam ingenuamente um Camões para cada provincia, mas saberiam lêr e respeitar o nosso grande epico, e as tradições cantadas por elle como sabiam lêr e respeitar Virgilio.

Não tivemos nem Championnet nem Miollis, e as hordas selvagens de Masséna e de Junot, ao passarem por diante dos tumulos de D. Pedro e de D. Ignez, não pensaram senão em arrombal-os para roubarem os thesouros que lá podiam estar escondidos. As delicadas esculpturas, lavradas com tão primoroso cinzel na pedra inteiriça, foram quebradas sem piedade, e uma porção dos dous sepulchros, lisa, e núa, apresenta como que uma larga cicatriz estampada pela guerra n'essa mimosa producção de um escopro da idade média. Ainda assim o que resta é bastante para nos fazer admirar a perfeição do trabalho e a riqueza de imaginação d'esses admiraveis artistas.

Por mais que o nosso orgulho de filhos de um seculo illustrado se revolte contra esta idéa de decadencia, é certo que o grande periodo creador da arte passou definitivamente, e que debalde procurará esta geração envelhecida rivalisar em força geratriz com os artistas, com os poetas medievaes, como a Grecia antiga no periodo mais brilhante da sua historia não pôde attingir á sublimidade inimitavel dos cantores da sua adolescencia, á riqueza da imaginação dos aédos que soltaram ao

vento do futuro os cantos immortaes da *Iliada*, esse *Romancero* hellenico. As raças teem decididamente, como os homens e as arvores, adolescencia, mocidade, virilidade, e velhice, e o caracteristico da adolescencia é nos homens e nas raças, e ousaria quasi dizer tambem nas plantas, a opulencia da imaginação, porque não é outra cousa tambem na arvore juvenil essa riqueza de seiva que borbulha em pimpolhos, em exfoliações e em ramaria. Assim tambem a exuberancia é o grande caracteristico da arte dos povos adolescentes. Veja-se para prova o *escudo de Achilles*, na *Iliada*, os tumulos de D. Pedro e D. Ignez na nossa esculptura medieval. Expande-se livremente n'estas paginas de pedra a phantasia do esculptor, os anjos plangentes corôam a formosa Ignez, choram sobre o apaixonado Pedro, e depois em baixo nas paredes do sarcophago tudo o que occorreu á imaginação do artista, tudo brotou da pedra, como no escudo de Achilles se entrecruzam em mil sentidos os mais variados quadros. Aqui é a lenda de S. Bartholomeu, além a visão terrivel do fim do mundo; dôces inspirações das legendas aureas dos agiographos, sonhos apocalypticos, tradições evangelicas, e festões e flôres, tudo alli corre em rendilhados na pedra sobre a qual se debruçava o artista para lavrar os seus mysticos sonhos, como á noite ao luar os rendilharia em estrophes do *Romanceiro* n'alguma chacara encantadora e triste.

A custo nos arrancámos da contemplação dos

dous tumulos, e, depois de termos lançado uma rápida vista de olhos para os sarcophagos singelos de outros reis e principes da primeira dynastia que alli jazem sepultados, fômos vêr alguns pontos mais curiosos do convento.

Que devastação! que tristeza! e que ruinas! Subimos á sala da livraria, unica que se conserva ainda em bom estado, mas despojada completamente de livros e de estantes, entrámos na sala dos manuscriptos, cuja entrada era só permittida ás authoridades e escriptores da ordem, e, ao vêmos tudo aquillo silencioso, frio, desprezado, sentimos uma certa amargura invadir-nos o espirito. Aqui escreveu comtudo frei Antonio Brandão, o precursor de Herculano, aqui meditaram e compozeram paginas admiraveis pela linguagem e pelo estylo muitos doutos cistercienses, e agora, como ficaram de pé as grandes paredes, como a galeria corre ainda intacta por todo o ambito da sala, houve já quem se lembrasse de a aproveitar para theatro ou salão de baile! Só ninguem se lembrou ainda de a aproveitar para livraria, só ninguem se lembrou ainda de fundar a um canto d'aquella casa immensa uma modesta bibliotheca, que a pouco e pouco se iria enriquecendo, e que conservaria a essa sala magnifica o seu primitivo destino!

Quem quizer fazer idéa do ponto a que podem chegar o vandalismo, a devastação estulta sem proveito nem motivo, a incuria, o desleixo, a ignorancia das cousas que em toda a parte merecem a

veneração e o respeito de todos os homens medianamente illustrados, vá a Alcobaça. Ainda hoje que em fim temos ao menos no orçamento uma verba para monumentos historicos, ainda hoje que se começa a perceber que não é completamente frivolo este zelo dos artistas pela conservação dos velhos edificios, e pela sua preservação de profanações imbecis, ainda hoje a troco de uma quantia insignificante se aluga uma parte do convento a gente que acaba de o estragar, ainda hoje no lindo claustro chamado de D. Diniz, mas onde se sente o estylo architectonico das reconstrucções manoelinas, crescem á vontade plantas parasitas, e uns canna-viaes escondem os columnelos graciosos das arcarias. A vasta cozinha dos frades serve para se amarrarem machos e cavallos por entre as vastas pias mutiladas. Isto ainda é mais hediondo do que as devastações da soldadesca. O insulto brutal das tropas estampa na face dos monumentos uma cicatriz que não deshonra, a entrega d'estes edificios ao braço secular dos profanadores ignaros cobre-os de uma lepra vergonhosa, e eu, ao vêr formigar nas janelas das antigas cellas uma população mais ou menos sordida, lembrava-me involuntariamente de um cigano a enrolar-se n'uma dalmatica prelaticia, e a deixar correr pelos bordados a ouro essa legião, que o mendigo celebre de Murillo persegue com tão escrupuloso cuidado.

Houve um principe que visitou Alcobaça, e que, lamentando a decadencia e o estrago d'aquelle ve-

lho monumento, determinou restaural-o quanto possesse, e chegou a conceber o plano de transportar para alli varias instituições, que occupassem aquelles aposentos, e lhes restituissem a vida a que teem direito. A elle se devem ainda algumas restaurações importantes pagas pelo seu bolsinho particular. Esse principe era o snr. D. Pedro v. Morreu porém, e com elle morreu a esperança de se salvar Alcobaça da ruina completa.

Hoje mette pena o convento arruinado. Cahiram sobre elle, como sobre o cadaver de um gigante, todas as aves de rapina, os seus livros dilacerados juncaram as estradas, as suas estantes apodreceram ou foram não se sabe para onde, a pedra serviu para as casinholas de quem as quiz edificar com materiaes gratuitos, o que resta, a não ser a igreja e a sala da livraria, e uma pequena parte do edificio, onde se accommodam as repartições publicas, está abandonado ao capricho de quem passa, ou á indifferença dos inquilinos. E tão difficilmente penetra o gosto artistico em Portugal no espirito das classes ainda as mais illustradas, que, na propria igreja, apesar de tratada agora com certo respeito, se conserva uma capella fechada com um tabique ignobil, e que serve, segundo me disse o sacristão, para arrecadação de madeiras! Essa capella fôra incendiada pelos francezes, mas de tanta pedra que se estragou e estraga por alli ainda ninguem se lembrou de aproveitar uma pouca para fechar esse vão e substituir ao menos a

res. Apenas a derrota pallida e desgrenhada sacode os seus doudos pavores sobre um exercito, ahi saltam nos fugitivos essas veneraveis furias, com gritos ferozes de alegria, matando, torturando, acabando os feridos, sedentas de sangue, insultadoras, horriveis, com os olhos injectados, as unhas recurvadas. São da mesma raça que essas outras furias que apparecem nas revoluções, que soltam nos clubs a voz esganiçada, que aconselham o assassinio, que despedaçam os *gendarmes* e os padres, lugubres bacchantes do motim, Eumenides das ruas, *lady Macbeth* dos tremedaes, avinhadas, sangrentas, com a voz rouca, desdentadas, de cabello grisalho, barba revirada, ou então bellas e provocadoras, prostitutas de robusto corpo e sentidos embotados, *Théroignes de Méricourt* que deixam ficar na historia um longo rasto de sangue e de lama, *Luizas Michel* que são o ideal idiota da revolução da communa, *mesdames André Léo* que são as furias de 93 aperfeiçoadas pela cultura do seculo XIX, e transformadas n'esses energumenos das tribunas dos congressos, que negam Deus e a familia, e que effectivamente nos fazem descreer da familia quando pensamos que um dos seus elementos constitutivos póde ser uma de essas viragos instruidas, e de Deus que permite que a luz do seu sol ridente e claro alumie essas hermaphroditas repugnantes.

O snr. Pinho Leal no seu dictionario, já por tantas vezes citado, lembra que não foi só Brites

de Almeida que se tornou celebre em Aljubarrota, mas que tambem Maria de Sousa deu cabo de um irmão de D. Nuno Alvares Pereira, que militava no exercito castelhano. Ahi temos pois outra heroína. Ora é de saber que o irmão de D. Nuno cahira prisioneiro dos portuguezes, e que D. João I re-commendára que o tratassem com todas as attenções. As suas ordens não se cumpriram, e o infeliz prisioneiro foi assassinado. Se Maria de Sousa andava mettida na funcção! Appareciam as viragos illustres, era o que bastava para que se manchasse com os assassinios dos prisioneiros a gloriosa victoria de Aljubarrota.

Desabafei e vou para diante.

Aljubarrota, se deu o nome á batalha, não se ergue comtudo no sitio, onde se travou a lucta. Sendo a unica povoação de alguma importancia, que ficava n'aquelles campos, impunha-lhes a sua denominação. Mas para se vêr o campo da peleja, é necessario proseguir no caminho da Batalha. A um kilometro d'esta villa, existe uma pequena aldeia, chamada S. Jorge, onde se ergue uma capellinha com a invocação do mesmo santo, erigida por Nuno Alvares Pereira, no sitio onde começou a peleja. Póde-se imaginar com que avidos olhos eu seguiria as sinuosidades do terreno, pedindo ás pedras do chão o segredo dos feitos de armas que alli se praticaram, o segredo d'aquella victoria maravilhosa. Que transformações não terá soffrido o terreno em 500 annos decorridos, e comtudo com que ancie-

rinho defronte de uma velha casa com uma inscrição latina por cima da porta. Estavamos em Aljubarrota.

Assim que mostrei desejos de vêr a famigera-da pá, o dono da unica loja que por alli vi, apres-sou-se a mandar um rapazote a casa do snr. *Antonio Pedro*, que eu não tenho a honra de conhecer, mas que, segundo parece, é o depositario do celebre instrumento, com que Brites de Almeida, por alcunha a *Pisqueira*, quantos castelhanos *vivos rapuit, omnes esbarrigavit*. D'ahi a pouco appareceu uma rapariguita preta, trazendo na mão um sacco carmezim, dentro do qual vinha a pá de ferro, quadrada e enferrujada, com o seu cabo moderno, pequeno e pintado. Mettemos a pá dentro da car-ruagem, vimol-a á vontade, restituimol-a á preta, e eu, tornando a lançar os olhos para a frontaria da casa, proxima do pelourinho, e que era o edificio dos antigos paços do concelho, vi que a inscrição constava de quatro versos latinos em louvor de Brites de Almeida. Não a copiei porque julguei que a encontraria no *Portugal antigo e moderno*. Não vem. Assim posso dizer apenas aos meus leitores que o poeta chama a Brites de Almeida *illustre virago*, o que será um elogio em latim, mas parece uma caçada em portuguez.

Ora é necessario que eu desabafe, embora cor-ra serio risco de ser apodado de iberico. Declaro que não tenho a menor veneração pela padeira de Aljubarrota, começando por não sympathisar em

geral com estas mulheres façanhudas, que dão bordoadas pela patria. Para mim o ideal do heroismo feminino pára em Philippa de Vilhena; d'ahi por diante acho que deixam de ser heroínas e passam a ser brutas. São figuras que nunca podem entrar nas concepções da arte. Dêem Brites de Almeida a um maestro e digam-lhe que componha uma opera, ha-de-lhe por força arranjar uma voz de baixo profundo. Dêem-na a um dramaturgo, e o desgraçado tem de confiar esse papel de Brites de Almeida ao meu talentoso amigo, o snr. Theodorico, vestido de padeira. Dêem-na ao snr. Lupi para um quadro, o snr. Lupi sem querer põe-lhe bigode e pera. Dêem-na ao snr. Calmels para uma estatua, o snr. Calmels espera que a *menina grande* chegue aos 30 annos, e depois escriptura-a para *poser* como modêlo. O contralto em musica, a voz e o porte de Emilia das Neves na arte dramatica, a Pallas grega em artes plasticas demarcam as fronteiras artisticas do heroismo feminil. Tudo o mais são abortos, gigantas Amiotas, que não podem ser cantadas senão em latim por poetas que lhes chamam illustres viragos.

Ora demais a mais o caso de Brites de Almeida é mais grave do que o de Isabel Fernandes, e outras abrutadas d'esta laia. Brites de Almeida, apenas viu os castelhanos em derrota, saltou em cima d'elles com a pá do forno e quantos apanhou vivos a todos estripou. Effectivamente, para darem cabo dos vencidos, não ha como as mulhe-

capella por uma parede lisa, livrando o templo venerando e austero d'aquelle remendo vergonhoso, d'aquella cataplasma indecente!

É uma vergonha, repito, é uma vergonha que quasi todos os monumentos de Portugal, que encerram maravilhas de arte, ou que se acham ligados a preciosas recordações historicas, estejam abandonados á especulação vil, ao desleixo, á ignorancia, ao camartello dos compradores ou á tijella da cal dos restauradores. É necessario que a verba dos monumentos historicos se augmente, é necessario que se entenda que estes venerandos edificios do passado pertencem aos homens que estudam e pensam, são paginas da historia nacional. Assim como supponho que não é licito que vão os tendeiros embrulhar manteiga á bibliotheca publica nas paginas das chronicas de Fernão Lopes, tambem não póde ser permittido aos senhores caserneiros de Alcobça, ou a quem é que dirige aquillo, estar a embrulhar n'um arrendamento de quatro vintens por mez a cella de frei Antonio Brandão, ou o quarto de frei Bernardo de Brito.

Assim pensando com tal ou qual acrimonia, sahimos do convento, mettemo-nos no trem e estavamos d'ahi a meia hora no caminho da Batalha.

VI

Aljubarrota. — A pá e a padeira. — Uma confissão perigosa. — As illustres viragos. — Fronteiras artisticas do heroismo feminil. — As perseguidoras dos vencidos. — As heroínas dos motins. — A batalha. — O campo da peleja. — A guerra democratica. — A mocidade de um povo. — Os sonhos de D. João 1. — Chegada á Batalha.

É linda a estrada que vai de Alcobaça á Batalha, e a subida de Aljubarrota, que se encontra logo no principio do caminho, serpeia por uma encosta cercada por todos os lados de amenos e risinhos vergeis, que deleitam a vista. A seis kilometros de distancia de Alcobaça, encontramos uma pequena povoação silenciosa, de casas velhas e tristes. O cocheiro, a quem eu dissera que queria parar em Aljubarrota, reprimiu os cavallos, ao chegar a um pequeno largo onde se erguia um pelou-

dade eu desejaria poder deslindar n'aquelle campo o grande mysterio da batalha, da batalha que Fernão Lopes affirma que se deu em campina rasa, e que Pero Lopes de Ayala assevera que se travou n'um campo cortado de obstaculos naturaes! Se o terreno não mudou muito, os obstaculos naturaes não existiam, o campo de batalha era uma planicie entalada entre outeiros não muito elevados. Apenas o Lena o corta, rio pequenissimo, que no verão quasi que não leva agua. Ora foi a 14 de agosto de 1385 que a batalha se travou. O Lena devia estar quasi secco.

O snr. Sandoval, distincto escriptor hespanhol, cuja obra não pude senão folhear rapidamente, mas que hei-de lêr, logo que possa, com pausa e attenção, estudando conscienciosa e imparcialmente essa batalha, parece que se inclina para a versão dos seus patricios, que attribuem á existencia de obstaculos naturaes a perda da batalha, e que, visitando o terreno, julgou encontrar esses obstaculos no curso do Lena. Parece-me pouco justa essa observação. O Lena, como já disse, é um riacho, completamente insignificante em agosto. E demais, se a posição dos portuguezes era excellente, como os historiadores hespanhoes affirmam, quem tivera a culpa? Foram os castelhanos que escolheram o terreno, tanto que os portuguezes, tendo ordenado a batalha com o rosto para Leiria, tiveram de operar uma mudança de frente, em virtude do movimento do inimigo.

Não, o segredo da victoria de Aljubarrota, por mais de uma vez o tenho dito e repito-o agora, está na nova tactica empregada por Nuno Alvares Pereira, e que sempre o tornou vencedor. O segredo da victoria dos portuguezes sobre os hespanhoes, é o mesmo que o segredo das victorias dos inglezes sobre os francezes por essa mesma época. A cavallaria castelhana veio expirar aos pés de um punhado de portuguezes em Aljubarrota, como a flôr da cavallaria franceza foi cahir em Poitiers aos pés de um punhado de soldados do principe Negro. Era a infantaria das communas e dos concelhos, os *yeomen* e os bésteiros do conto, affirmando a sua superioridade sobre a cavallaria feudal. Era a guerra democratica desthronizando a nobreza militar. Era o povo que entrava em scena.

Diz Fernão Lopes, descrevendo a batalha dos Atoleiros: « Onde aqui notam que Nuno Alvares foi o primeiro que de memoria dos homens até este tempo poz batalha em Portugal pé terra e a venceu. » De então por diante nunca mais os portuguezes deixaram de combater pé terra; assim pelejaram e venceram em Trancoso, em Aljubarrota, e em Valverde. Leia-se a historia das batalhas do principe Negro, encontrar-se-ha a mesma tactica, piques, apontando aos peitos dos cavallos os seus ferros agudos, como as baionetas de um moderno quadrado, bésteiros varejando um o tiro certo os turbilhões dos ginetes, e Najera, Poitiers, Atoleiros, Aljubarrota, Valverde, Trancoso, Azincourt,

treita, melancolica, desdobrava-se entre dous renques de columnas colossaes, que se alteavam immoveis e solemnes, sumindo os capiteis na sombra, onde como que pairava a abobada lavrada a gotejar as inspirações da fé.

Nos fustes da columnata, os raios do sol, coados pelas altas janellas gothicas de vidros coloridos, estampavam umas estreitas fachas de luz vermelha e azul, que sulcavam com os seus reflexos estranhos a mysteriosa sombra do templo. Ao fundo no retabulo da capella-mór havia como que uma visão paradisiaca. Os vidros pintados, maravilhoso segredo da arte medieval, mostravam-nos os seraphins e os archanjos como que adejando no esplendor celeste, e traçados por um magico pincel n'uma tela de luz. Por toda a parte o silencio e a penumbra religiosa, a comprehensão sublime do mysticismo christão, a poesia das crenças profundas a fluctuar por baixo d'essas abobadas, que se perdiam ao longe na etherea sombra como a aspiração da alma para o infinito, para Deus.

Tem-se comparado por mais de uma vez a Batalha com um poema de estrophes de pedra, e a comparação é sempre exacta. Aquelle maravilhoso edificio desabrochou, como um sonho, na mente do poeta-architecto, que o concebeu em horas de inspiração sublime. A Batalha é um hymno de acção de graças a Deus. N'essa immensa nave, mergulhada na sombra e no silencio, vemos nós com os olhos da phantasia uma geração inteira, a geração dos

fortes ajoelhada e reverente. As suas preces, murmuradas pelos labios tremulos, ondeiam como nuvens de incenso, na atmospheria amplissima, em quanto sobre as cabeças inclinadas dos fieis desdobra a silenciosa, e como que pensativa abobada, a sua curva austera e vaga. A luz do sol dos vivos não penetra no templo senão através dos vidros córados, e semeia de phantasticos reflexos a vastidão da nave. Mas lá ao fundo no retabulo, o sonho mystico de todas essas imaginações ardentes desdobra em ondas de luz sublime os seus maravilhosos lineamentos. Os anjos e os cherubins e os santos pairam com azas de esplendor na transparencia das vidraças, e desenham á mente fascinada dos crentes um relanço da Jerusalem celeste. Nas sepulturas de marmore as estatuas dos heroes e dos reis cruzam as mãos sobre o peito, e os seus labios de pedra parecem murmurar ainda a oração, e nos seus olhos cavados um raio de sol, mysteriosamente coado pelo vidro de côr, parece accender como que um reflexo da luz estranha do paraíso.

Eu estou n'este momento luctando com a palavra humana, para conseguir arrancar-lhe a expressão dos sentimentos que me tumultuavam no peito, na hora em que contemplava com um arroubamento indizivel aquelle maravilhoso templo! E sinto afinal que o não consigo, sinto principalmente que me é impossivel fazer comprehender a Batalha á geração sceptica do meu tempo. E, fallando em scepticos, não alludo aos livres pensadores; esses,

VII

A Batalha. — Impressão produzida pelo aspecto da nave. — Os vidros pintados do altar-mór. — As igrejas e os devotos do seculo XIX. — Versos de Musset. — A Batalha á noite. — Espectaculo legendario. — A capella do fundador. — A familia de D. João I. — As divisas dos tumulos. — D. Duarte e D. Leonor. — As capellas collateraes da capella-mór.

Quando ao entrar a porta da igreja de Santa Maria da Victoria, me encontrei de subito na nave immensa e silenciosa, quando passei sem transição do largo inundado de sol de agosto para o templo immerso em sombra, a impressão que recebi foi tamanha que os olhos involuntariamente humedeceram-se-me; porque as sensações violentas, de qualquer natureza que sejam, encontram nas lagrimas sempre a sua expressão mais completa.

Diante de mim a nave central, immensa, es-

Granson, Morat, batalhas em que é successivamente aniquilada em diferentes paizes até desaparecer de todo da scena da historia militar, a cavallaria feudal, attestam a victoria definitiva da nova tactica, inaugurada por dous dos maiores homens de guerra da idade media, o principe Negro e Nuno Alvares Pereira.

Entretanto iamós descendo para a Batalha, e o coração pulsava-me com força, á medida que via passar diante de mim, em rapida corrida, as arvores que entranhavam as raizes no solo pisado outr'ora por essa geração de heroes. Essa batalha de Aljubarrota é gloriosa e é bella; toda respira mocidade, a mocidade de um povo e a mocidade de uma geração. Tem 26 annos o rei, 24 annos o seu grande general, os seus mais briosos cavalleiros constituem um grupo de rapazes, que formam a ala dos namorados, intrepida e risonha phalange, que pagou á morte e á victoria um larguissimo tributo, e que morreu cantando e rindo, beijando as charpas bordadas pelas suas damas. Tudo alli respira a bravura, a audacia intemerata, a confiança no futuro. Fazem-se votos denodados, trocam-se ditos de espirito, riem-se todos do perigo e da morte. E depois quando termina a peleja, quando corôa a victoria as armas portuguezas, D. João I, o joven e intrepido monarcha, tem um sonho radiante, o de perpetuar a memoria dos seus feitos n'um poema de pedra, n'um monumento que a phantasia dos artistas rendilhe com os mais maravilhosos labores,

e que seja um hymno de acção de graças, cujas estrophes cinzeladas tenham a magia exuberante dos versiculos do *Cantico dos Canticos*, e se ergam para o céo nos coruchéos finissimos e arrendadas agulhas.

E esse sonho realisaram-lh'o os artistas, porque tudo sorriu a D. João I. Sonhou victorias impossiveis, e Deus concedeu-lhe Aljubarrota e Ceuta, sonhou um lar domestico povoado de affectos e de virtudes, e Deus trouxe-lhe do norte D. Filippa, a loura e casta filha de Inglaterra, sonhou perpetuar-se n'uma descendencia heroica, e Deus concedeu-lhe a maravilhosa pleiade de seus filhos, sonhou um amigo leal e deu-lhe Deus Nuno Alvares Pereira, um auxiliar intelligente e dedicado, teve João das Regras, sonhou novos mundos, e seu filho, o infante D. Henrique, abriu-lhe de par em par as portas cerradas do oceano, sonhou uma epopêa maravilhosa de architectura, como só podiam erguel-a nos ares as mãos phantasticas das fadas, e Affonso Domingues lançou-lhe aos pés a Batalha.

Ella lá está no fundo e o seu aspecto faz-nos soltar um grito de admiração. Parámos diante do seu portal, e em quanto eu procuro o digno escrivão de fazenda d'este concelho, o snr. Bagué Rebocho, cavalheiro muito estimavel, a quem eu ia recomendar, e que teve a bondade de me acompanhar a toda a parte, como o mais obsequioso dos *cicero-ni*, em quanto eu o procuro, os leitores tomam o folego porque vão entrar commigo n'um capitulo das *Mil e uma noites*.

se teem, como Ernesto Renan, o sentimento da poesia religiosa, a religiosidade, rebelde aos dogmas positivos, mas accessivel á idéa de Deus, de alma immortal, de aspirações ao infinito, comprehendem a Batalha. Os que não podem comprehendel-a são os devotos do meu tempo. Para aquelles que vão a uma d'estas igrejas do seculo XIX, á noite illuminadas a gaz, de dia claras e alegres como uma sala de exposição, ouvir uma missa regimental rezada por um padre bocejante, a quem responde, sem perceber o que diz, um sacristão apressado e avido, em quanto no côro uma banda marcial acorda os echos da igreja com os compassos estrondosos de uma walsa ou de um *pot-pourri* de Offenbach, para esses a Batalha é um livro fechado a sete sellos. Não ousem nem sequer entrar n'ella, ou D. João I, irritado, se levanta do seu tumulo de pedra, e expulsa a chicote dos recessos do seu templo esses profanadores estultos de tudo quanto ha sagrado e grande na consciencia humana!

Quando vi a Batalha comprehendí aquelles magnificos versos de Musset na introdução do *Rolla*:

Regrettez-vous le temps ou nos vieilles romances
 Ouvraient leurs ailes d'or vers leur monde enchanté,
 Où tous nos monuments et toutes nos croyances
 Portaient le manteau blanc de leur virginité?

.....

Où Cologne et Strasbourg, Notre-Dame et Saint-Pierre,
S'agenouillant au loin dans leurs robes de pierre,
Sur l'orgue universel des peuples prosternés
Entonnaient l'hosanna des siècles nouveau-nés.

A Batalha tambem como Strasburgo e Colonia é o monumento ajoelhado na sua tunica de pedra rendilhada, e entoando, por todas as vozes mysteriosas que se exhalam dos seus recessos, o *Te-Deum* sublime das portentosas victorias. Á noite é que a Batalha deve recuperar todo o seu prestigio immenso. A missa balbuciada por um prior qualquer indifferente e sceptico, escutada por umas senhoras de chapéo parisiense e por uns camponezes pasmados, deve ser uma profanação para aquelle templo austero, onde se conserva, como um perfume oriental n'um frasco de ouro cinzelado, a essencia das crencas ardentes da geração que o arrancou da pedra. Á noite, quando o silencio e a treva reinarem absolutamente na amplidão tranquilla da velha igreja, quando o luar envolver com as suas languidas caricias os mil labores da fachada, e pousar os seus beijos de prata nas figuras maravilhosas do portal, quando através das frestas gothicass penetrar na nave e nas capellas, onde dormem as estatuas dos principes, um raio branco da lua a que os vidros coloridos emprestarão os reflexos nacarados da madre-perola, é que a Batalha deve ser sublime de contemplar. Quem sabe se então, como nas velhas lendas, o viajante que passar no alto dos outeiros que rodcião o edificio não verá accen-

derem-se as altas janellas com o reflexo da luz interior, e não ouvirá o orgão, acordado por mão sobrenatural, derramar pelo valle adormecido a torrente das suas melancolicas melodias? Quem sabe se aquelle, que ousasse penetrar n'esse momento na igreja triste e só, não veria ajoelhados sobre os seus tumulos D. João I, e D. Filippa e o seu cortejo de principes e fidalgos, em quanto ao longe por esses campos de Aljubarrota os valentes que alli pereceram ergueriam as suas fórmãs espectraes e escutariam com enlevo o religioso murmurio, e entoariam tambem o *Te-Deum* das gloriosas pelejas, que só podem ser cantadas por espectros nos valles de Aljubarrota, ao som do orgão da Batalha banhada de luar, porque o luar, a Batalha e Aljubarrota são a luz, o poema e o echo da nossa gloria extinta.

Tornemos ao portal da igreja, onde parei maravilhado, a contemplar o espectaculo prodigioso da extensa nave da igreja, e o magico effeito dos vidros pintados do retabulo, e, voltando á direita, entremos na capella do fundador, que, em vez de ser escura como a de D. Pedro e D. Ignez em Alcobça, recebe luz bastante de um zimborio que a corôa, sem sahir comtudo completamente da religiosa penumbra que domina em todas as igrejas da idade media. No centro da capella dous tumulos tão unidos que realmente parecem um só, como diz fr. Luiz de Sousa, encerram os corpos de D. João I, e de D. Filippa, e deitadas sobre elles, com

as mãos enlaçadas, vêem-se as estatuas do heroico mestre de Aviz e da virtuosa ingleza, que deram aos seus subditos o exemplo da moralidade e do santo amor conjugal. Nos vãos das paredes apparecem quatro tumulos singelos: o do infante D. Pedro, duque de Coimbra, o que morreu em Alfarrobeira, um dos grandes estadistas de que Portugal se ufana, uma das mais nobres intelligencias e das mais puras almas que teem brilhado no mundo; o do infante D. Henrique, o navegador, aquelle a quem Portugal deve a gloria que o immortalisou, o do infante D. João, menos illustre que seus irmãos, mas seu digno auxiliar em todas as suas empresas, e finalmente o do infante D. Fernando, o infante santo, o principe constante, o martyr de Fez, o homem, que, pelas suas dôces virtudes, ficou sendo para o futuro a poesia e a lenda da pura fé e da resignação tocante, a figura elegiaca d'essa inspiradora familia, que teve no seu fundador e em D. Henrique a aventurosa epopêa, em D. Pedro a tragedia, em D. Filippa o cantico singelo das alegrias e das santas virtudes do lar.

A alma eleva-se-nos naturalmente, quando nos encontramos n'aquella capella no meio d'esses grandiosos vultos. Que mundo de pensamentos nos invade! Cada echo d'esse pequeno recinto nos murmura ao ouvido: gloria, talento, virtude, magnanimidade. As divisas que correm pelos tumulos todas fallam a nobre linguagem dos espiritos generosos. *Il me plait pour bien*, diz D. João I, não suspei-

tando de certo que a imaginação popular interpretaria essa nobre divisa de um modo galante, mas que discorda completamente do caracter bem conhecido do esposo de D. Filippa. *Le bien me plait*, murmura dôcemente a voz de D. Fernando. *Talent de bien faire*, diz de outro lado, tomando a palavra *talent* na sua antiga significação de *vontade* o energico D. Henrique. *Désir*, acode modestamente o infante D. Pedro, que rejeitou a estatua que os povos lhe queriam elevar. E quando nos lembramos de tudo o que fizeram pela sua patria esses membros gloriosos de uma familia heroica, quando nos recordamos da fragrancia de virtude com que elles perfumam a nossa historia, do sopro de viril grandeza que se respira na época de que elles foram sem duvida os mais sublimes representantes, respiramos tambem nós com mais desafoço, como se o ar que circula n'aquella capella estivesse impregnado ainda d'essas emanações nobres e puras que rescendem nas paginas pitorescas e animadas do velho Fernão Lopes.

Sabimos da capella, e subindo a igreja, fomos encontrar o tumulo de D. Duarte aos pés da capella-mór, ao lado de sua esposa D. Leonor de Aragão, que tão estremecidamente amou. Faltavamos na capella do fundador o vulto d'este principe, que triste sina perseguiu, mas que não é de certo o menos sympathico dos filhos de D. João I. Parece comtudo que, ainda na morte, sua esposa, D. Leonor, a implacavel inimiga de seus irmãos, a

que tanto concorreu para que fossem procurar em Tanger perda segura os infantes D. Henrique e D. Fernando, a que tanto calumniou D. Pedro, a que lançou no espirito de seu infantil filho D. Affonso v os germens do odio, que havia de produzir a messe fatal de Alfarrobeira, conseguiu afastar para longe dos seus o melancolico esposo que a adorava. Lá estão as suas estatuas de mãos enlaçadas, em quanto ao fundo da igreja encerrados na sua funeraria capella como que choram seus paes e seus irmãos a ausencia do monarcha eloquente.

Atravessemos rapidamente, não sem nos admirarmos d'esse lavor constante da pedra, que não deixou n'um só ponto de ser cinzelada, e arrendada com prodigiosa perfeição, as quatro capellas collateraes, e entremos emfim na sacristia. Paremos antes d'isso um instante, porque chega a fatigar a vista e o pensamento essa ininterrupta successão de maravilhas e de grandes recordações historicas.

VIII

Sacristia da Batalha. — Os elmos de dous reis. — Aventura d'um hespanhol com o capacete de D. João II. — A casa do capitulo. — A lenda da abobada. — O busto do architecto. — O claustro. — Os terraços. — Panorama da Batalha. — As capellas imperfeitas. — O portal. — Palavras de fr. Luiz de Sousa. — Regresso ás Caldas. — A igreja do Senhor da Pedra. — A imagem. — Panorama de Alemquer. — Conclusão.

Encerra recordações historicas a sacristia da Batalha, e encerrou tambem admiraveis paramentos, que desappareceram n'essa guerra de salteadores que em Portugal se travou em 1810, quando os soldados de Masséna e os de Wellington, uns inimigos e outros alliados, como que rivalisaram entre si nos insultos, e nos roubos feitos ao desgraçado paiz que lhes servia de campo de batalha.

Hoje os objectos mais curiosos que alli se encontram, e que eu contemplei com avida curiosidade,

são os capacetes de D. João I e D. João II. Effectivamente experimenta-se não sei que sensação estranha quando se toma nas mãos o elmo pesado do mestre de Aviz, o elmo que lhe apertava a nobre cabeça na batalha de Aljubarrota, e que elle doou ao seu querido mosteiro da Batalha, o que lhe garante a authenticidade. O elmo de D. João II, doado tambem pelo principe perfeito ao convento, inspirou-me uma veneração profunda. Debaixo d'aquelle pedaço de ferro que grandiosos pensamentos se agitaram! que vastos sonhos, que mundo de idéas apertou o estreito ambito d'aquelle capacete enferrujado, que hoje se deixa indifferentemente manusear por milhares de mãos obscuras, elle que viu Arzilla e Toro, elle que pousou na frente d'um dos homens mais intelligentes que se teem sentado no throno portuguez!

Passára-se com este capacete um incidente curioso, que o sacristão me referiu, e que não resisto ao desejo de narrar.

Pouco tempo antes de eu ter alli ido, um dos hespanhoes que estavam nas Caldas fôra tambem fazer a sua digressão á Batalha, visitára a igreja, e vira na sacristia os formidaveis elmos dos reis.

Pegou no mais pequeno, o de D. João II, e teve o capricho de o pôr na cabeça.

Aqui temos pois o nosso bom hespanhol de collete, fraque, e collarinhos e com o capacete de D. João II enterrado até ás orelhas.

Até ahi bem foi o caso, mas, quando se tratou

de tirar o capacete, começaram as difficuldades. O hespanhol de elmo na cabeça suava, esbravejava, gritava, e um companheiro d'elle d'um lado e o sacristão do outro a puxarem com alma, e o capacete sem querer sahir!

— Levem-me ao serralheiro — bradava o hespanhol com uma voz cavernosa que sahia lá de dentro do elmo como das profundidades d'um pote de ferro.

Não o levaram ao serralheiro, e privaram assim d'um divertimento homerico os habitantes da Batalha.

Se o homem sahe da igreja para o largo com o seu collete e o seu fraque, e as suas calças claras e o elmo de D. João II enterrado pela cabeça abaixo, e vai n'esse pitoresco traje em demanda d'um serralheiro, era caso para a população da Batalha morrer a rir.

Não foi. A um sacão mais violento o capacete sahiu, mas sahiu arrebitando o nariz do imprudente, esfolando-lhe as orelhas, e mostrando aos espectadores em fim a cara ensanguentada e furiosa do bom do hespanhol.

Este, provavelmente conhecedor superficial da historia do seu e do nosso paiz, teve medo do capacete de Aljubarrota, e foi metter-se em brincadeiras com o capacete que estivera em Toro na ala esquerda, na celebre ala esquerda que destroçava os castelhanos, e punha em fuga D. Fernando, em quanto na direita D. Affonso v perdia a batalha.

Não era a primeira vez que aquelle capacete aprisionava hespanhoes. E demais elle julgava que se podia metter qualquer cabeça vulgar no molde da cabeça de D. João II?

Rindo ainda da aventura, passámos da sacristia para a celebre casa do capitulo, theatro da famosa lenda, que o sacristão fez favor de me contar, lamentando eu não ter tempo para repetir aqui a preciosa narrativa, que deixaria para sempre no escuro a *Abobada* de Alexandre Herculano.

Escapou de boa o nosso grande escriptor!

Tem de notavel pois a casa do capitulo, como é sabido, a abobada arrojadissima que se não firma n'uma só columna, e que tão valentemente construida foi que, cahindo-lhe em cima, por occasião do terremoto de 1755, um dos enormes coruchéos da igreja, e conservando-se assim até 1840 e tantos, sustentou sem fraquejar aquelle peso colossal. Parece que foi Mousinho de Albuquerque o ministro que mandou levantar o coruchéo á sua antiga posição, onde hoje de novo está. A um canto da sala, em cujo centro pousam sobre um estrado de madeira os tumulos provisorios d'el-rei D. Affonso v e de seu neto o principe D. Affonso, vê-se, quasi como cariatide da abobada, o busto do architecto da Batalha, Affonso Domingues, modesta assignatura lavrada no fundo d'uma das paginas d'esse livro de pedra pelo maravilhoso poeta que o concebeu e creou. Pelas vastas janellas ogivaes sustentadas em elegantes columnelos, divisa-se o claustro

encantador, em cujas longas arcarias se aprimorou o cinzel prestigioso d'esses rendilhadores da pedra.

Por escadas amplas e commodas subimos aos terraços, e d'ahi ao pinaculo do mais alto coruchéo, e contemplámos no seu conjuncto essa maravilhosa mole, onde é tudo elegante e primoroso. Os coruchéos arrendados, as cimalthas dos muros por toda a parte recortadas em labores infinitos, a curva graciosa dos meios arcos que amparam os coruchéos e zimbórios, tudo enleva os olhos e deixa ficar no espirito a mais grata impressão. A paizagem que rodeia o edificio, mettido n'uma baixa, é suave e viçosissima. Pensava eu, ao encostar-me a uma das ameias dos terraços, que, se algum viajante, desconhecendo completamente o sitio em que estava, passasse n'uma noite de luar por algum d'esses outeiros que rodeiam o convento e a igreja e visse de subito surgir o edificio, havia de suppôr que estava contemplando alguma construcção aérea das fadas, algum palacio phantastico que se dissiparia ao romper da manhã, quando terminasse a hora dos prestigios, e que a materia que o formava seria não a rija pedra que affronta os seculos, mas o nevoeiro tecido pelas mãos vaporosas d'essas filhas ethereas da imaginação popular.

E faltava-nos comtudo vêr ainda a parte mais maravilhosa do edificio, no que diz respeito a execução. Descemos e d'ahi a pouco entravamos nas capellas imperfeitas, ou antes incompletas. Mandadas construir por el-rei D. Manoel, para dar alli

sepultura aos reis e principes que tinham apenas na Batalha tumulos provisorios, e a si proprio, desistiu d'esse pensamento quando construiu Belem, e nem pensou elle o eterno restructor e edificador, em concluir as capellas, em as fechar ao menos, porque só com a construcção da abobada ficariam cerradas e abrigadas! Essa pagina, assim mutilada e exposta ao tempo, é, apesar d'isso, uma das mais maravilhosas da Batalha. Descrever o portal é superior á linguagem humana. A pedra foi alli por tal fórma lavrada, recortada, cinzelada, que ficou como que reduzida a fio, e que parece que, se se lhe tocasse com um dedo, essa obra fragil e tenue cahiria pulverisada no chão. Fizeram os cinzeladores com a pedra o que fazem as rendeiras de Peniche com os tecidos mais finos. O olhar deslumbrado, ao seguir as curvas exfoliadas dos cordões concentricos do portal, quasi não acredita no seu proprio testemunho, e suppõe que alli mesmo, á plena luz do sol, os prestigios d'um nigromante o estão illudindo com uma creação visionaria.

« Passada a porta, diz fr. Luiz de Sousa nã sua encantadora linguagem tão lavrada e arrendada como a pedra das capellas, leva os olhos após si um edificio imperfeito e descoberto, que de presente é uma grande praça de capellas formada em perfeito circulo, e contam-se n'elle sete. E assim como a traça de estarem em campo redondo, mostra não se pretender preferencia por quem as ordenou; da mesma maneira se teve cuidado de se buscar igual-

dade, ao que parece, no corpo, feição, fôrma e fei-
tio de todas, e cada uma por si que é quanto se
póde desejar por todas suas partes excellente de
arcos e laçarias, de policia de esculptura, de gra-
ça, subtileza e diversidade de lavor: mas em ne-
nhuma se enxerga differença tal que a faça avan-
tajada ou minguada de authoridade. Porém é gran-
de lastima que, estando como estão todas as capel-
las acabadas em sua perfeição, e as paredes em ro-
da levantadas até o ponto, d'onde segundo a arte
havia de começar a subir a abobada maior, para
cobrir todas, e tornar o que hoje é praça aberta em
capella fechada, que não fôra demasiado custo á
comparação do muito que já está feito, parou a
obra n'este estado; e testemunha bem a fortaleza
d'ella, estar tantos annos, como logo veremos, ba-
tida das inclemencias do tempo e enxergar-se-lhe
mui pouco damno.»

Escrevia isto fr. Luiz de Sousa na sua *Historia
de S. Domingos*, ha mais de duzentos annos, e
comtudo ainda hoje as capellas estão intactas e ma-
gnificas.

Pois não tem affrontado só as inclemencias do
tempo, mas tambem as injurias dos homens e a rui-
na que provém do desleixo e da ignorancia. Hoje
felizmente a Batalha tem no orçamento, na classe
dos monumentos historicos, uma pequena verba de
3:500\$000 reis, graças á qual o architecto, encar-
regado de velar pelo edificio, e que eu não conhe-
ço, mas a quem presto merecida homenagem, tem

conservado, reparado com summo tacto, resguardado emfim o monumento com intelligente e acertado carinho.

As capellas imperfeitas, cuja construcção se attribue a Matheus Fernandes, eram destinadas como disse, para sepulturas de reis. Em duas as divisas bem conhecidas da esphera armillar e do pelicano, attestam que deviam dormir o eterno somno D. Manoel e D. João II, nas outras não ha signal que designe quaes seriam os moradores. Hoje nos recessos das sete capellas dormem á noite os raios pallidos do luar, e as aves nocturnas pousam nas laçarias arrendadas dos porticos, por onde escorrem de inverno as lagrimas da chuva, e onde geme o vento invernal as suas melancolicas endeixas.

Ia a declinar o sol, esperava-nos o jantar em Alcobaça, deviamos partir depois d'isso para as Caldas, e tinhamos portanto de andar ainda nove leguas. Era indispensavel partir. Despedindo-nos, cheios de gratidão, do nosso amavel cicerone, o snr. Bagué Rebocho, e cheios de saudade do edificio maravilhoso que passára por diante de nós como um sonho de magico enlevo, mettemo-nos na carruagem e partimos para Alcobaça, atravessando de novo a melancolica Aljubarrota. Jantamos, e á meia noite faziamos a nossa entrada nas Caldas da Rainha, com o espirito cheio das mais agradaveis recordações.

Da minha residencia na villa dos banhos thermaes pouco mais tenho que narrar aos meus bene-

volos leitores. Depois de lhes descrever a Batalha, hei-de descrever-lhes a igreja do Senhor da Pedra, templo do seculo XVIII, frio e correcto como uma ode da Arcadia, onde se adora uma imagem de Christo, que é a maior injuria ao Christo e á arte que eu tenho presenciado, imagem que se assemelha perfeitamente aos *manipansos* de Angola, se é que os manipansos não teem mais primoroso lavor?

Impossivel. Dir-lhes-hei apenas que a igreja, onde se vê essa imagem curiosa por mostrar a que extremos póde chegar o *fetichismo* das populações catholicas e ignorantes, fica a pequenissima distancia de Obidos, que se vê toda do adro d'essa igrejinha hexagonal, que se podia vender como caixa de amendoas por occasião da Paschoa.

No dia 8 regressava eu a Lisboa, percorrendo de dia a estrada do Carregado, e tendo assim occasião de observar um dos mais formosos panoramas que tenho visto na minha vida, o panorama de Alemquer, assente n'um valle verdejante regado por um rio, e mostrando ao viajante, que passa na estrada que o domina, as suas casas pitorescas, as suas fabricas imponentes, as suas igrejas e as suas pontes.

E, como depois d'isso entrei em Lisboa, posso assegurar aos leitores que estão livres d'estas cartas das Caldas, que de outro modo podiam julgar interminaveis.

AS FESTAS DA NAZARETH

I

Partida para a Nazareth. — A estrada de Alcobaça. — As margens do Alcôa. — O jardim do snr. Rapozo. — Caminho do oceano. — O assassinio do barão de Porto de Moz. — A propriedade do snr. Igreja. — O *Sítio* e a *Praia*. — O hotel Praiense. — Prophecia de Castilho. — Vacca e riso. — Os convivas.

No dia 7 de setembro de 1875 partia o author, acompanhado pela sua familia, das Caldas da Rainha para a Nazareth, a fim de assistir ás celebradas festas, que attrahem ás margens do oceano tantosromeiros de varios pontos de Portugal.

Como iamos de carruagem, tivemos de desaproveitar o atalho, que de Alfeizirão vai directamente á Nazareth, e seguimos pela estrada de Al-

cobaça, que já no anno anterior percorreramos na digressão em que visitámos o maravilhoso monumento da Batalha.

Mas então, á ida e á volta, desceramos e subiramõs de noite a vertente septentrional da serra de Alfeizirão, e este anno a plena luz do sol mostrou-nos uma das mais encantadoras paisagens, que se podem encontrar n'esta formosissima terra de Portugal.

O Baça rega com as suas aguas uma risonha veiga, e a vista deliciada não encontra por todos os lados senão denso arvoredõ fructifero que fórma um gracioso conjunto, as encostas da serra vestidas de verdura, com algumas casinhas pittorescamente dispostas, á laia de *chalets* suissos, em despenhadeiros sobre o rio, e os valles semeados de povoações e casaes, que alvejam á luz do sol, e dão um aspecto animado á paisagem, mais animado ainda pelas eiras, onde brilha o ouro vivo das magarocas, e por outros symptomas da vida agricola, que torna tão rica esta região feracissima, como todas as que os frades escolhiam para si.

Ao longe á esquerda, campeia a torre da igrejinha de Cella, ao fundo cerra os horisontes mais distantes a serra de Albardos, escolhida para theatro do legendario voto de D. Affonso Henriques.

Entra-se finalmente em Alcobaça, situada n'uma baixa, e de subito, quando menos se espera, defronta-se com a fachada veneranda da velha igreja, triste, rugosa, macerada pelo tempo, e contem-

plando melancolicamente o esplendor immortal da natureza que a cerca.

Em quanto se preparava o jantar percorremos as ruas desafogadaś e mesmo bonitas de Alcobaça, que não conheciamos ainda, porque no anno anterior a visita da igreja e do mosteiro absorvera-nos todo o tempo.

O Alcôa atravessa a villa, seguindo pela estrada da Nazareth, e dá uma physionomia graciosamente campestre a essa parte de Alcobaça. Era já ao cahir da tarde, quando divagámos nas suas margens, e que dôces idéas de tranquilla existencia nos accommetteram, ao vermos enfileirar-se um renque de graciosos choupos a mirar-se no rio, um bando de patos alvos de neve a cortarem de manso a vêa liquida, e uma casa elegante, ainda não acabada, que se ergue n'esse retiro encantado, e que pertence ao snr. Bernardino Lopes de Oliveira, cavalheiro illustradissimo de Alcobaça, que depois encontrámos na Nazareth, e a quem ficamos devendo as mais delicadas attentções e os mais amaveis obsequios!

Á volta, a lembrança dos minutos deliciosos, passados a contemplar esse ridente idyllio que desabrocha alli no coração da villa, a dous passos do epico mosteiro, levou-nos de novo á margem do Alcôa, e tivemos a deliciosa surpresa de encontrar alli tambem um jardim formosissimo, pertencente ao snr. Raposo, presidente da camara de Alcobaça, que elle e sua esposa cultivam com amor, e de que

nos fizeram as honras com uma cordialidade que nos deixou a mais grata e affectuosa lembrança.

Ha sobretudo no jardim uma estufa, que é uma verdadeira delicia. As mais raras plantas dos tropicos alli abrem as suas folhas, que parecem ter sido cinzeladas por um Phidias, e coloridas por um Ticiano do céo. Um *pandanus* ostenta no centro da estufa a sua estructura elegante, uma infinita variedade de *begonias*, de *hercynias* e de outras plantas formosissimas formam um conjunto que nos não fartavamos de contemplar. O snr. Raposo emprega alli as suas horas mais suaves. Amador apaixonado e floricultor intelligente, por mais de uma vez tem merecido ao snr. dr. Julio Henriques, habil director do jardim botanico de Coimbra, a remessa de plantas escolhidas, que não se enviam senão aos eleitos, remessa que é por si só um diploma, porque os verdadeiros botanicos amam as flôres com ciume e com zelo, e não as entregam senão aos que sabem amal-as e cuidal-as. Digam a Alphonse Karr por exemplo que mande ao snr. conselheiro Viale ou ao snr. D. José de Lacerda algumas das flôres das suas estufas de Nizza e verão a careta que elle lhes faz.

É tempo de nos afastarmos de Alcobaça, e de seguirmos pela estrada da Nazareth. Já era noite, e não podemos portanto desfructar os encantos do caminho. Á volta porém foi-nos possivel apreciar-os. A estrada, ao sahir da Nazareth, segue primeiro por entre montes, vestidos apenas de uma

verdura rasa, e por entre pinhaes rareados. Lá vimos o grupo de pinheiros soltos, onde no dia 24 de setembro de 1868 se perpetrou o assassinio do barão de Porto de Moz, crime mysterioso de côres melodramaticas, onde não faltaram os assassinos embuçados, a criada amordaçada desmaiando de susto, e que encheu Portugal de horror e de espanto. Parecia que se estava na Serra Morena, e comtudo por alli abundam as povoações, Mayorga, Valle dos Frades, Nazareth, Pederneira, Alcobaça! Adiante! o caso é de triste recordação.

A vastissima propriedade do snr. Igreja, administrada hoje por um feitor francez, mr. Granger, que a tem melhorado consideravelmente, acompanha quasi sempre a estrada da Nazareth a Alcobaça. É uma riquissima propriedade, que o snr. Igreja não venderia talvez hoje por 200 contos. Foi comprada, creio eu, por 90 ao conde de Villa-Real, que a obtivera de graça ou pouco menos, por occasião do doudo esbanjamento dos bens nacionaes. Outro caso de não menos triste recordação. Adiante!

Entre Vallado dos Frades e Alcobaça é que a paisagem toma de novo o aspecto encantador, que nos deliciára na encosta da serra de Alfeizirão. Parece um relance do Minho ou da Beira, esquecido na aridez da Extremadura. Mas é necessario não nos prendermos n'estes laços; chama-nos o mar com a sua potente e grandiosa attracção. Entremos na Nazareth.

Ha na Nazareth duas povoações: o *Sitio* e a *Praia*. Á primeira, onde ficam a Real Casa, a igreja, a capella da Memoria, e a praça dos touros, dão unicamente existencia as festas. A segunda é uma povoação já grande, cujas casas, apinhadas á beira-mar, apresentam um conjunto pitoresco, vistas da estrada, ou do alto dos frague-dos perpendiculares, onde affirma a tradição que de subito estacou o brioso corcel de D. Fuas. Nós entrámos de noite. No *Sitio* os foguetes estrellavam já frequentemente as sombras, annunciando as festas do dia seguinte. Na *Praia* brilhavam aqui e além as luzes das casas, e ouvia-se o murmurio surdo e plangente do mar, que estava n'essa occasião sereno como um lago.

Recebidos, ao apear da carruagem, pelos nossos excellentes amigos Narciso de Freitas Guimarães, João Pulcherio Coelho, e Luiz João de Sousa, que juntamente com o digno facultativo d'esta localidade, o snr. Porphyrio Caiado, e algumas senhoras da sua familia, não deixaram um só momento de ser os nossos guias intelligentes, amaveis e obsequiosos, fomos descançar ao hotel Praiense, de cujas janellas, que deitam para a praia, se goza a vista, sempre para mim deliciosa, do oceano. Se querem a minha opinião a respeito do hotel dir-lhes-hei que sobeja a boa vontade e escasseiam as costelletas. O panorama que se desfruta das suas janellas é vasto e delicioso, os almoços e os jantares não são nem deliciosos nem vastos. Ha essa

limpeza que é o *luxo da pobreza quando a virtude lá mora*, no dizer de Thomaz Ribeiro; mas, como n'este hotel ha muita virtude, tem-se alli um passadio de ermitão que jejua, e uns travesseiros de anachoreta da Thebaida. Tudo por causa da côr local. O nosso prezado e saudoso visconde de Castilho, na sua xácara da Nazareth, preuiu a nossa existencia do hotel Praiense. Eis o horoscopo do vate :

Sustentando-se das hervas,
 orando e carpindo maguas

 junto ao mar das muitas aguas!
 O mar, espelho de estrellas,
 o bento mar que buscaram!
 e vendo ao pé feras rochas,
 ahi dão graças e param.

As feras rochas são os travesseiros, as *hervas* são um esperregado que o snr. barão de Berthelinho, juiz de direito da comarca de Abrantes, e nosso companheiro de infortunio, conseguiu arranjar para nos livrar do desastre completo da fome.

Não se magôe com estas brincadeiras a boa mulher que fundou a hospedaria. É natural que no primeiro anno de existencia, se sintam no hotel as incertezas de uma estreia, e afinal de contas a escassez de mantimentos, como os convivas eram ex-

cellentes companheiros, alegrava a mesa, de fórma que tínhamos o *menu* de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, *vacca e riso* — com a seguinte modificação: *pouca vacca, e muito riso*.

Os companheiros eram excellentes, o snr. barão de Berthelinho, sempre alegre, o snr. dr. Custodio, secretario geral do governo civil de Faro, conversador excellentes, o snr. Manoel Rodrigues Pisco, abastado agricultor de Almeirim, e um dos mais sympathicos caracteres que tenho encontrado, pela sua franqueza, pela sua cordialidade, pela sua nobreza de sentimentos, sua esposa a snr.^a D. Constança Luizello, senhora de uma perfeita distincção, pianista eximia, que tem esse dom de graciosa e seria amabilidade, que é o casto perfume da virtude, e outras senhoras e cavalheiros, que se juntavam n'essa jangada de *Medusa*, que se chamava mesa do hotel, todos concorriam para que se tornassem deliciosas pela conversação e pelo trato excellentes essas refeições, em que só faltavam, para serem perfeitas, os comestiveis.

II

O milagre da Nazareth e a agua de Lourdes

Todos conhecem a poetica lenda, que deu origem á grande romaria da Senhora da Nazareth. Lavrou-a Castilho no ouro preciosissimo dos seus versos, e, n'uma das suas mais notaveis composições originaes, descreveu-nos o modo como a lenda narra que foi escondida na gruta marinha a imagem santa da Virgem, e como a sua miraculosa e inesperada intervenção livrou D. Fuas Roupinho, o alcaide de Porto de Moz, de se despenhar com o cavallo em que montava do alto dos enormes fraguedos da Nazareth no mar, que lá em baixo rugia e ennovellava as ondas espumosas.

Ficou afamada aquella imagem, construiu-se a capella, construiu-se a igreja, o povo invocou a Virgem da Nazareth nas suas afflicções e nas suas angustias, e veio depois trazer aos pés da piedosa imagem as singelas offrendas, que symbolisavam o seu reconhecimento e a sua fé. Assim se foram organisando as romarias, que hoje nas primeiras semanas de setembro enchem de jubiloso rumor aquella tranquilla e um pouco triste localidade.

Eu tenho o mais profundo respeito pelas crenças populares. Comprehendo que o homem do povo, nas tristes condições da sua existencia, vendo-se desamparado dos soccorros humanos, sentindo-se fraco e só diante da natureza hostil, umas vezes no seu fragil barco de pescador, ludibrio da tempestade e das vagas, outras vezes nas palhas da sua choupana, entregue ao pungimento da febre, procurando em torno de si, e não o encontrando, um amparo, um auxilio, uma consolação, aspire com o ardor da sua alma, com todas as supplicas da sua angustia, para um soccorro sobrenatural, invoque essas entidades divinas que desde criança reverencia, e que a sua phantasia cerca de mil attributos maravilhosos, e, na sua ingenua ignorancia, na sua impossibilidade nativa de comprehender a abstracção da Divindade, considerando a Virgem, Deus e os anjos como entes soccorredores e bons, cujo auxilio merece recompensa, prometta, em troca da protecção que pede, o obolo de sua pobreza, as primicias das suas colheitas, a vela guia-

dora do seu barco, tudo o que tem de mais precioso e mais querido!

Isto é respeitavel, porque é ingenuo, porque o povo não pensa em especular com Deus, pensa apenas em lhe tributar, do modo que sabe e póde, a homenagem da sua gratidão profunda. Leva-lhe as espigas do seu trigal, os fructos do seu pomar, como a myrrha e o incenso dos seus thuribulos campestres, leva-lhe os mastros do seu barquinho como as joias preciosas do seu rude e arriscado trabalho, e leva-lhe sobretudo nas orações sinceras os thesouros da sua fé. Se imagina que foi a Virgem da capellinha á beira-mar e não a Virgem da sua aldêa que o livrou da morte e o amparou no infortunio, ó porque uma tradição poetica, herdada de paes e avós, rodeou essa imagem de uma prestigiosa auréola. Lenda desabrochada na phantasia do povo nas eras de fé viva, como a florinha recatada e modesta entre os musgos que vestem o rochedo annoso! Poema encantador d'essa mythologia, que, em todas as épocas, tem sido, na infancia dos povos, a fórma inevitavel do sentimento religioso! Flôres do altar, que perfumam com a sua poetica fragrancia o santuario da Divindade! Enquanto o sopro da fé lhes conservar a côr e o aroma, deixai-as rescender no recatado sacrario! Enquanto esse bafejo das antigas auras nos refrigerar a fronte, trazendo-nos nas suas azas a recordação dos seculos extinctos, respeitai-o como uma reliquia veneranda, como tudo aquillo em que se

manifesta de um modo espontaneo e sincero o espirito popular!

Mas o que é infame é o milagre moderno, fabricado nas sacristias, e servindo de taboleta e de *réclame* á especulação sacerdotal! O que é infame é a exploração da ignorancia popular feita por aquelles, que deviam ser na terra os missionarios da luz! Que o povo crente e ingenuo vá prestar á imagem da Virgem da Nazareth o culto, que, dirigindo-se não á esculptura grosseira mas á Mãe de Deus, representada por essa imagem, lhe podia prestar igualmente diante do altar da sua aldêa, não é isso que me affronta, nem que desperta as minhas iras! E, se entendendo que o padre tem obrigação de esclarecer o espirito dos fieis, de lhes dizer que a Virgem é sempre uma e a mesma, que não ha imagens milagrosas, porque, se as houvesse, transformar-se-hiam em idolos, e quem as adorasse, em vez de dirigir as suas homenagens a Deus ou aos eleitos de Deus, prestaria culto pagão a simulacros de madeira ou de pedra, se entendendo que o padre, acolhendo com um dôce sorriso essas ingenuas manifestações de uma fé rude mas sincera, tem o dever de dizer-lhe que é a oração e não a venalidade que desperta a misericordia divina, nem por isso julgo que haja grande crime em não condemnar as romarias aos lugares consagrados pelos agiologios christãos. Mas inventarem elles mesmos, em pleno seculo XIX, a imagem milagrosa de Lourdes! paganisarem o christianismo,

em presença da ironia dos scepticos! fabricarem uma *Legenda aurea* ridicula! imaginarem, sem phantasia nem fé, umas tradições burlescas! faze-rem de tudo isto uma especulação mercantil! as- sentarem banca de pharmaceuticos no adro do san- tuario! agiotarem, á sombra de Deus, com as an- gustias dos enfermos, é um d'esses actos que re- voltam a consciencia christã, que reclamam, para estes phariseus catholicos, a intervenção do latego de Jesus!

E dizem que a Igreja é contraria ao espirito do seculo! Não é tal! caminha com elle, é, como elle, mercantil, abre botica, pede a livre concor- rencia, e usa do *réclame* e do annuncio, e do car- taz, e do zabumba á porta da barraca! Não ou- vem como ella entra afouta no debate dos charla- tães? « Agua Circassiana! agua de Lourdes! Re- « valescière du Barry! Salsa parrilha de Bristol! « Agua da fonte maravilhosa de Nossa Senhora de « Lourdes! Não confundir com a loja fronteira de « Nossa Senhora de la Salette! Unico e verdadeiro « João Maria Farina! Unica e verdadeira Sapa das « queijadas de Cintra! Unica e verdadeira agua « milagrosa de Nossa Senhora! 44:000 curas! Cura « n.º 27:534! Misericordia de Lisboa, attestado do « snr. padre Conceição Vieira! Salvai as crianças « pela dôce Revalescière de Nossa Senhora de Lour- « des! Immensamente superior á Revalescière du « Barry! Agua de Lourdes, util no tratamento de « todas as doenças, nas affecções caracteristicas de

« fraqueza geral e inacção dos órgãos; augmenta
 « consideravelmente as forças aos individuos debi-
 « litados e excita o appetite de um modo extraor-
 « dinario! Privilegio exclusivo! Garrafas com a ima-
 « gem de Nossa Senhora 500 réis! Consultorio ho-
 « mœopathico! Consultorio de Nossa Senhora! Agua
 « de Lourdes de graça para os doentes pobres, como
 « as operações da catarata do dr. Mascaró! Agua
 « de Lourdes! Todas as vantagens da agua de La
 « Salette, e além d'isso sorteio de um brinde aos
 « freguezes! Agua de Lourdes! Barateza extraor-
 « dinaria! Liquidação dos milagres da estação!
 « Great attraction! Cura radical de Cecilio pela
 « miraculosa agua de Lourdes! »

E rufa o tambor clerical! e annunciam-se e apregôam-se os milagres! E fazem-se *réclames* no corpo dos jornaes, nos artigos de fundo e nos sermões! E n'esta abjecta vaga mercantil do mundo contemporaneo, lá vai a Igreja tambem, annunciando os milagres da agua de Lourdes, como o Campeão e o Fonseca annunciam a sorte grande nos bilhetes que venderam.

Ó pallido Christo, ó dôce Virgem Maria, vós diante de cujos vultos sublimes eu dobro sempre o joelho com respeito, não vêdes que vos vendem, que vos profanam, que vos mostram por dinheiro, ao som dos realejos da *Nação*, como as figuras de cêra, ou como o cosmorama Jovani? E tu, ó meigo Jesus, que dizias que a mão esquerda deve ignorar os beneficios que a mão direita espalha, tu, que

recommendavas segredo áquelles que os teus milagres salvavam, não vês que os teus apóstolos apregôam aos quatro ventos da publicidade os prodigios da tua misericórdia? não vês que te arrastam ao barracão das feiras, e que te equiparam ás mulheres de virtude, aos curandeiros de aldêa, aos barbeiros que tiram dentes sem dôr? não vês, ó Virgem Maria, que fazem de ti uma rival de Priessnitz, e transformam a tua suprema misericórdia n'uma hydropathia charlatã! Resuscita, ó Christo, que no templo profanado armaram-se de novo as mesas dos vendilhões! pregam cartazes na tua cruz! e transformam a tua tunica rasgada em capa de toureiro, onde recebem — esses homens de forçado que fazem a Satanaz uma pega de cara — a subscrição das trincheiras! trocam a meias corôas a tua corôa de espinhos, e espetam prospectos de agua de Lourdes na canna verde, teu sceptro! Resuscita e fulmina-os, que nem podes dizer, na tua infinita indulgencia, que elles *nesciunt quid faciunt*, porque elles sabem bem que te crucificam de novo, que te insultam, que te vendem, que te infamam, ó Christo, ó Deus!

Eu, se não tenho, talvez por desgraça minha, a fé ardente que vivifica e salva, tenho pelo menos o respeito profundo pela crença na intervenção protectora de Deus nos infortunios humanos. Compreendo que, ao vêr-se um ente estremeado quasi a fugir-nos dos braços para os regelos do tumulto, a oração irrompa dos seios d'alma, e vá pe-

dir á Divindade um prodigio! Eu mesmo, quando, junto do berço de meus filhos, lia nos olhos do medico pallido e silencioso o desalento e a desesperança, senti do coração dilacerado por essa dôr horrivel que só os paes comprehendem, brotar a supplica ardente que nem se formulava em palavras, mas que Deus ouvia talvez, porque nos labios desmaiados d'esses anjos, que estavam já a meio caminho do céu, voltou a adejar o riso innocente, que é a alegria suprema d'aquelles que n'essas existencias adoradas concentram a sua existencia toda! Ah! e querem fazer-me suppôr que, para que Deus me ouvisse, era necessario que eu fosse buscar á botica sacerdotal uma garrafa de Lourdes! querem fazer-me suppôr que Deus, como um medico de monte-pio, só cura os que se fornecem no seu estabelecimento! querem fazer-me suppôr que Deus tem uma pharmacia no céu, e que receita Lourdes e La Salette, como a faculdade póde receitar Vichy ou Vidago! querem fazer-me imaginar que Deus concedeu privilegio exclusivo a alguma companhia exploradora das aguas medicinaes da Virgem Maria, e que, fiel ao seu contracto, só faz milagres aos freguezes! Querem fazer-me crêr que os milagres da sua omnipotencia têm formula especial e receita conhecida! que Deus dá a saude aos que a imploram em *vales* sobre Lourdes, como um capitalista generoso póde dar uma esmola avultada em *chéques* sobre o banco! Ah! não! mentis, profanadores estultos! Se Deus

opéra milagres, é a oração fervorosa que os obtem, não a intervenção imbecil de um frasco sacerdotal! Se a Virgem Maria restitue, por mysterioso prodigio, áquelles que as estremecem, as moribundas crianças, é porque se lembra no céo de que foi na terra a *Mater Dolorosa*, é porque o seu coração feminino comprehende bem essas infinitas angustias, porque a recordação das suas dôres faz com que ella dê o lenitivo e o balsamo ás dôres dos que a supplicam, e a agua de Lourdes, que salva os vossos filhos, são as vossas lagrimas, ó mães!

III

A praia e o oceano. — A rua Augusta. — O rochedo da lenda. — A capella e a igreja. — A vista do *Passeio*. — O pharol da Berlenga. — O monte de S. Bartholomeu e o seu moderno ermitão. — Pederneira e Aljubarrota. — A descida pela areia. — Ignorancia topographica de D. Fuas.

Antes que os cirios venham encher de confusão e de estrondo estes tranquilllos lugares, percorramos as duas povoações, separadas pela fraga

..... que duzentas
braças pende ao mar...

como D. Fuas calcula, pela bocca do poeta, na xácara da Senhora da Nazareth.

A *Praia* está já cheia de movimento com a affluencia dos banhistas; o areal extenso, onde a

*

vaga desmaia amorosamente, convida ao banho, e o oceano alli é tentador e humilde. Vêm-se partir os barcos para a pesca, vêm-se voltar, e as companhas, puxando as rêdes, estendem por alli cardumes de peixe, cujas escamas prateadas scintillam á luz do sol. Entretanto as ondás, enrolando-se mollemente, debruam-se de espuma, enlaçam os banhistas e vem desfallecer na areia.

Não ha cousa mais formosa do que o aspecto de uma vaga a franjar-se de espuma n'um dia sereno!

Dir-se-hia um manto de velludo verde forrado de arminho, e que se vira de dentro para fóra. A onda arqueia-se, e quando faz o movimento para se enrolar, apparece a primeira tira alvissima, até que logo depois se desfaz completamente em espuma.

O mar comtudo aqui é traiçoeiro deveras; quem o vê assim sereno e manso não imagina que elle em momentos de cólera galga a praia toda, quebra nas penedias, invade a povoação, entra rugidor pela rua Augusta, e ameaça destruir tudo. Então as ondas encastellam-se em montanhas enormes, rugem como leões ás soltas, e acordam os echos dos fragedos com o *Dies Iræ* que entoam.

Fallei na rua Augusta, e alguem póde suppôr que tem a Nazareth ruas amplissimas traçadas pelo Marquez de Pombal. Como alli moravam porém Narciso de Freitas, Francisco Horta e Eduardo Cunha, creio que da triplice magestade da scien-

cia, das finanças e da administração politica é que proveio á rua a magestosa denominação.

Um dos muitos *char-à-bancs*, que no tempo das festas estacionam na Praia, leva-nos n'um quarto de hora ao Sitio. Atravessando a praça, onde se ostenta a igreja, cuja architectura, apesar de ser do seculo XVI, é muito mediocre, dirigimo-nos para o lado dos fragnedos, e vamos vêr o *rochedo da lenda*, designado á nossa curiosidade por uma bandeira azul e branca, porque as bandeiras, os foguetes e o hymno da Carta são a triplice manifestação do regosijo nacional.

O rochedo fórma uma pequena saliencia, onde se mostra uma cavidade qualquer, indicada como a indelevel marca da ferradura do cavallo de D. Fuas. Confirmam-se assim os versos de Castilho:

E inda lá na penha vereis o signal
do pé do cavallo do bom cavalleiro.

Junto da penha fica uma capellinha, erguida no sitio, onde o bom monge Romano do mosteiro de Cauliania guardou a santa imagem que trazia. Descendo-se uns degraus, vê-se a gruta fechada hoje por uma grade de ferro, que se abre para os curiosos. Quando a imagem foi encontrada, e se lhe quiz erigir um templo em lugar menos exposto ás ventanias, Nossa Senhora, diz a tradição, sempre fugia para a sua gruta querida, onde podia ouvir de perto o eterno murmurio das vagas.

Foi necessario construir-se-lhe alli a capella, e, parece que, ou satisfeita só com o terem-n'a entendido, ou levada por um capricho de senhora e de mimosa, assim que teve a capella construida, deixou de fazer difficuldades em ir residir para outro sitio.

Seguindo ao longo da orla do precipicio, chegamos a um sitio denominado o *Passeio*, e d'onde se desfructa um maravilhoso espectaculo. Mar ao norte e ao sul.

Era ao cahir da tarde. As nuvens do occaso, afogueadas umas completamente em ouro e purpura, outras com matizes mais suaves, coloriam de um modo opulento a tela azul do céo. Ao longe no extremo horisonte divisavam olhos exercitados a columna de fumo dos vapores. Extensas franjas brancas, desenroladas ao longo da costa, denunciavam o quebrar das ondas. Ao fundo do lado meridional accendeu-se de subito uma luz vermelha, que desappareceu logo depois, para reaparecer d'ahi a minutos. Era o pharol da Berlenga. Pobre ilha, situada a duas leguas da costa de Portugal, e tão desconhecida dos portuguezes como as ilhas mais remotas da Polynesia! Encerra, comtudo, ao que dizem, sitios lindissimos, e no seu estreito ambito verdejam os pastos, onde um proprietario de Peniche manda engordar os seus gados. Na ilha moram sete pessoas, o pharoleiro e a familia, e dous veteranos, que constituem a guarnição do forte. Alli vivem de verão e de inverno, cortados

muitas vezes de toda a communição com Peniche pelas coleras do oceano, e alumando comtudo, elles os proscriptos do mundo civilisado, para os caminheiros do progresso, a estrada das ondas, essa larga via da civilisação.

Abaixando os olhos vê-se, aos nossos pés, a *Praia*, tão garrida, tão risonha, com a sua casaria branca apinhada á beira-mar! Voltando a vista para o lado da terra, vê-se primeiro no valle a fita azul do Alcobaça, que vai alli perto desaguar no Oceano, depois o monte de S. Bartholomeu, onde ficou, segundo a lenda, o rei Rodrigo :

Era sitio de tristezas,
tristezas vinham buscar ;
e por melhor serem tristes
se quizerem separar.

El-rei ficou só na ermida,
que foi mui triste fhear !
passou Romano adiante ;
não houve muito que andar !

N'este monte de S. Bartholomeu vê-se uma ermida, onde viveu já n'este seculo um ermitão, cuja fama de virtude é ainda hoje reverenciada pela gente da Nazareth, e que, morrendo ha uns vinte annos, foi acompanhado á cova por todo o povo d'aquellas cercanias. Offereço o assumpto a qualquer dos nossos romancistas, e em especial a Camillo Castello Branco. O ermitão não era um d'es-

ses charlatães, que ainda hoje se encontram, já raros, pelo sertão portuguez, era um asceta sincero, que vivia pobremente, com uma frugalidade inaudita, e que distribuia em esmolas todo o haver que grangeava. Nunca se soube d'onde viera, parecia homem illustrado, mas, vivendo alli por largo tempo, nunca revelou a que familia pertencia. O seu fanatismo, porque fanatico era elle desde o momento que se consagrara a essa vida ascetica tão contraria ás tendencias da natureza humana e ás leis da Divindade, não era comtudo um fanatismo estúpido. Attribuiam-lhe o dom de prophecia, mas o vaticinio, que fundamenta a asserção, mostra apenas que elle era homem intelligente e que via bem as cousas mundanas. Em 1830 ou 1831 disse que «os frades cedo expiariam as suas muitas culpas.» Para um homem intelligente a prophecia não era difficil.

Mais longe os ultimos raios do sol poente illuminavam a antiga e pequena povoação da Pederneira, bem decahida do seu antigo esplendor, e a cuja parochia pertence ainda hoje a Nazareth, que está sendo bem mais importante do que a antiga villa de D. Diniz. Mais longe ainda estendem-se as ondulações de terreno, em cujas dobras se esconde Alcobaça. Perguntando o que eram umas casas brancas que eu via luzir muito ao longe, respondeu-se-me com um nome, que pareceu repercutir-se em longos echos pelas vagas: Aljubarrota!

Quando já descera completamente a noite, e o

lunar illuminava lá em baixo as casas da Nazareth, e desdobrava sobre as ondas uma longa esteira de prata, os nossos companheiros propozeram-nos descer em cinco minutos á praia pelos altissimos fragedos perpendiculares. Julguei que tinham endoudecido, ou que o governo lhes ordenára que dessem cabo de mim, por causa do *Drama do Povo*. A sua attitude porém era tão serena, que até o snr. May Figueira hesitaria em lhes passar attestado de alienados, e o seu olhar estava tão cheio de riso, que, a não ser que elles fossem uns sceletrados da força de Lacenaire ou de Papavoine, era impossivel que tivessem concebido a idéa de me assassinar. Vi demais a mais que já muita gente se aventurára á descida, e pensei de mim para mim que a Virgem fazia n'aquelle sitio milagres permanentes, e que todos nós eramos Fuas Roupinhos. Aventurei-me.

Pois tive uma sensação deliciosa. Imaginem que depois de se percorrer uma pequena vereda entre rochedos, achamo-nos de subito n'uma ladeira formada de profundissimas camadas de areia, por onde se escorrega suavemente e com uma rapidez vertiginosa. Cahe a gente, levanta-se, estende-se, rebola, tudo n'um tapete macio, onde o trambolhão é um prazer. Effectivamente em menos de cinco minutos estavamos na praia, face a face com as ondas, que o claro luar banhava.

Se D. Fuas Roupinho conhecesse melhor a topographia da sua alcaidaria, no momento supremo

tinha atirado comsigo do cavallo abaixo, e, escorregando pela areia, inda ia pescar o veado diabolico. Assim poupava um milagre á Senhora da Nazareth, que o podia ter reservado para presentear agora com elle o seu servo Conccição Vieira. Mas D. Fuas Roupinho era tão ignorante em topographia que foi pena que não vivesse no seculo XIX, porque seria um optimo auxiliar do snr. Barjona na circumscripção comarcã.

IV

Os padres e os pobres. — Diluvio de missas. — A lamuria dos mendigos. — Os cirios. — O cirio de Matacães. — A gaita de folles e as philarmonicas. — Humilde apostrophe a estas respeitaveis associações. — O espirito burguez. — Considerações sérias a proposito de cousas frivolas.

Aproximavam-se os dias das festas, e a sua aproximação annunciava-se por duas cousas: a affluencia de padres e a affluencia de pobres.

Nunca vi desenfiar missas com tanta presteza como na Nazareth. Orcio que são de uma barateza extraordinaria, porque os padres positivamente não dão boa medida. No hotel, que fôra casa de residencia dos snrs. Pinheiros, das Gaieiras, havia uma capella. Tive por conseguinte ensejo de poder seguir aquelle despejar de *oremus* sobre a cabeça das multidões. Chegava á janella, olhava para baixo, e via á porta da capella um grupo de campo-

nios ou de pescadores, ouvindo a missa cá de fóra, por não caberem no pequenino templo. Recolhia-me um instante, voltava á janella, já a missa acabára, já lá estava outro grupo a ouvir outra missa.

Explicou-se-me então que os padres, que vem á Nazareth, trazem das suas terras encomendas de missas, ou alli mesmo encontram freguezia entre os numerosos devotos, que concorrem ás festas, e que todos mais ou menos teem promessas a cumprir. Os padres são muitos, mas as missas são ás grosas, de fórma que para servir a todos é necessario não perder tempo, e não prodigalisar genuflexões. Dá isto em resultado um systema de missas a preços reduzidos, em comboios expressos, sem parar em estações, com bilhetes de ida e volta, que é de se ficar embasbacado. Mal o sacerdote diz *Introibo ad altarem Dei* e já está no *Ite missa est*. O sacristão, esbofado, a querer acompanhal-o, arrebenta debaixo de si os textos latinos, como quem arrebenta cavallos n'uma viagem a toda a brida. São missas em breve, missas tachygraphicas, missas por extracto, mas são muitas missas, muitas, muitas, muitas. Era uma missa por foguete.

Os mendigos da Nazareth, que tambem são innumerous, pertencem á mais detestavel raça de mendigos que se póde encontrar n'este mundo — a dos mendigos mysticos. De joelhos á beira da estrada, mostrando as pustulas verdadeiras ou falsas com que procuram seduzir a caridade dos fieis, rompem desde pela manhã até á noite n'um ber-

reiro que os esfalfa e que atordôa os transeuntes, e em que repetem incansavelmente umas formulas piedosas que decoram, e que dão ás suas supplicas, sempre respeitaveis no fundo porque são as supplicas da miseria, o tom repellente do *boniment* de um palhaço á porta de um theatro de feira. A entoação lamuriento-gritadora, em que declamam a sua monotona ladainha, sempre cheia das adocicadas pieguices characteristics do mysticismo de sacristia, faz-nos suppôr que estamos em presença, não de mendigos que supplicam, mas de maus discipulos de Emilia das Neves ou de um prégador de aldêa, que juraram impingir-nos de dez em dez passos uma *tirade* de um melodrama, ou o final de um sermão de lagrimas.

Eu por mim confesso humildemente que a vista d'aquella especie de fakires, a pôrem em evidencia as suas ulceras, e a soltarem de joelhos, em altos berros, de braços abertos ou de mãos postas, não a singela rogativa da miseria, mas uns trechos de livro de missa, mais me irritava do que me commovia, e que era necessario um supremo esforço da razão para reflectir que, se a fórmula era detestavel, no fundo havia a pobreza que deve sempre ser soccorrida, ainda que muitas vezes ella seja apenas a mascara de uma odiosa industria.

Mas eis que chegam os cirios! os cirios que trazem a alegria, a festa, o movimento, a dança, o reboliço! Começam a apparecer de todos os lados! cirios grandes e cirios pequenos, os cirios pom-

posos, e os cirios modestos. Os tres grandes cirios são o do *Prato Grande* ou dos *Saloios*, o cirio de Obidos, e o cirio das Caldas. Pois a mim, o que mais me agradou, foi o cirio de Matacães. E não foi por ser Matacães, a patria d'aquelle *alho*, que Leoni reproduzia com tão comica ingenuidade :

Em Matacães, na minha aldeia
Diz toda a gente á bocca cheia...

Não foi por isso, foi porque o cirio de Matacães, o primeiro que eu vi entrar, é um verdadeiro cirio, conforme com a tradição. Pequeno, constando talvez de uns vinte homens todos a cavallo, traz na frente um tocador de gaita de folles. Brillham pela sua ausencia os caleches, e os romeiros montam em excellentes machos, alguns d'elles adornados com um luxo maravilhoso, mas arreiados á portugueza, com o seu aspecto caracteristico e nacional. Os outros cirios, os cirios pomposos trazem philarmonicas, e a do cirio das Caldas tocava, ao entrar na Nazareth, a *Filha da Senhora Angot*.

É necessario que as illustradas e distinctas philarmonicas o percebam de uma vez para sempre, quer sejam *Amigos de Minerva*, ou *União e capricho*, ou *1.º de Dezembro*, ss. exc.^{as} não foram creadas para figurar em festas populares, em festas nacionaes, nas festas ingenuas, simples, esponta-

neas do nosso povo. As philarmonicas foram inventadas para as festas burguezas, para celebrarem o anniversario da Carta, para tocarem á noite á porta de um vereador eleito, para fazerem dançar n'uns bailes campestres, fastidiosa parodia dos alegres bailes parisienses. Desde o momento que a philarmonica entra nos cirios, nas romarias, produz o mesmo effeito que o *phylloxera* entrando nas vinhas. É peor que o *oidium tuckery*, porque contra elle ha a sulfuração, e a sulfuração é por tal fórma impotente contra as philarmonicas, que estas florescem nas Caldas da Rainha, e chegam ao estado da maturação necessaria para tocarem a *Filha da Senhora Angot*.

Os cirios, como os *pardons* da Bretanha, reclamam inevitavelmente o fato nacional, o traço popular em toda a sua originalidade, e sem a minima preocupação de imitação de estranhas modas. Ora as philarmonicas, como não podia deixar de ser, usam uns casacos de uniforme e uns bonés agaloados, que se encontram, n'estes bons tempos de monumental semsaboria, em Stockolmo, em Paris, em Lisboa, e em Constantinopla.

Os cirios são um producto do solo portuguez, um fructo nacional, um resultado das tendencias poeticas do povo entregue a si mesmo, as philarmonicas são uma das muitas resultantes do *espírito burguez*, que é a cousa mais idiota que o sol alumina n'este mundo.

Quando o espirito burguez se infiltra n'um des-

graçado filho do povo, acontece-lhe o seguinte : abandona o seu elegante chapéo desabado, a sua cinta vistosa, a sua jaqueta airosa e desafogada, e enfia umas luvas de algodão, manda fazer uma casaca baratinha que faz rir as pedras, e põe na cabeça um chapéo alto que esteve na moda ha dez annos; vende umas velhas cadeiras de couro, que herdou de sua bisavó, e que fariam a delicia de um *amador*, e compra baratinho umas cadeiras de palhinha, que já estiveram n'uma loja de barbeiro; em vez de ter na sua sala modesta as paredes nuas e bem caiadas, forra-as de um papel horrendo a 70 reis a peça, e pendura n'umas molduras hediondas umas photographias de familia a 1\$200 reis a duzia, e umas lithographias coloridas, que representam Malek-Adel, D. Maria Padilla ou D. Ignez de Castro, com texto em francez e hespanhol; em vez de firmar n'um cajado as suas fortes mãos trabalhadoras, enfia-as n'umas enormes luvas de pellica branca, com um immenso rasgão no dedo pollegar; em vez de ostentar a alvura da sua boa camisa de bretanha, engommada pela sua companheira, compra uma cadêa de pechisbeque com muitos berloques, envergonha-se emfim de tocar deliciosamente na guitarra estas tristes melopêas nacionaes, e vai assoprar desafinadamente n'um trombone, para collaborar, com uns outros assassinos de boné agalado, na estrangulação de uma partitura de Offenbach ou de Lecoq.

Ahi está o que é o espirito burguez, que deu

origem ás philarmonicas. É este espirito que está hoje invadindo os mais remotos cantos de Portugal, e que transforma os nossos homens do povo de uns entes fortes, livres, naturaes, sinceros, n'umas copias ridiculissimas de modêlos absurdos, n'umas individualidades artificiaes, emparvecidas, e vaidosas, que não tomam da civilisação senão o que ella tem de mais tolo.

E não se julgue por isto que eu entenda que é um mal que o povo adquira idéas, fóra d'aquellas que bebeu na tradição, ou que eu não queira que o povo se eduque; mas o que queria era que elle não adquirisse idéas falsas, que a instrucção em vez de destruir, como faz entre nós, as noções do pitoresco e do bello, que existem instinctivamente no espirito do povo, as aperfeiçãoasse, e apurasse. Aqui um homem do povo, que sabe lêr, escrever e contar, transforma-se desde logo n'uma parodia ultra-burlesca de um habitante das cidades.

É tempo de parar, porque reparo que estou fazendo reflexões sérias a proposito de cousas frivolas.

V

A feição actual das festas. — O valseamento. — Improvisos populares. — Á noite na igreja. — As touradas e o fogo de artificio. — Os rendimentos da Real Casa e a sua applicação. — Regresso ás Caldas.

As festas da Nazareth já perderam, devemos confessal-o, o seu character typico e original. A razoura da falsa civilisação, a civilisação das philarmonicas, passou por cima de todas as usanças pittorescas do povo, e destruiu-as completamente. Eu confesso que esperava outra cousa. Vi entrar os cirios, vi os anjos a cavallo parar diante do santuario, e recitar as lôas que já não são as do padre Malhão, e que nunca foram, supponho eu, a admiravel chácara de Castilho. Depois fui á praça dos touros; assisti a uma tourada como as do campo de Sant'Anna, com a differença de que nos luga-

res do sol, a todos os clamores classicos d'esse sitio acrescentava-se o ruido dos varapaus indispensaveis na Nazareth para se percorrerem aquelles caminhos de arêa, e que estrondeavam nas trincheiras, em signal de applauso, a cada sorte feliz, a cada péga valente. Depois percorri a vasta praça atulhada de povo, onde devia queimar-se o fogo de artificio, e onde os clarões da lua nascente zebavam de largas fachas de luz branca as sombras espessas dos grupos. Tudo monotono como a feira das Amoreiras á noite!

Fui procurar na varanda, que fica pegada á Real Casa, no adro da igreja, as danças populares em que me tinham fallado, os improvisos amorosos á luz da lua entre os requebros das danças de roda, e ao som das cordas gementes da guitarra nacional. Encontrei uma cousa horrorosa a que elles chamam *valseamento*, e que vem a ser as danças das salas, a polka, a valsa, as contradanças, e Deus me perdôe! parece-me que até os lanceiros dançados silenciosamente pela gente do povo ao som de uma rebeca desafinada. Aproximei-me do circo onde se travavam d'antes as luctas homericas dos valentes jogadores de pau. Estava deserto. Apenas, depois de largo intervallo, appareceram dous conservadores das velhas tradições, que esgrimiram um pouco mas sem enthusiasmo nem applauso.

É profundamente triste este desaparecimento do espirito cavalheiresco e poetico de um povo.

Talvez designe o surgir de uma phase de civilização mais adiantada, mas é certo que deixa profundas saudades no animo de quem de balde procura por baixo do uniforme banal do mundo contemporaneo a individualidade, a originalidade de um paiz. D'aqui a pouco o viajante deverá limitar-se, como Xavier de Maistre, a viajar á roda do seu quarto, ou quando muito, a viajar á roda de um cosmorama, para vêr as paisagens notaveis e os monumentos celebres. A humanidade civilisada está já sendo uma especie de album de photographias baratas, d'estas photographias sem relevo, de pastas brancas na cara, e pastas pretas no fato, sujas das moscas e que se encontram inevitavelmente em todas as casas burguezas. A philarmonica de esquina reproduzir-se-ha, como um *cliché*, por todo o mundo em milhares de exemplares.

O baile campestre do quintal fronteiro será o modêlo exacto de todos os divertimentos populares desde Reykjavik até Punta-Arenas.

Vale a pena n'esse caso fazer as malas, e partir?

Profundamenté enfastiado ia recolher-me á Real Casa, onde o snr. Peito de Carvalho, governador civil do districto de Leiria, recebia todos com uma lhancza e uma affabilidade que lhe teem conquistado largas sympathias, quando a um recanto da praça fui encontrar ainda um resquicio das velhas usanças: a dança de roda e o improviso namorado. As raparigas e os rapazes soltavam quadras galan-

tes, e havia algumas formosas e suaves, no bom velho estylo popular da quadra de redondilha menor, com harmonia e conceito. Retive uma, que me cantou melhor ao ouvido, e parecia encerrar um conceito mais fino. Foi um rapaz que a desferiu, cingindo com o braço a cintura de uma rapariga desempenada, e seguindo com ella a marcha circular dos outros pares :

Hei-de unir o cravo á rosa
nos jardins da Nazareth.
Quem quizer que a rosa brilhe
ponha-lhe o craveiro ao pé.

Soltando-me a custo d'aquelle quadro, que fazia um delicioso contraste com o valseamento idiota dos outros grupos populares, entrei na igreja a essa hora quasi deserta e immersa na sombra. Encontrei um outro quadro que me impressionou.

O templo, escassamente alumiado, jazia quasi immerso no silencio. Expiravam alli, como o gemer distante das vagas, os rumores confusos do arraial lá fóra, mas n'um altar á esquerda, um padre dizia uma missa... não... fazia umas rezas em portuguez, a que respondia um côro de homens e de mulheres, grave e devotamente ajoelhados diante do altar que resplandecia de luzes no fundo escuro da igreja. Parecia-me assistir a uma scena dos primitivos

tempos christãos, parecia-me que descera do mundo tumultuoso do imperio ás solidões serenas das catacumbas. Havia alli devéras á unanimidade de crenças, de pensamentos, de aspirações entre o sacerdote e os fieis. Elle dizia palavras que os seus ouvintes percebiam, elles respondiam-lhe tambem com tocante confiança, com profunda convicção. Não era a missa official do latim resmungado em dueto de syllabadas pelo sacerdote e o sacristão, era a prece em commum, a oração que irrompia dos labios do unguido do Senhor e que se repercutia na alma singela dos que o acompanhavam n'essa pura homenagem á Divindade.

Sahi d'alli mais consolado. Depois assisti ao fogo de artificio, que não tinha de curioso senão a luz intensa com que rasgava de quando em quando as sombras e illuminava as densas massas de povo, accumuladas em amphitheatro nos degraus da igreja, ou em columna cerrada nos diversos pontos da praça.

Não concorrera este anno á Nazareth tanta gente como nos annos anteriores, sendo isso devido principalmente ás más colheitas. Comtudo a Senhora tem ainda muitos devotos singelos e inoffensivos, cuja romaria não é annunciada nos jornaes como a dos peregrinos de Lourdes, que não levam bandeiras bordadas, nem vão em comboios especiaes nem fazem constar pelo telegrapho ao Vaticano e ao *Univers, urbi et orbi*, os differentes passos da sua jornada, mas que vão humilde e piedo-

samente depôr aos pés de Nossa Senhora as primicias das suas colheitas, os fructos do seu pomar, as melhores cabeças do seu rebanho. É paganismo, bem sei, mas não faz mal a pessoa alguma, principalmente se houver uma authoridade illustrada, que saiba dirigir essas esmolas para o céo, a que são destinadas, pelo verdadeiro caminho que lá vai ter, que não é tanto o dos foguetes e das missas, como o da caridade e da luz. Vencendo muitas difficuldades, o snr. Peito de Carvalho já conseguiu limpar os curraes de Augias, quer dizer, pôz a direito a administração da Real Casa que ia *à la diable*, como o cavallo de D. Fuas Roupinho antes da intervenção da Virgem. Agora pensa em construir um hospital para os peregrinos, emfim em dar aos rendimentos da casa, que ainda são avultados, uma acertada direcção.

Honra lhe seja por esse commettimento.

No dia em que os cirios partiram para as suas terras voltei eu tambem ás Caldas da Rainha, que fui encontrar quasi deserta, e d'onde não tardei a regressar a Lisboa, pondo termo assim a esta agradavel digressão.

LEIRIA E MARINHA GRANDE

I

Antes de voltar ao turbilhão da vida lisbonense, e chamo-lhe turbilhão como Julio Janin, ao voltar da primeira representação da *Lucrecia Borgia*, dizia ao criado, acabando de tomar uma chavena de chocolate e uma fatia de pão com manteiga: Francisco, leva os restos *d'esta orgia*: antes de voltar pois ao seio d'essa agitação esteril, e d'esse pasmatorio perenne, quero contar-lhes as impressões de uma rapida digressão que fiz a Leiria e á Marinha Grande, nos ultimos dias da minha *villegiatura*. Foi um passeio de que não trouxe senão gratissimas recordações, e cuja descripção ha-de interessar um pouco os leitores, porque terei de lhes fallar n'uma das mais vigorosas empresas industriaes do paiz, a da fabrica de vidros da Marinha Grande.

Sahimos das Caldas da Rainha no dia 1 de se-

tembro de 1876 ás 10 horas da manhã. Já por mais d'uma vez tenho descripto n'este livro as formosas encostas da serra de Alfeizirão, que ainda encontramos, apesar da sécca, vestidas de viçosa verdura. O aspecto dos campos não indica mudança, mas as colheitas teem soffrido com a falta de aguas, e a celebre fructa dos coutos de Alcobaça tem ido peorando de anno para anno. Aquelles formosos peçegos, de bojo volumoso como um frade do mosteiro, de polpa choruda como o antigo orçamento monachal, eram este anno uns verdadeiros mythos.

Escuso de lhes fallar tambem no convento de Alcobaça. Já bradei inutilmente contra a vergonha de se consentir na mutilação estúpida, vandálica, d'aquelle grandioso edificio. Tornar a fallar em semelhante cousa é prégar no deserto. Pois prégo! Ao menos não se diga que passam sem protesto as cousas que alli se praticam. Em primeiro lugar aquelles remendos de casitas caiadinhas com janellas contemporaneas a matizarem com o seu aspecto banal a rugosa fachada do convento são verdadeiramente ignobeis; em segundo lugar parece que o convento de Alcobaça continúa a ser para os proprietarios da villa uma pedreira gratuita. Quem quer lagedo vai tiral-o ao convento, quem quer argolas vai lá buscar-as, arrancando tambem a pedra em que estão chumbadas. Não ha o minimo respeito nem pela propriedade nacional nem pelo monumento historico. Mette pena vêr assim demolir aos pedacinhos aquella magestosa mole.

Se a querem arrazar, dêem-lhe ao menos um desabamento digno da sua grandeza, mas não consintam que esse leão de pedra, impotente para se defender, seja devorado *en détail* por uma turba de ratinhos. Concertos... não se pensa n'isso, apesar de ser evidente que ha pedaços de muralha que ameaçam ruina. O que alli succede todos os dias é positivamente uma vergonha nacional, e sobretudo uma vergonha para os liberaes, que podem justamente ser accusados de incapazes de respeitar os monumentos que lhes foram legados pelo antigo regimen.

Já por mais de uma vez bradei contra estes actos de vandalismo. Secundou-me na *Correspondencia de Leiria* um illustrado folhetinista em carta que me fez a honra de me dirigir. Foi tudo inutil. O ministerio das obras publicas, que tem no seu orçamento uma verba para monumentos historicos, ainda se não lembrou que Alcobaca era um d'elles.

Deixando atraz de nós a fachada vetusta do mosteiro com os seus remendos brancos, seguimos pela estrada de Aljubarrota, atravessámos a historica e melancolica villa, onde reina um eterno silencio, como se Aljubarrota, que foi um altar, fosse hoje uma campa, deixámos á nossa direita a Batalha, em cujos coruchéos deliciosamente cinzelados se prendiam os ultimos clarões do sol poente, e seguimos, já de noite, a estrada de Leiria. As casas da pequena povoação de Azoia passaram de corrida ao

nōsso lado, começaram a apparecer-nos campos cultivados, que mal se entreviam á dubia luz do luar, ainda um pouco envolto em nuvens, e depois, quando a lua brilhou completamente radiosa, vimos surgir á nossa esquerda um monte coroadado pelas ruinas de um castello, que, visto assim ao clarão da lua, tinha perfeitamente o aspecto da visão d'um romantico, e pitorescamente aninhada a seus pés uma povoação, cujas casas brancas contrastavam garridamente com o negro triste do castello em ruinas que a dominava, e parecia ainda velar por ella, sentinella da idade média perdida no meio da sociedade contemporanea. Ouvia-se o gemer melancolico das cornetas que floreavam o toque de recolher. Era a unica voz que sahia da cidade adormecida.

Estavamos em Leiria.

II

O luar era admiravel, claro como a luz do sol na Inglaterra. Sahimos da hospedaria, deliberando percorrer ao acaso a cidade, para sentir esse grande prazer do inesperado, que os guias sempre nos tiram. Eu tinha uma grande curiosidade de vêr Leiria. Acabára de lêr o esplendido romance de Eça de Queiroz, o *Crime do padre Amaro*, e queria vêr os sitios escolhidos pelo romancista para scenario das situações dramaticas do seu livro. Queria adivinhar onde seria a casa da S. Joanneira, onde ficaria situada a casita do sineiro, theatro dos amores do padre. Queria vêr se o aspecto de Leiria me despertava as mesmas impressões que Eça de Queiroz analysa subtilmente nos primeiros capitulos de seu livro. A occasião era favoravel,

porque eu entrava na cidade á mesma hora em que descia da diligencia de Chão de Maçãs o protagonista do romance.

Foi um feliz acaso o que fez residir Eça de Queiroz por algum tempo em Leiria, porque difficilmente poderia encontrar outra terra tão propria para a acção de um romance no genero da *Madame Bovary*, como o *Crime do padre Amaro* deseja evidentemente ser, ás vezes até com uma sensível preocupação de imitar, de seguir passo a passo o seu modêlo. Leiria parece que foi inventada por Gustavo Flaubert. Entre as pequenas cidades de provincia, ha umas puramente agricolas, simples aggregações de casaes, que são as cidades campestres onde se passa a vida de aldêa. Todas as ruas vão dar ao campo, em todas se respira desafogadamente. Ha outras que são essencialmente industriaes, simples dependencias das grandes fabricas, concentrando a sua vida toda nos cuidados do trabalho e da industria. Ha outras enfim que teem os seus ares de capitaes, que possuem, como os grandes centros, os seus ociosos, os seus *bureaucratas*, os seus cortezãos, cidades cuja principal razão de ser é o constituirem uns pequenos centros da vida administrativa, terem o seu bispado, o seu governo civil, o seu lyceu, o seu regimento, e cujo nucleo de população é por conseguinte, em vez dos agricultores que cuidam da lavoura, e dos industriaes que cuidam do trabalho, o conjunto dos padres, dos empregados, dos professores, dos

militares, que, depois de cumprirem com mais ou menos fastio os seus deveres officiaes, dispõem do resto do dia para passear, para bocejar, para se encostar ás umbreiras das portas, para cavaquear no gremio, para tomar cognac no *Café*, para jogar o voltarete nos salões uns dos outros, para ter em-fim vida de capital, mas de capital segregada do forte movimento de idéas, de paixões, que galvanisa a existencia dos ociosos nos grandes centros de população. Dá isso em resultado um mundo *sui generis*, cujo estudo tem sido sempre a delicia dos escriptores *realistas* desde Balzac e Flaubert em França até Eça de Queiroz em Portugal.

Percorrendo Leiria á noite, eu que adoro o campo, eu que fujo sempre que posso com delicias á vida lisbonense, senti-me oppresso e como que enervado pela somnolencia da vida provinciana. A solidão de Leiria não era aquella solidão dos campos, que adormecem acalentados pela lua, e que nos enche o coração de paz e de tranquillidade, é a solidão da rua Augusta ás 9 horas da noite, uma cousa pesada, triste e soturna, uma especie de modorra, ou antes uma catalepsia em que nos sentimos como que chumbados em vida na pedra dos sepulchros. Eu, que me esquivo com intimo prazer ao macadam do Chiado, e que o esqueço profundamente, suspirei pela casa Havaneza cheia a essas horas de luz, de rumor, de cavaco, de senhoras que passam com as suas mantilhas brancas nos cabellos, demorando o passo para contemplarem a

vitrine das lojas, de fumantes que sahem de charuto acceso, e se demoram indecisos no limiar da porta até que se juntam ao grupo da esquina onde se conversa e ri, de carruagens que voltam a todo o trote para o largo da Trindade, ou que passam para S. Carlos.

E comtudo Leiria é uma cidade pitoresca e cheia de encantos para o scismador como todas as velhas cidades, mas para ella nos parecer formosa é necessario reconstruir pela imaginação a forte vida municipal d'outros tempos, em que todos esses concelhos tinham actividade e iniciativa propria, reedificar o castello e povoal-o de homens de armas, vêr desfilar nas ruas estreitas as procissões com o bispo mitrado, de longa capa de sêda e ouro. Hoje nas ruas estreitissimas aninha-se o silencio e a sombra, o castello em ruinas desenha-se ao luar, *com o seu grande ar historico*, como diz Eça de Queiroz, o palacio do bispo é habitado por um simples vigario geral, e por cima de tudo aquillo paira a tristeza e o tedio; a tristeza, a saudade do que foi, a grande melancolia das ruinas fui eu encontral-a nas ruas que vão ter ao castello, e por onde fui subindo até poder contemplar já bem proxima a raiz das muralhas denegridas da velha fortaleza, que recortava na atmosphaera clareada pela luz diffusa da lua as suas linhas senhoreaes, o seu perfil legendario como o d'um *burg* do Rheno; o tedio fui achal-o na praça quasi deserta, com o seu terraplano bem calçado, onde passeavam em

silencio ou conversando em voz baixa um velho official de caçadores 6, com os seus cabellos brancos destacando vigorosamente, quando passava ao claro do luar, sobre o fundo escuro do uniforme e uns sujeitos idosos. Debaixo d'uma arcada baixa que fica ao fundo da praça bruxuleavam tristemente as luzes de algumas lojas. Á porta d'uma botica um sujeito sentado, silenciosamente, de perna cruzada, olhava para os passeantes, com um ar somnolento; na sacada d'uma casa grande mettida na sombra, uma senhora magra, e que tinha a romantica obrigação de ser pallida, encostava-se immovel ao gradeamento, e naturalmente pensava na *Filha do Castellão* de Antonio de Serpa, e no bandido dos pagens trovadores, sem se lembrar que já não ha nem trovadores, nem pagens, nem bandidos, nem castellãos, e que Antonio de Serpa, em vez de fazer chácaras, faz divida fluctuante... Antes fizesse chácaras!...

Ao longe no quartel a corneta tocava a silencio, um toque melancolico e dormente, que nos dá vontade de chorar, como uma toada de ama do campo que adormece crianças, ou que nos narcotisa invencivelmente como uma dóse de chloroformio.

Sahi da praça, e passei ao Rocio, largo vastissimo que é por assim dizer a transição de Leiria para o campo. Percorri um instante o formoso passeio que segue ao longo do Liz, por entre um renque de arvores que perfilavam os seus copados

troncos, e vendo correr mansamente a agua do rio, que arrastava na sua transparente limpidez as pahlétas argenteas do luar.

Voltei á hospedaria que fica n'uma das ruas estreitas da velha cidade. Em cada bocca de rua me apparecia a miragem do castello negro e immovel, a espreitar a minha digressão de viajante scismador. Na hospedaria estavam reunidos uns poucos de cavalheiros amaveis e obsequiosos, cuja alegre conversação dissipou as impressões um pouco soturnas, ainda que não desagradaveis, de Leiria adormecendo ao luar.

Quando eu principiava tambem a adormecer como Leiria, um sino grave e pausado soltava melancolicamente as doze vibrações da meia noite.

III

Amanheceu o dia 2 de setembro destinado para a nossa visita á Marinha Grande. Em quanto se nos preparava o almoço no hotel do *Rei*, percorremos de novo as ruas de Leiria, que rodeiam a praça, entramos na Sé, templo vasto, simples, severo, cheio de luz, sem bellezas architectonicas que o recommendem, e, depois de almoçar, mettemo-nos na carruagem, e seguimos pelo caminho da Marinha Grande.

Não tem que descrever a estrada. Atravessam-se primeiro os campos viçosos banhados pelo Liz e pelo Lena, e seguem-se depois uns pinhaes rareados cuja verdura monotona nos limita o horisonte até se chegar á Marinha Grande. A povoação tem o aspecto limpo e regular das terras industriaes.

Passa-se por diante de uma casa elegantíssima, pertencente á administração geral das mattas, e sombreada por arvores, e chega-se enfim a uma praça onde se vê a um lado o grandioso edificio da fabrica de vidros, do outro lado o edificio moderno da fabrica da resinagem.

Apenas nos apeámos tive uma surpresa. Eu que esperava, viajante desconhecido, ser acompanhado n'uma visita á fabrica por um cicerone vulgar, encontrei logo á minha espera um dos membros da direcção e gerente da fabrica, o snr. Antonio Corrêa da Silva Marques, que fôra prevenido da minha chegada por um bilhete do snr. secretario geral do districto de Leiria, cuja obsequiosa amabilidade me deixou ficar profundamente agradecido. O snr. Marques, um meridional cheio de viveza e de jovialidade, de conversação interessante e animada, hospitaleiro como um escocez, e trabalhador como um americano, estava para partir para Leiria, mas teve a extrema obsequiosidade de não partir em quanto não deu as ordens necessarias para que eu pudesse vêr a fabrica em plena actividade, em quanto não me acompanhou a algumas das officinas, e em quanto não me deixou entregue aos cuidados do director tecnico da fabrica, o snr. João Augusto de Castro, moço intelligentissimo e estudioso, que ha onze annos reparte exclusivamente os seus dias entre o seu laboratorio chimico e as officinas, gastando nas investigações austeras e rudes da sciencia as horas rosadas

da mocidade, que outros despendem na dissipação e na orgia. Tambem a este devo as mais relevantes finezas. Foi elle quem me foi explicando passo a passo os processos engenhosos da fabricação do vidro, desde a combinação da arêa, da soda, da potassa e do zarcão que formam a materia prima do crystal até ao recozimento da peça fabricada e ao seu esfriamento rapido, mas gradual, por um systema simplicissimo. Eu sou naturalmente curioso, e a curiosidade de um profano deve ser altamente massadora para quem está iniciado ha muito em todos os mysterios da sciencia. Pois o snr. Castro foi de uma condescendencia infinita, des-cendo ás mais comesinhas explicações para me fazer perceber os processos d'aquella curiosa industria.

A extrema divisão do trabalho é o grande segredo da industria do vidro. Por isso fazem-se com uma rapidez quasi incomprehensivel copos, garrafas, castiçaes, quantos objectos vêm depois reflectir a luz nas suas limpidas facetas.

Passam por diante dos nossos olhos deslumbrados legiões d'apparelhos de vidro, que brotam allí n'um momento das materias primas em fusão. O aspecto das officinas dá uma idéa aproximada do inferno. Estou convencido que já não digo o inferno, mas pelo menos o purgatorio não é senão uma fabrica de vidros em ponto grande. Os guardas do purgatorio (e diga-se entre parenthesis que ha uma deploravel lacuna nas informações religiosas, sabe-

se que os demonios são os guardas do inferno, e os anjos os do céo, mas os do purgatorio parece que pertencem a uma especie de corpo auxiliar da fiscalisação de além-mundo), os guardas do purgatorio, pois, tiram com uns *ponteis* as almas em fusão dos cadinhos do inferno, assopram-nas, afeiçoam-nas, recozem-nas, applicam-lhes o systema da *arca do tempêro corrente* e tendo-as assim consolidado pelo resfriamento vagaroso, mandam-nas para o céo, limpidas e transparentes como as garrafas de crystal.

Nos altos fornos, as chammas rubras irradiam um calor extraordinario, ouve-se o ranger das prensas que embebem a *buxa* no vidro em fusão, vêem-se passar, como estrellas cadentes vermelhas, na extremidade dos *ponteis* — grandes varas de ferro ôcas por onde se sopra o vidro — fragmentos de massa ardente e informe que se vai transformar n'um copo ou n'um castiçal; passam por diante dos fornos os operarios de tez crestada, e cujo rosto se illumina satanicamente de vermelho. É um espectaculo que dá idéa d'aquellas forjas de Lemnos, em que a Grecia collocou Hephestios, o Vulcano dos latinos, a forjar com os seus cyclopes os raios de Jupiter, e os escudos de Achilles.

N'outra repartição fabricam-se os potes de barro que teem de ser os cadinhos onde se funde o vidro, n'outra mais tranquilla entregam-se os lapidarios aos seus curiosos trabalhos. Os engenhos são tres rodas, uma de ferro, outra de pedra e outra

de pau, que effectuam tres operações diversas. Até agora não se tem conseguido que essas tres operações sejam feitas por tres homens, nova divisão de trabalho que augmentaria immensamente a producção. Os operarios oppõem a isso uma resistencia obstinada mas que a direcção deve e espera vencer. Mais adiante um grupo de mulheres escolhem nos residuos de fabricação das peças o vidro que deve voltar ao cadinho para se combinar com as materias primas e ser outra vez apanhado no pontel. N'outra casa recozem-se as peças fabricadas e resfriam-se gradualmente. N'outro sitio esmerilham-se as rolhas de garrafas por um systema de agua e arêa que vai gastando a rolha até ella se adaptar hermeticamente á bocca da garrafa. N'outro ponto cortam-se a diamante as chapas de vidro. N'outra officina fabrica-se a vidraça.

Essa fabricação, que exige altos fornos de uma temperatura hyper-equatorial, tem uma operação curiosa. É o desdobramento da vidraça. Esta sahe do primeiro fabrico em grandes cylindros ôcos. Volta a um forno, e lá dentro, debaixo da pressão do calor, vê-se o cylindro desenrolar-se, até se aplainar completamente e ficar reduzido a lamina.

A direcção da fabrica da Marinha Grande, que, pelo menos desde que está nas mãos dos actuaes gerentes, se tem sabido tornar digna da protecção que as pautas lhe concedem, não adormecendo á sombra d'ella, como fazem muitas outras industrias — por exemplo a do papel — mas trabalhan-

do e progredindo, tem em construcção bastante adiantada um forno de gaz de um systema inventado ainda no corrente anno pelo snr. Siemans, que lhe custa sommas importantes, mas que lhe deve accelerar por tal fórma a fusão da massa vitrea que o augmento da producção ha-de compensar-lhe largamente todas as despezas. As temperaturas, que esses fornos de gaz devem produzir, são fabulosas. É capaz uma pessoa de ter uma congestão cerebral só de pensar n'ellas, e quando se profere o numero de graus do pyrometro de Wedgood que essa temperatura representa, é indispensavel tomar logo em seguida um copo de agua gelada para refrescar a lingua. Á roda do tal forno, no raio de um kilometro, devem assar-se as gallinhas espontaneamente — se é que o adverbio se póde applicar a uma situação em que a espontaneidade é muito problematica.

Passemos ao lado do forno em construcção, que attesta a intelligencia dos directores, que seguem attentamente os progressos da industria no estrangeiro, e que não hesitam diante das despezas para os applicarem cá, e interrompamos a descripção, para deixar descansar o leitor, como tambem lá interrompemos a visita para descansar e jantar.

IV

Não ousou avançar muito na descripção dos processos technicos da fabricaçaõ do vidro, não só porque sou completamente estranho a esses assumptos industriaes, mas até porque, narrando-os, não posso fazer mais do que recorrer á minha memoria. Eu sou um viajante, que tenho o deploravel sestro de não tirar apontamentos. Não saco da carteira a cada instante para inscrever um algarismo, uma data, um nome. Quando vejo, vejo por minha conta e não por conta do publico, pinto apenas depois as impressões que senti.

Ora a impressão que me deixou a fabrica da Marinha Grande foi uma impressão verdadeiramente maravilhosa. Como ella tem ido prosperando na sombra, no silencio, no meio da indifferen-

ça e da incredulidade do publico! A fabrica da Marinha Grande, as fabricas da Covilhã foram sempre consideradas como umas creações da vaidade nacional, uns estabelecimentos que não teem senão a existencia que as pautas lhes dão. Eu já visitei uma e outras, vi em plena actividade aquella colmêa industrial da Covilhã, ouvi os rugidos que soltam na faina do trabalho os robustos pulmões do machinismo moderno, vi nas abas da Serra da Estrella machinas transportadas com sacrificios innumerados pôrem em movimento os complicados apparelhos da industria das lãs, vi nas orlas do pinhal de Leiria a fabrica da Marinha Grande accender o clarão intenso dos seus altos fornos, e dar o pão do trabalho a centenas de operarios. Não eram industrias artificiaes, industrias de estufa medrando dentro das pautas, como as laranjeiras dentro das caixas nos paizes do Norte, eram industrias potentes, progressivas, já quasi hobreando com as estrangeiras, avançando todos os dias, melhorando os seus processos, desenvolvendo a sua producção, e preparando-se energicamente para resistirem á crise que se ha-de manifestar, quando baquearem as leis proteccionistas.

A casa das amostras revela o progresso immenso da fabrica da Marinha Grande. Que maravilhosos productos não teem já d'alli sahido! Como os nossos operarios rivalisam já em perfeição com os operarios lá de fóra! Difficilmente se distinguem já as imitações feitas na fabrica dos modêlos vin-

dos de França. El-rei o snr. D. Luiz recebeu de Inglaterra um serviço de crystal. Quebraram-se no transporte um grande numero de peças. Mandou-as substituir na fabrica da Marinha Grande. Estou que os proprios fabricantes inglezes não seriam capazes de distinguir as peças que se fizeram em Portugal das que foram fabricadas em Inglaterra.

O publico portuguez entretanto conserva o seu velho preconceito contra a industria nacional... e paga-o. É bem feito. Os lojistas vendem ao desdenhoso comprador castiças, jarras, garrafas, etc., fabricadas na Marinha Grande, e com rotulo francez. É assim tambem que as fazendas da Covilhã são vendidas como puro Elbœuf, sêdas portuguezissimas como sêdas de Lyon. Ora agora o freguez paga a desnacionalisação. É como a historia legendaria do portuguez fingindo-se esquecido da sua lingua materna: *Oh! bring me a capile! Quante custa?* — Cinco tostões. — Cinco tostões um capilé? — Não, senhor, um *capilé* custa meio tostão, mas um *capile* custa cinco tostões. Assim é com os vidros da Marinha Grande. Uns castiças d'essa fabrica comprados simplesmente, naturalmente, no deposito do Rocio custam 5; mas comprados, a titulo de francezes, n'um *magasin fashionable* custam 50. Imposto sobre a toleima.

Da perfeição a que attingiram os trabalhos da fabrica trouxemos um apreciavel documento n'uma garrafa e n'um copo de primorosissimo trabalho, que nos foram amavelmente offerecidos pelo snr.

Marques, gerente da Marinha Grande, e onde á nossa vista se gravou, com as nossas iniciaes, a data da nossa visita. Parece impossivel que essa materia essencialmente friavel que se chama vidro se possa arrendar e cinzelar em tão caprichosos labores.

Não é menos pasmoso o desenvolvimento da producção. Quando dissermos que a feria semanal sóbe muitas vezes a 1:500\$000 reis, que as 12:000 carradas de lenha que o governo lhe fornece gratuitamente por antigo contracto, resultante dos encargos da herança de Guilherme Stephens, mal chegam para o consummo da fabrica durante um semestre, que do contracto especial feito com a companhia dos caminhos de ferro para transporte de vidros já esta companhia chegou a auferir n'um anno dez contos de reis, póde-se imaginar o que está sendo a fabrica da Marinha-Grande.

A importancia da feria é tambem assim enorme, porque os salarios são altos. O trabalho é quasi todo por empreitada, e ha operario laborioso e habil que póde fazer 12 a 14\$000 reis por semana e ás vezes mais. Citaram-me o exemplo d'um operario francez que alli esteve, e que chegou a ter uma feria de 21\$000 reis.

Por isso tambem a povoação, quasi toda composta de operarios, apresenta um aspecto de acieo e de prosperidade que alegra o visitante. Lembrou-me um pouco a descripção feita na *Revista dos dous mundos* da cidade de Ismailia, cidade exclusiva-

mente industrial, que os trabalhos do canal de Suez fizeram brotar do seio do deserto, e que tem um aspecto risonho, acceado e sereno, um tanto americano. Alli na Marinha Grande ficam bem longe a politica e as mil occupações frivolas da vida das cidades. O trabalho e a sciencia absorvem todos os espiritos. Os vastos salões do palacio da administração da fabrica, que teem o character grandioso e regular de todas as construcções portuguezas do tempo de D. João v e do marquez de Pombal, abrem as suas amplas janellas para um jardim plantado no gosto essencialmente decorativo do seculo XVIII, e ha alli uma placidez que contrasta com o movimento e o bulicio das officinas. N'um pequeno quarto tranquillo e silencioso entrega-se aos seus estudos o snr. João Augusto de Castro, rodeado de livros de chimica, e dosapparelhos de um laboratorio. Na força da vida este moço adepto da sciencia, que confessa que não veio a Lisboa senão duas vezes em onze annos, e que sentiu na Casa Havaneza as mais profundas saudades do seu gabinete da Marinha, emprega os ocios, que os cuidados da industria lhe deixam, em altos estudos chemicos. Hoje procura, com a tenacidade de um alchimista, o modo de encontrar um vermelho, sem empregar os carissimos preparados de ouro. Se o conseguir, descobriu para a industria do vidro a verdadeira pedra philosophal, achou modo de transmutar em ouro os mais vis metaes, porque descobriu o meio de produzir vidro vermelho em

condições tão economicas como o vidro branco. Um profano diria que estava achado o segredo. Para olhos inexperientes o vermelho que elle prepara já se não distingue do vermelho do commercio, mas elle é que não está satisfeito, vê ainda umas nodos que o preoccupam muito mais do que as manchas do sol preoccupam todos os astrónomos portuguezes. Que o genio da chimica, a musa que inspirou os Lavoisier e os Priestley, os Boussingault e os Wurtz, lhe sorria propicia, corôe os seus tenazes esforços, e lhe dê ensejo de illustrar o seu paiz e o seu nome com a pura gloria da sciencia.

Um nosso amigo e collega o snr. João Maria de Magalhães, que nos acompanhava na visita, reclamava a nossa attenção para a fabrica da resina-gem, e offercia-se a mostrar-nos o pinhal de Leiria, e nós despediamo-nos emfim do snr. Castro, cuja amabilidade nos captivára, cuja modestia nos parecia dar um extraordinario realce aos seus dotes intellectuaes e aos seus vastos conhecimentos, e á noite em Leiria, agradecendo com effusão ao snr. Marques todas as suas finezas, felicitámolo pelo estado florescente da fabrica, uma das mais solidas empresas do paiz, uma d'estas maravilhas que o trabalho individual faz brotar ás vezes no arido solo da inercia portugueza.

V

Não me atrevo a fallar desenvolvidamente na fabrica de resinagem. A questão da resinagem é entre nós uma questão perigosa. Acham uns a resinagem utilissima, outros dizem-na destruidora dos pinhaes. Uns declaram que a incisão mata o pinheiro e outros que lhe não faz o menor mal. Se eu me pronunciasse em qualquer dos sentidos, corria o mais sério perigo de levantar contra mim uma tempestade, mas não me pronuncio por cem razões : a primeira é que sou absolutamente incompetente em questões de resinagem, o que me dispensa de dar as noventa e nove restantes. O que posso dizer sem offensa de ninguem é que a fabrica de resinagem está excellentemente e economicamente montada, que á habil iniciativa e ao zelo do snr. Bernardino Gomes, que não é parente, que me cons-



te, do illustre medico ha pouco fallecido, se deve em grande parte o achar-se a fabrica em excellentes condições, e o terem attingido os seus productos uma incontestavel perfeição. Notem bem que eu não digo que a resinagem seja util, o que digo é que admittido, como um *postulatum*, a sua utilidade, a fabrica está bem montada, e os seus productos tem uma excellente apparencia. Havia sobre tudo um copo de terebinthina limpidissimo, que tentava como um copo de agua fresca e crystallina.

O snr. Bernardino Gomes, que nos acompanhou e explicou tudo com a maior amabilidade, é um ardente defensor da resinagem, e conhece tão bem os seus processos, que nas Landes, onde esteve, adoptaram uma sua util modificação no methodo da extracção da resina.

O snr. João Maria de Magalhães, que é um outro *resinista* ardente, e que tem contribuido em larga escala para os melhoramentos da fabrica, sustentando com todo o seu poder a habil direcção do snr. Bernardino Gomes, levou-nos depois ao pinhal de Leiria. Apeámo-nos á porta de uma casa elegantissima, em que reside, á entrada do pinhal, e fomos depois a pé vêr a celebre floresta que tanto contribuiu para o engrandecimento da nossa marinha, e que é ainda hoje uma das nossas grandes riquezas nacionaes.

Nada mais esplendido do que a longa alameda de pinheiros, que, principiando na Marinha Gran-

de, vai até S. Pedro de Moel, á beira-mar, tendo uns poucos de kilometros de extensão. Dir-se-hia a formosa alameda de uma quinta senhorial. O sol, ao descahir no occaso, prendia os seus ultimos raios ás franças dos pinheiros, em cujas longas harpas modulava o vento da tarde umas plangentes melodias. É das horas mais agradaveis da minha vida a que passei n'aquella longa alameda, em suave conversação, ou entrando no pinhal, admiravelmente tratado, a pisar a fresca e avelludada relva, que se estende entre os pinheiros como um tapete macio.

Vi depois o curioso machinismo da injeccão dos pinheiros, especie de embalsamento das arvores, que, tirando-lhes a seiva, as preserva da corrupção, e lhes dá uma longa dura, passei junto das machinas colossaes e abandonadas de uma fabrica, alli erigida por uma companhia ingleza, e que morreu como morreu a *Lisbon Steam Tramway*, e outras tantas, cujo exemplo deve fazer considerar aos capitaes inglezes o nosso paiz como um verdadeiro Maelstrom, e, despedindo-nos do snr. João Maria de Magalhães, de seu sogro o snr. Satyro da Cruz, e de seu cunhado, que todos tinham sido comnosco de uma amabilidade inexcedivel, regressámos a Leiria, e no dia seguinte de madrugada estavamos a caminho das Caldas da Rainha.

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM 1630 TO 1800
BY
JOHN H. COOPER
VOL. I
1855

The history of the city of Boston from 1630 to 1800 is a story of growth and struggle. It begins with the arrival of the first settlers in 1630, who found a desolate and uninviting landscape. Despite the hardships, they persevered, building a community that would become one of the most important in the New World. The city's growth was marked by the founding of Harvard College in 1636, the first university in North America. The city's economy was based on trade and commerce, and it became a major center of industry and manufacturing. The city's political life was dominated by the Puritans, who sought to create a society based on their religious beliefs. The city's history is a testament to the resilience and determination of its people.

CINTRA.

Estamos no dia 31 de julho. — Reina o verão, e, cingindo a fronte na terra com o dourado diadema das espigas, no céu com a aurea corôa que lhe empresta o sol, chega talvez a pensar, tomado da embriaguez da realza, que não ousará o outono arrancar-lhe das mãos o sceptro e recostar-se-lhe no solio, cercado de viçosos pampanos, e dourado com o tibio reflexo, que lhe envia o melancolico horizonte das lindas tardes do outono.

N'esse tempo qual era o lisbonense ou a lisbonense elegante, que ousaria trocar as salas de verdura de Cintra pelos salões mais esplendidos da cidade? Quem ousaria passear n'outro campo que não fosse o de Sitiaes, scismar n'outro arvoredado que não fosse o da Penha Verde, comer outros pecegos que não fossem os de Collares, outros dôces que não fossem as queijadas das trinta unicas e

verdadeiras Sapas, cujos protestos de veracidade se desdobram aos olhos do viajante espantado, nas paredes brancas da estrada do Ramalhão?

Quem ousaria montar n'outros quadrupedes que não fossem os jumentos da estrada da Pena, ouvir outras pragas que não fossem as dos arrieiros, d'esses que tiveram a honra de escutar, sem as entender, as exclamações entusiasticas de lord Byron e as imprecações contra os portuguezes do mesmo senhor, e que provavelmente vingaram instinctivamente a honra nacional, dizendo ao grande poeta, com o mesmo entono com que os seus descendentes fallam aos marujos britannicos — *Oh! yes comié, gate come frangue?*

Quem ousaria entrar n'outro barco que não fosse o bote da *Varzea?* beber outra agua que não fosse a da fonte dos Passarinhos? arranhar as mãos n'outro silvado que não fosse o da estrada de Monserrate? ouvir outros murmurios que não fossem os dos innumerados fios d'agua, que formam esse delicioso concerto que escuta enlevado quem vai sózinho pela estrada dos Pisões? colher outras camelias que não fossem as da quinta do snr. Maziotti? pisar as primeiras folhas seccas que não fossem as que atapetam as umbrosas avenidas lateraes de Sittiaes? Quem o ousaria? ninguem de certo, e só o pensamento de um tal sacrilegio faria subir o rubor ás faces das formosas lisbonenses.

E comtudo, oh instabilidade das cousas humanas! abandonaram Cintra, Cintra a formosa, com

o mesmo sangue frio com que deixariam o namorado do mez antecedente ou o chapéo da passada estação! — Debalde a fada dos alcantis põe nos hombros, com a habitual *coquetterie*, o manto verdejante, debalde á noite a argentea lua faz ondear em torno d'ella o seu véo melancolico, debalde touca a fronte com um diadema de estrellas, e banha os pés preguiçosos no crystal das fontes, cujas nayades entôam o hymno do mysterio.

Debalde a viração agita a copa dos arvoredos, e rouba o modesto aroma á timida violeta, emboscada entre as fragas! Debalde o rouxinol se desentranha em gorgeios suavissimos! Debalde!

Cintra passou da moda, e a turba alegre das elegantes andorinhas, que, mal o estio se annunciava, iam povoar as frescas solidões e desafiar com o chilrear harmonioso das suas vozes argentinas o bando alado dos passarinhos, voltou as costas á querida de Byron, e dispersou-se por um e outro lado a procurar novos amores.

Ingrata! Que de suaves recordações não pendem, de envolta com as gottas de orvalho, de cada uma das folhas da espessa ramaria! Não foi ao passear n'uma das alamedas da Penha Verde que sentiu arfar pela primeira vez o seio turgido, e um vago anhelos, uma indizivel melancolia revelar-lhe que ia findar em v. exc.^a a criança innocente, e começar a mulher? Inexplicavel anseio, que foi como que o primeiro raio de sol que se escôa por entre as tenues fendas do verdejante botão, e que

vai dizer á rosa purpurea que chegou a hora de desabrochar ! Não foi n'uma d'essas grutas de verdura da quinta de D. João de Castro, que, encostando a fronte ardente á estatua, lhe perguntou o segredo do ineffavel balbuciar que sentia dentro de si, a causa d'essa ignota chamma que parecia dar vida á nayade marmorea, e descerrar-lhe os labios n'um sorriso, recordação dos seus amores mythologicos?

Não seria para v. exc.^a o parapeito de alguma d'essas quintas a varanda de Julieta, e não foi de algum d'esses campos fronteiros que se desprendeu o grito matinal da cotovia, grito que confundiu com o cantico nocturno do rouxinol? não foram as chaminés conicas do paço real as que se branquearam com a luz indecisa da aurora, luz em que v. exc.^a via apenas o argenteo fulgor da rainha da noite?

Pois não se lembra já? Cuida que uma tarde, á hora em que o sol se atufa ao longe nas aguas, deixando brincar os raios na orla de espuma, com que as vagas se enfeitam, arminho do manto azul do oceano, cuida que a não vi, na Cruz Alta, com os anneis dos louros cabellos soltos ao vento, cahido o elegante chapéo desabado, encostada ao symbolo da Redempção, fitando os olhos no espaço, vendo a briza acariciar os pinheiraes da serra, escutando o suspiro das auras, mirando uma vela branca, que se sumia lá ao longe, a caminhar para as ondas do horisonte, *ad horisontis undas*, como di-

zia Abeilard, e pensando não em Heloisa de certo, como o martyr do Paraclete, mas... mas em Romeu, Julieta esquecida?

Outra vez, era tambem ao pôr do sol; a tia de v. exc.^a, se me não engano, estava conversando sentada n'aquelles bancos verdes de Sitiaes, v. exc.^a passeava com as suas amigas, grupo gracioso que chegava a desenrugar a austera fachada do palacio dos Marialvas, embebecida na contemplação dos seus rostos, esplendido ramilhete com que se ufanava a relva de Sitiaes! N'uma das alamedas passava a galope, se bem me lembro, um cavalleiro, desviando com o chicotinho os ramos curvados que o embaraçavam.

Creio que é este o quadro; tenho-o pintado na phantasia, e parece-me que escuto ainda o rugir das sêdas das passeantes, o doudo chilrear dos passarinhos nas devezas, e o cantico isolado d'um rouxinol orgulhoso, que ensaia com a flebil voz os modilhos da canção nocturna.

O sol deixa um ultimo raio tingir d'escarlata as folhas do arvoredor; pelo portico central do palacio sahe ainda um jorro de luz que vai a pouco e pouco esmorecendo. Quando vv. exc.^{as} passam por diante do portal inundam-se-lhes os rostos de fulgor, accendem-se-lhes as rosas das faces, scintillam as tranças e despedem mil reflexos dourados; depois voltam de novo as sombras do crepusculo, espalha-se-lhes nas feições uma vaga melancolia, e quasi involuntariamente abaixam a voz

para respeitarem a solemnidade d'essa hora mysteriosa.

A lua começa a mostrar o rosto pallido por traz das cinzeladas ameias do castello da Pena, o vago murmurio dos veios de agua que brotam por toda a parte n'essa encantada Cintra chega em debil toada aos seus ouvidos, e a brisa geme suavemente, fazendo ondear o verde cortinado.

Então, emquanto as tias sentem augmentar a sympathia reciproca por intermedio da cadêa electrica das pitadas, em quanto a caixa do rapé circula no banco verde como o cachimbo de paz no *wigwam* dos selvagens americanos, em quanto redigem um tratado de alliança offensiva e defensiva contra as exigencias dos saloios da praça, em quanto trocam sentidas queixas ácerca dos incomodos do campo, e do bem estar da cidade, vv. exc.^{as} enlaçadas, como a choréa das graças, correm alegres e risonhas para se irem sentar no Penedo da Saudade a vêr a agonia do astro-rei.

Um turbilhão de risos, de fallas alegres inunda o silencioso recinto, um ou outro passarinho ascetico, que escolhesse por alli alguma thebaida frondosa, cala-se de repente, e vôa espavorido para outra solidão, onde esteja mais ao abrigo das invasões do mundo. Os echos, reanimados, repetem o som argentino das suas vozes. Tudo é vida e animação na estancia ha pouco muda.

Desdobram-se a perder de vista os campos, por onde corre serpenteando uma ou outra estra-

da, cuja posição é marcada por duas orlas de silvas. Ao longe, começa a envolver-se nas sombras da noite o vulto magestoso do colosso de Mafra, sentinella do horisonte, memoria d'uma época extincta que, em pleno dia, parece o espectro egypcio, assomando tetrico no meio da orgia de luz, com que o sol banqueteia a enamorada Cintra, e que, ao descahir da tarde, se ergue pavoroso como um phantasma nocturno. Do outro lado vê-se em amphitheatro a villa, com as suas casas brancas, espreguiçando-se nas collinas, e escondendo a cabeça nos arvoredos. Que melancolia e que magestade !

Então cessam os risos e as fallas, e, perdidas n'um vago extasi, sentem apenas um ou outro suspiro solevantar-lhes o seio e... quem sabe ? uma ou outra lagrima deslisar-lhes lentamente pelas faces. Saudades ? saudades não, de certo. Quem tem saudades aos quinze annos ? O horisonte da vida está sempre inundado de luz, e o crepusculo não desfolha as rosas, fal-as brotar no jardim da existencia, porque não é o crepusculo da tarde, é o crepusculo da aurora. Mas quem sabe o segredo d'essa inexplicavel commoção ? sei-o eu ? sabe-o v. exc.^a ? não, de certo. É um vago presentimento, é uma aspiração para o infinito ; e a tristeza, que lhe ensombra as faces, é essa indizivel tristeza da alvorada, as perolas que se lhes desprendem da franja das pestanas são as perolas do orvalho matinal.

Então... creio que me não illudo... enquanto as suas companheiras continuavam absortas na sua *rêverie*, parece-me que um vulto elegante se aproximou de v. exc.^a, e parece-me tambem que esse vulto era o do cavalleiro que galopava ha pouco pelas avenidas de Sitiaes. Os seus olhos encontraram-se e os seus dedos finos e tremulos creio que encontraram tambem a mão, já sem luva, do cavalleiro. Depois pareceu-me ouvir um mysterioso susurro de duas meigas vozes, depois um outro ruido indefinivel... que seria talvez o bater d'azas dos passarinhos... suaves passarinhos d'amores, que em labios vermelhos se aninham.

Uma outra vez... era á noite. Pareceu-me divisar um vulto branco, encostado a uma janella, ao pé d'esses castanheiros copados, que defrontam pouco mais ou menos com as paredes do jardim do palacio real. A lua illuminava um perfil delicado, e uma fina mãosinha, a que se encostava um rosto gentil. Brincava a aragem nas tranças ondeadas e nas candidas roupas, que davam a esse vulto o aspecto de uma virgem d'Ossian, que fugisse dos nevoeiros escocezes e viesse refugiar-se nos alcantis pitorescos de Cintra.

Ouvia-se ao longe a musica do destacamento. O *Bolero* das Vesperas Sicilianas vinha expirar nos ramos dos castanheiros, e impregnava-se com a distancia de um perfume de melancolia. O hymno da noiva! O cantico da esperanza! Como um collar de perolas, que se desfiasse sobre o pra-

do, as notas doudejavam, sylphos melodiosos, que um raio da lua faz brotar de uma gotta de agua. A fada da harmonia parecia que animára a natureza silenciosa, e milhares d'echos repetiam, dando-lhe uma entonação plangente, a musica sublime de Verdi.

Vi com certeza lagrimas deslisarem umas após outras pelas faces, cuja pallidez avelludada recebia da lua ainda um realce maior. Mas não eram as lagrimas do extasi, que eu já vira a aljofrarem-lhe o rosto debaixo das arvores de Sitiaes. O que as motivára então? O sonho que morrera? O desenlace prosaico do poema devaneado?

Ai sonhos da mocidade! poemas dos quinze annos! Sois como a grinalda de Ophelia de Shakspeare, que se nos escapam da frente, e que vêmos com tristeza irem boiando na corrente dos tempos, e não sei se será melhor imitarmos o exemplo da louca do poeta, e precipitarmo-nos tambem no abysmo das aguas. De que valem as fronte descoroadas, quando ás flôres succedem as rugas, precursoras da contracção da morte?

Foi em Cintra, leitora, que se desenrolou o poema dos seus amores. Foi em Cintra que os seus sonhos nasceram e morreram. O eden de Byron não tem um sitio só onde se não abrigue uma recordação.

Aqui na torre da Pena, ebria de enthusiasmo, fatigada de commoções, contemplando o immenso panorama do mar e da serra, v. exc.^a, arrastada por

um sentimento irresistivel, abriu o livro do seu coração, como a Margarida Laroque, essa bella criação de Octavio Feuillet, revelou a tormenta que se lhe agitava no seio, ao marquez de Champcey de Hauterive, que a escutava fascinado. Foi alli, n'essa ermida arruinada da serra que lhe appareceu pela primeira vez sahindo do meio das arvores, com o vestido branco, semeado de folhas, flôres silvestres nos cabellos em desordem, como uma divindade dos bosques, como uma d'essas dryades gentis, que a antiguidade phantasiou. Alli trocaram o primeiro olhar, mais adiante o primeiro sorriso, aqui surprehendeu-a elle, alli, em torno dos lagos do castello real, perderam-se do grupo que os acompanhava, tão distrahidos, e enlevados iam n'um eloquente silencio; defronte do castanheiro dos Pisões, tiveram a ultima entrevista; não ha uma folha só que não lhe falle de amor, não ha um murmurio só que não lhe diga «saudade».

UM DIA NO BUSSACO

1866

I

Sempre exerceram sobre o meu espirito uma singular influencia os arvoredos e o mar. A ramaria ondeada pelo vento, a vaga orlada de espuma quebrando no rochedo e erguendo ao céo um hymno melancolico, foram confidentes dos meus primeiros sonhos, e das minhas indefiniveis e prematuras tristezas. Sobre a minha infancia choveram melancolias das arvores da Penha Verde, e, criança mal desabrochada ao sol da vida, li as primeiras estrophes do poema dos devaneios nas paginas espumosas do livro immenso do mar, desenrolando-se no fino areial das praias da Ericeira.

As mattas espessas e o mar deserto e immenso teem entre si não sei que toques de semelhança. Quando o vento agita a copa do arvoredo, dir-

se-hia ás vezes que encrespa vagas de verdura. O susurro dos bosques parece o marulhar das ondas. Mar e florestas são igualmente sublimes templos da Omnipotencia; o Infinito domina tanto no umbroso eremiterio das arvores, como na solidão vastissima das ondas. Aqui o horisonte, além os ramos entrecruzados correm uma cortina azul ou verde entre o mundo da realidade e o mundo da phantasia, entre o mundo onde se agitam as mesquinhas paixões da humanidade e os páramos onde o espirito, desprendendo as azas, vai immergir-se no esplendor ethereo que de Deus emana. Aqui e além o homem sente-se só e grande no seu isolamento, porque esse isolamento solemne é como a escada do patriarcha hebreu, que liga o homem ao anjo, a terra ao paraiso. Mais do que a fria cella dos mosteiros é santa para o pensador a prôa solitaria do navio em noite de calmaria ou a soledade dos arvoredos, abrigada pelo docel fremente das folhas. Ahi é que se póde inscrever com verdade a sentença grave e triste collocada nas portas de alguns conventos bem asceticos e bem gelidos:

«Na. solidão Deus falla ao coração do homem; na solidão o homem falla ao coração de Deus.»

As florestas e o mar são a imagem do Infinito, teem a belleza immaculada das obras de Deus, que o homem não profanou. Apaga um sopro o sulco espumoso traçado pelas quilhas na superficie do oceano; por isso o oceano é bello. Revive com mais vigor a arvore decepada pelo homem; por is-

so o arvoredado é solemne. Cathedraes sublimes, onde um orgão invisivel abandona as teclas aéreas á inspiração caprichosa da aragem, onde á noite as estrellas accendem os seus lampadarios e parecem pendural-os por entre os mil pingentes verdes das folhas, onde a cupula, arrojada a immensa altura por um architecto mais sublime do que Miguel Angelo — a natureza, parece ir desafiar o céo e immergir a cabeça altiva no dourado esplendor do sol, onde os portaes magestosos se erguem entre columnas de cedro, onde essa fragrancia acre e penetrante que se exhala dos mattos rescende no thuribulo immenso das solidões! Ahi sim, ahi é que a idéa de Deus se ostenta com inconcebível sublimidade, ahi é que a Providencia nos apparece sem véo, ahi é que todos nós sentimos abrir-se o coração á crença, transformar-se a anciedade vaga em certeza serena, a aspiração indefinivel para esses mundos defezos á intelligencia humana no contentamento mystico da alma, que, firmada na fé, transpõe o abysmo da eternidade e vai confundir-se com Deus.

Eram estes pensamentos que me accommettiam, quando pensava em emprehender uma romaria ao Bussaco, á floresta sagrada, ao ermo sacrosanto onde uns poucos de monges lividos outr'ora se refugiavam, para estarem, já durante a existencia, mais proximos dos céos, e onde ainda hoje o profanador estulto não entra sem um vago sentimento de respeito.

E, comtudo, estou já tão costumado ao vandalismo atroz e estúpido dos nossos contemporaneos, que pensava com susto nos trinta e dous annos que decorreram desde que os monges foram expulsos da sua thebaida, e nos trinta e dous mil *melhoramentos* que podiam ter alli sido já feitos. Que de estradas se teriam aberto, que de arvores se teriam tosqueado, que de alindadas cousas por lá haveria! E assustava-me com isto, confesso, porque o templo arruinado attrahe-me, mas fujo com horror do templo profanado. E não conheço profanação maior do que os rebocamentos, e os aperfeiçoamentos, e as caiaduras... Felizmente, as arvores não se caiam, e, demais, era possivel que o thesouro, que ha trinta annos tem precisado de dinheiro para estragar tanta cousa, não tivesse tido disponível o necessario para estragar o Bussaco.

E animados por esta esperança partimos de Coimbra para a Mealhada pelo caminho de ferro, ás cinco horas de uma linda manhã de agosto.

II

Não descreverei as minhas impressões de viagem no caminho de ferro, nem a passagem do wagon para a diligencia do Luso, nem a nossa entrada n'essa pitoresca aldeiasinha, que se agrupa, rissonha e festiva, na falda da montanha santa, como a ultima tentação mundana á porta do ermo penitente. O Bussaco chama-me, attrahe-me, como então me absorvia o pensamento de visitar essa frondosa matta, que tantos poetas tem inspirado, esse magestoso Sinai, a que Soares de Passos ergueu um dos seus mais sublimes canticos, e que deve a Castilho algumas das suas mais bellas, ainda que menos conhecidas, paginas de admiravel prosa ¹.

¹ Alguns capitulos de um romance, de que só foi publicado o 1.º volume, e que se intitulava *Mil e um mysterios*.

Creio que fomos vêr os banhos e folheámos até nas mesas da sala um ou dous jornaes lisbonenses que informavam um patricio, que ia vêr o Bussaco, das novidades policiaes occorridas na precedente noite. Creio tambem ou antes tenho a firme convicção de que almoçamos copiosamente, porque o estomago não me fez ouvir as suas reclamações durante as longas horas consagradas á nossa poetica romaria. Recommendo esta providente cautela a quem não quizer vêr passar por diante dos olhos, de envolta com as sombras pallidas e maceradas dos monges, uma longa e succulenta procissão de costelletas e *mayonnaises*.

A final seguimos caminho do Bussaco. Á medida que iamõs emprenhendendo a nossa ascensão, ia-se dilatando o vastissimo panorama que se desenrolava aos nossos pés, todo matizado de aldêas branquejantes, de viçosos olivedos, esfumado ao longe de montanhas, que se confundiam com o horisonte, e cujos picos nebulosos ensombravam apenas ligeiramente o azul vivissimo do céu. Sobre toda esta paisagem admiravel entornava o sol a chuva luminosa dos seus raios.

Appareceu-nos a final a portaria da matta. Era o primeiro desapontamento. Em vez da porta carcomida, encimada pela cruz, que eu fôra devaneando, enquadrada em lapides erriçadas de bullas ameaçadoras, fulminando com o anathema pontificio as filhas de Eva que ousassem transpôr os umbraes d'esse paraíso da meditação, surgiu-me dian-

te dos olhos uma portinha gradeada, pintadinha de verde, com a sua sentinella de veteranos e uma data assustadoramente moderna inscripta no frontal. Arripiei-me todo, quando entrámos na larga e formosa rua, assombrada de arvoredos e escrupulosamente alindada. D'esta vez protestei.

— Irra ! — disse eu — isto assim não me serve ! Eu faço a romaria com uma intenção expressa de penitencia. Quero remir-me de trezentos folhetins que me teem sahido da penna profana, quero arranhar os joelhos, escalavrar as mãos, tropeçar nas silvas, e por fim de contas anda a gente aqui como por sua casa !

Comtudo, dissesse eu o que dissesse, apoderára-se de mim um sentimento que, por ser diverso do que eu esperava, não deixava de ter a sua feição agradável. A frescura d'aquellas grandes arvores, aquella solidão tranquilla, o silencio dulcissimo e voluptuoso que enchia a alameda, coavam-me nas veias um bem-estar, um sybaritismo indizível. Não eram os extasis asceticos, a meditação austera, mas o scismar suave, o desprender-se-me o espirito dos laços mundanos e o embrenhar-se nas regiões da poesia, que se povôa dos sonhos rosados e não das lividas visões do monachismo.

Chegámos á *fonte fria*. Ahi a profanação era evidente e bradava aos céos. Andava-se construindo uma escadaria, que tem de transformar n'um chafariz de praça a deliciosa fontesinha, até agora escondida no seu ninho de verdura. Lembrou-me

um lindissimo conto de Bulhão Pato, ouvido pelo poeta, segundo elle nos assevera nas suas *Descripções e Narrativas*, n'esse sitio, um dos mais pitorescos do Bussaco. Se Bulhão Pato lá voltar d'aqui a annos, póde estar certo que não ouvirá outro conto. Terão fugido as nayades inspiradoras, que se banhavam no limpido crystal, e... quem sabe? tudo se póde esperar do progresso, talvez uma carreira de barris esteja tranquillamente estabelecida na escada por ora em construcção.

Não resisti a este despoetisamento do Bussaco silencioso e immaculado que eu devaneára. Em vez de continuarmos a seguir a avenida, pedi que me deixassem embrenhar por esse labyrintho de verdura, em que se engastava a fonte, e, adoptado este parecer por aclamação, lançámo-nos com enthusiasmo em plena matta.

Não nos tardou a recompensa. D'entre as folhas entrecruzadas em umbroso docel surgiu-nos uma d'essas ermidas, onde os penitentes do Bussaco iam procurar solidão imitativa da Thebaida e existencia ainda mais austera do que a do mosteiro.

Era singelissimo o eremiterio; um pateo musgoso, uma especie de cozinha e um oratorio. No pateo via-se ainda o signal da corda da sineta, que o penitente devia tocar ás Ave-Marias para mostrar que ainda pertencia ao mundo dos vivos. Irrompiamos nós agora, alegres e tumultuosos, por essa morada ascetica, onde nunca haviam resoado

outr'ora pés de vivos, porque era passo de phantasma o passo do monge que alli se ia abrigar.

Involuntariamente cahimos em profundo silencio. Não se ouvia senão o murmurio distante da agua na *fonte fria* e o susurro das folhas ondeadas pela briza. Os raios do sol da manhã, não podendo romper através da espessura do arvoredado, insinuavam, comtudo, uns metallicos reflexos, que douravam aqui ou além uma ou outra folha e davam uns tons luminosos á casca rugosa dos cedros. O vulto da ermidinha arruinada erguia-se melancolico entre aquella suavissima paisagem. O silencio, em que estavamos immersos, não tinha nem a dôce tristeza dos crepusculos, nem o lugubre pavor do silencio nocturno; espalhava como que uma serenidade magestosa, uma solemnidade augusta, que engrandecia o espirito e o levantava a Deus.

Então acudiram-me em tropel á phantasia as reflexões que o lugar tão facilmente desperta; procurei definir a mim mesmo essa entidade sobre a qual se tem aventado as mais contradictorias opiniões — o monge. Acatado outr'ora com supersticioso respeito, vilipendiado depois com odio proporcional ao dominio que a cogúla fradesca por tanto tempo exercera, dourado de uma banda por todos os esplendores da poesia, por outro lado exposto á mofa do publico em mil satyras violentas, o monge, nas suas multiplicadas manifestações, mereceu talvez isso tudo. Quando o monachismo

passou a ser uma classe, e uma classe preponderante no Estado, quando desceu das suas solidões para vir viver a vida de todos, quando descerrou as portas dos claustros para tomar parte nas agitações da existencia, então o monachismo perdeu todo o seu prestigio aos olhos do pensador, que o abandonou com desprezo ao gladio dos reformadores, pelos quaes devia ser forçosamente decepado, porque era uma planta parasita enroscada no roble das nações, que lhes absorvia a seiva, que lh'a sugava sem descançar, que as privava de se desenvolverem livremente ao ar e á luz, e que tornava rachiticos e enfesados todos os troncos a que tenazmente se aferrava.

Este era o monge turbulento, o monge que foi tão fatal ás duas nações peninsulares, onde n'estes dous ultimos seculos adquiriu um viço e um desenvolvimento verdadeiramente assustadores. O monge ascetico tambem me não capta as sympathias. O ascetismo, a maceração é um crime, e um crime estúpido. É o suicidio moral, o mais abominavel de todos os suicidios. É a cobardia que refoge diante dos deveres sociaes para se isolar n'uma estupidificação a que chama extasi, n'uma embriaguez parvoa que se denomina *estado beatifico*. A maceração é o opio religioso. O chinez envenena-se e brutalisa-se com uma dóse certa de amphião para gozar uns sonhos que o enlevam, que o roubam ás luctas da vida, ao trabalho civilizador, que o entregam, massa inerte e imbecil, ao despotismo

feroz de meia duzia de mandarins, e ao despotismo ainda mais detestavel de meia duzia de idéas convencionaes, que regulam ha seculos a existencia quotidiana d'esse povo estranhamente immovel. O religioso ascetico, para gozar tambem umas visões beatificas essencialmente inimigas do pensamento e da lucta, do trabalho intellectual e material, tomava as disciplinas, fustigava-se até rebenotar o sangue, vestia cilicio, privava-se de alimento, cobria-se de cinza, e ficava transformado em machina de extasis, em agente cego de um despotismo atroz, que durante seculos procurou comprimir as explosões do pensamento civilizador. As disciplinas eram o amphião dos monges, o opio, o hatchisch, graças ao qual tinham as visões e as illuminações com que uma pessoa se faz bruta na terra e bemaventurada no céu.

Mas o monge meditativo, o que se refugiava no ermo, não para extinguir o pensamento, mas para o illuminar com os clarões do céu, o que na plenitude da vida e da intelligencia vinha procurar estas solidões sublimes, sentar-se á porta d'esta ermida e ficar longas horas immerso na muda contemplação do arvoredado fremente, esse venero-o e respeito-o, esse é para mim verdadeiramente o santo, é aquelle a quem visitam os espiritos celestes, aquelle que abre o seu coração a Deus e a quem Deus se entremostra nas longas vigalias das suas noites estrellejadas de luz sobrenatural. Esse baixa por força do ermo ao mundo melhorado e

purificado, esse estanceou, como Moysés, no pinca-ro abraçado, onde o Senhor lhe veio segredar ao ouvido as palavras da sua lei. Esse tenho eu pena que o expulsassem do seu umbroso eremiterio, porque no mundo tumultuario da actualidade, n'este mundo onde está sendo a religião uma das armas efficazes de que se servem as paixões mais vis, seria bom ouvirmos de quando em quando a voz d'esses meigos apóstolos, que tivessem aprendido na sua longa conversação com os arvoredos e com as estrellas o esquecimento das ambições mundanas, e as palavras com que se consola a crença e se dissipa a duvida. E as almas, sequiosas de religião, ulceradas pelos debates que aviltam os altares, pela prostituição do templo aberto de par em par aos vendilhões, poderiam talvez refugiar-se no seio d'esses apóstolos da verdade purissima, que desceriam ao mundo perfumados pela fragrancia suave da flôr immaculada da solidão.

III

Chegámos ao convento.

Desapparecera completamente a desagradavel impressão que os alindamentos da entrada da mata haviam produzido no meu espirito. Conseguira embrenhar-me no ermo sagrado, e a magestade d'essas longas ruas ensombradas de altissimos cedros, juncadas de folhas seccas e de ramos partidos, coava-me na alma o sentimento religioso por que anhelára. Era, felizmente, esse um dia em que a turba profana dos visitantes não invadira o recinto umbroso para ir merendar sobre a relva, e entristecer os echos da floresta com o reboar sacrilego das suas gargalhadas. Estavamos sós, bem sós; o nosso passo resoava apenas no tapete de folhas, já levemente amarellecido, que se estendia no

sólo. De quando em quando voltavamos os olhos, esperando vêr algum vulto grave de religioso atravessando a alameda, com as mãos cruzadas sobre o peito, o rosto livido escondido no capuz de burel, e a cabeça curva ao peso da meditação e da obediencia. Não nos assustava essa imagem phantasiada, porque tudo em torno de nós respirava uma tão pura serenidade, um jubilo tão casto, umas emanações ethereas do paraíso, que mal podíamos comprehender como nos seria possível arrancarmos a essa paz ineffavel, a esse isolamento do mundo e dos homens, para de novo nos arrojar-mos ao turbilhão da existencia frivola e banal, quando não é pungente e cortada de acerbos dôres.

O sol, insinuando-se por entre o frondoso tecido do arvoredo, illuminava com a sua luz, não radiosa, mas temperada e alegre, o terraplano que precede a portaria do mosteiro, e onde o musgo reveste com o seu tapete verdejante as lages do chão. Como se está longe alli do revolutear mundano, da louca agitação das cidades! O silencio, em vez de ser obrigação rigorosa para os habitantes do eremiterio, devia ser a necessidade de todas as almas contemplativas. Sentar-se o monge, o monge fatigado das luctas da vida, na peanha de granito d'essa cruz que se levanta no centro do terraplano, e embebecer-se em muda contemplação e em dulcissimo scismar á sombra d'essas arvoredos copadas, diante d'essa portaria, onde o sol dourava as letras da suave legenda latina: *Hæc*

est domus Dei et porta caeli, não seria, com effeito, entrever já as alegrias do céu e ter a fronte illuminada com um reflexo da auréola beatifica dos eleitos?

Tudo n'esse dia se nos apresentava com um aspecto attrahente. Os raios do sol conseguiam penetrar por toda a parte, perdendo o fogo, mas conservando a luz serena. Foi um d'esses raios de sol que nos mostrou as duas telas severas, que representam o Silencio e a Penitencia. Sombrias e immoveis, essas duas figuras dos monges, dos monges que não tinham cessado de nos povoar a imaginação, fizeram-nos parar, penetrados de um indizível respeito. Julgámos que os phantasmas dos antigos habitadores da casa santa se erguiam dos seus tumulos, e vinham, melancolicos e austeros, fulminar-nos com o seu anathema, se tivéssemos, profanadores sacrilegos, a intenção de entrar, com um sorriso de mofa, no claustro aberto á curiosidade irreverente.

O raio de sol dava a esses rostos lividos e macerados um tom de melancolica benignidade, tornava um pouco menos tenebroso esse fundo escuro e carregado, que é o caracteristico das velhas escólas peninsulares. Não eram já, como no tempo da gloria monastica, duas sentinellas severas dando aos noviços só com o seu aspecto gelido a senha do mosteiro; eram dous tristes representantes do passado, que vinham implorar-nos que não lançássemos mais um insulto sobre essas ruínas pro-

fanadas, e as suas bellas cabeças, dôcemente illuminadas por esse reflexo do esplendor celeste que entrava, como consolador de tristeza, pelos batentes, abertos de par em par, da portaria, fizeram sobre mim o effeito que produziu no espirito de Sterne aquelle monge de S. Francisco, aquelle frade mendicante, cuja fronte pallida, enquadrada de cabellos brancos, appareceu ao viajante humorista, melancolica e grave, na prosaica moldura de uma porta de estalagem.

Aqui nem havia mesmo esse desagradavel accessorio; a portaria singela do mosteiro, as grandes arvores que assombravam o terrapleno, a mudez serena da floresta, os tons suaves que por toda a parte espalhava a luz radiante d'essa manhã de agosto, estavam tanto em harmonia com a tristeza grave, melancolica e resignada d'essas duas figuras, onde os reflexos do sol amaciavam a expressão do ascetismo, que eu curvei-me respeitoso e entrei murmurando a legenda latina do portal: *Hæc est domus Dei et porta cæli.*

Entrámos nos corredores do mosteiro, cujas paredes estão forradas de telas n'um estado deploravel e vergonhoso. São os retratos de alguns dos monges mais notaveis da ordem, e entre os muitos nomes obscuros e humildes que se lêem n'um canto da lona, encontra-se ás vezes o nome illustre de um bispo, de um reitor da universidade que veio no ermo do Bussaco olvidar as vaidades da pompa e da sciencia.

Mas a maior parte d'estes retratos estão rotos e ás vezes por tal fôrma esfarrapados, que pendem em tiras da madeira simples que os moldura. É esta uma profanação que nos compunge, é como que um insulto dirigido aos mortos, é uma triste fonte de reflexões para o poeta. Como eu gostaria de vêr enfileirados esses vultos de negros habitos, em toda a austeridade do seu porte, sobretudo se o crepusculo derramasse as suas sombras na vastidão do claustro e dêsse um relevo magestoso a essa longa procissão de penitentes! Mas assim compungiu-me vê-los, desprezados, vilipendiados, como que arrastados na lama! Vê-se que passou por alli a mão profanadora do homem, que viola as ruínas e as corôa de sacrilegios.

Estas pobres fileiras esburacadas de monges duplamente secularizados tiraram-me todo o encanto, que poderia ter achado em visitar esses restos da antiga mansão monastica. Os pobres reitores da universidade em tiras, os padres-mestres roídos, os bispos pendurados da moldura, lembravam-me constantemente a profanação do sagrado asylo e impediam-me a phantasia de correr ás soltas, como desejava, no campo do passado.

Fomos a final visitar a igreja. Servia-nos de *cicerone* um bom velho, chamado Francisco, de cabeça calva e coroada de umas farripas de cabellos brancos. É elle o verdadeiro ermitão do Busaco; alli vive ha sessenta annos, sem suppôr que o mundo seja maior do que a montanha santa e

acreditando firmemente que o Luso é a *ultima Thule*, a que se referiam os escriptores romanos. Tem ouvido fallar vagamente em Coimbra, mas Coimbra seria para elle uma cidade mythologica, uma especie de miragem no genero do El-Dorado, se, quando os ares estão limpidos, a não divisasse recostada preguiçosamente na sua collina. Assim mesmo, imagina talvez que Coimbra já desapareceu do solo depois que os seus olhos, enfraquecidos pela idade, a não descortinam tão facilmente.

Este velho Francisco foi criado dos frades nos primeiros annos d'este seculo, atravessou todas as vicissitudes da ordem sem arredar pé do Bussaco; por isso o Bussaco pertence-lhe a elle muito mais que ao governo, e todo o personagem que alli entra revestido de alguma authoridade, é considerado pelo nosso homem como um invasor insolente. Depois da expulsão dos frades ficaram uns dous ou tres velhitos, que morreriam de fome, se tivessem de ir peregrinar por esse mundo. Francisco cerrou-lhes os olhos piedosamente, e agora considera-se como seu successor e legitimo herdeiro. Se o governo o demittisse, o Francisco, estou d'isso convencido, não aceitava a demissão.

Gostei de ouvir o velho. Lembrou-me um d'esses typos comicos e sympathicos tão bem desenhados pelo finissimo lapis de Walter Scott. É um outro «velho dos tumulos», *Old mortality*, menos philosopho do que o heroe do romancista, mas não me-

nos zeloso e piedoso guarda d'esse cinerario de vinte gerações de ermitas. Conhece a palmos o seu dominio, sabe onde campeiam os cedros mais bellos, e pranteia a sua morte, como se fosse um dos seus velhos monges que baixasse á sepultura; tem uma respeitosa familiaridade com as imagens do altar, e conta a quem o ouve com attenção as provas de amizade cordial que os santos lhe teem dado. Ha entre outras uma historia mirifica de um Menino Jesus que se perdera e que não teve descanço em quanto não informou o Francisco do sitio onde se achava. Por isso o bom velho, grato a essa demonstração de affecto, venera muito mais o seu tosco Menino Jesus do que as imagens admiraveis da Magdalena e de S. Pedro, imagens afidalgadas que nunca fizeram a mais pequenina revelação ao ouvido do nosso Francisco.

O que havemos de dizer d'essas formosas estatuetas? Graças a Deus, os romeiros não teem faltado ao Bussaco e ainda nenhum se ausentou sem se ter extasiado diante d'ellas. Nada nos resta, por consequente, a dizer. São dous primores effectivamente; o rosto da Magdalena é magnifico de contrição resignada e de maceração pungente. Adivinha-se qual deveria ter sido a formosura da peccadora pelos contornos ainda puros do semblante emmagrecido, pela transparencia ainda mimosa das faces lividas e sulcadas de lagrimas. O desespero e a angustia transluzem no rosto de S. Pedro surpreendido pela sua consciencia em flagrante de-

licto de traição. Adivinha-se também que immenso arrependimento ha-de brotar d'esse remorso, que esplendido clarão ha-de emanar d'essa fronte que o sentimento da culpa ennegrece com tão fundas sombras.

Como vieram parar estes primores de arte ao modesto convento do Bussaco? Paira sobre isto insondavel mysterio, como sobre quasi todas as memorias da arte em Portugal. Parece que essas estatuetas vieram de Italia, naturalmente no seculo XVIII. Era incontestavelmente o seu author um grande artista, mas o desgraçado commetteu a imprudencia de arrojear a sua gloria a este sorvedouro de Portugal e cá lh'a sumiram tão bem que, se não compoz outras obras que o fizessem afamado na sua patria, esperou em vão conquistar a immortalidade.

Finda a nossa visita, sentámo-nos no fundo da nave e alli estivemos preparando-nos para percorrer a via sacra, e lendo, entretanto, um epitaphio latino e soffrivelmente gongorico do bispo D. Jorge de Mello, que fez grandes obras no Bussaco, e lá quiz ir morrer. Entretanto, contava-nos o Francisco de como em 1810 quizera pegar em armas para dar cabo do Massena e de como sir Arthur Wellesley não consentira em tal, receoso provavelmente de que o Francisco, depois de dar cabo do principe d'Essling, desse cabo d'elle. A essa imprudencia do general inglez se deve, na minha humilde opinião, o não ter ficado alli o exer-

cito imperial desde o primeiro até ao ultimo homem. Massena salvou-se fugindo, e nós imitámos-lhe o exemplo, fugindo em debandada vergonhosa diante de uma alluvião de historias com que o Francisco se ia preparando a bombardear-nos.

IV

Se eu fosse viajante de regra e compasso, que no meio da contemplação mais estatica não se esquece de avaliar a grossura dos cedros e de assentar escrupulosamente no seu livrinho de lembranças o tamanho das ruas, voltaria ao horto, onde principia a via dolorosa, e seguil-a-hia com toda a gravidade, reparando na ponte do rio Cedron, que o Evangelho supprimiu para pregar pirraça aos reverendos monges, e calculando geometricamente a dimensão das capellas. Infelizmente, não tomei os mais ligeiros apontamentos, e escrevo estes folhetins procurando vêr de novo na phantasia o quadro magnifico, que para sempre n'ella se me fixou, e lançando no papel as recordações, talvez de quando em quando menos exactas, d'essa rapidissima digressão.

Ao sairmos do mosteiro, entrámos estouvada-

mente no primeiro ponto da via sacra que se nos deparou. Lembra-me que no fundo de uma longa rua divisámos a capellinha da Samaritana illuminada por um raio de luz. Ás horas do sol poente, quando o arvoredado já estiver immerso nas sombras do crepusculo, e que o fulgor moribundo do astro do dia, insinuando-se por entre as copas frondosas dos cedros, fôr bater de chapa na capella, e dourar e purpurear os toscos vultos que lá campeiam, deve ser de um effeito magico essa paisagem serena. Devaneava eu com enthusiasmo esses gozos purrissimos da vida eremitica no Bussaco, que nos eram defezos a nós, romeiros de um dia, que podiamos apenas sorver um hausto da briza das solidões para nos arrojarmos de novo ao turbilhão do mundo.

Sabem todos os leitores que não são obras primas da arte as estatuas das capellas, mas assim mesmo toscas e rudes, com que auréola as cinge a magestade da natureza que as rodeia ! Quanto não invejarão ás suas pobrissimas irmãs da soledade este emmolduramento magnifico de arvoredado, de sombras, de luz suave, as magistraes estatuas que se enfastiam terrivelmente nas salas frias e prosaicas dos museus ! Como Miguel Angelo trocaria de bom grado o seu lugar de honra nas galerias de Florença por um d'estes ninhos poeticos, onde os passaros do ermo entoariam todas as manhãs, ás filhas do seu genio, o «hosanna» sublime da natureza !

Pobres capellinhas profanadas e desprezadas, que profunda impressão produzem as vossas estatuas despedaçadas no animo do contemplador! Como a suave figura do Christo se cinge de uma auréola divina n'esses nichos de verdura, onde a sua face pallida e macerada se illumina com os dôces cambiantes da luz do céo! Tenho ainda bem viva na memoria a impressão que me produziu o Jesus da capella do Caiphás, se me não engano. Chegando ao extremo de uma rua, deparou-se-me de subito a estatua, revestida da sua longa tunica. A capella já não tinha porta e o vulto do Redemptor surgia completamente isolado. Por mais pobres de talento que fossem os esculptores do Bussaco, sempre um debil raio de inspiração lhes illuminou a mente e lhes guiou o escopro ao cinzelarem a face do Christo. Esse rosto divino, onde a tradição gravou o sêllo da mais dôce melancolia e de uma angustia resignada, perdendo pela distancia as incorrecções atrozes que o desfiguravam de perto, impressionou-me profundamente! Parei e involuntariamente acudiram-me á imaginação os versos de Soares de Passos na sua poesia ao Bussaco:

Mas quanto mais esplendido
Serás quando a tormenta
Sublime, rugidora
No teu regaço cái!
Quando de mil relampagos
Teu cumo se apresenta

C'roado, como outr'ora
O fulgido Sinai!

Sim! quando a tempestade doudejar por entre a folhagem das arvores; quando curvar e torcer os ramos com o sopro enfurecido; quando o trovão resoar nas alturas, e que esta paisagem, serena agora, se transforme n'um cahos tumultuario, cheio de brados pavorosos, de murmurios plangentes; quando as folhas seccas e amarelladas revolutearem em turbilhão; quando o gemido do vento se assemelhar ás queixas dos finados, oh! deve ser então verdadeiramente bello este vulto pallido do Christo, illuminado pelo fulgor livido dos relampagos, inundado pelas torrentes de chuva que lhe gottejarem da tunica. Então a phantasia do viajante, surprehendido pela procella, ha-de evocar um quadro soberbo de horrorosa magestade, ha-de vêr agrupados em torno da dôce figura do Redemptor os espectros dos monges, pallidos tambem, tambem macerados, revestidos dos seus habitos negros fluctuantes ao sopro da tempestade, e respondendo com os threnos magestosos da liturgia ao cantico sublime erguido ao céo pela orchestra immensa do vendaval.

Abrigados sempre pela fresquissima sombra das grandes arvores das alamedas, silenciosos, porque o silencio e a paz, como diz Lamartine, pareciam chover sobre nós da ramaria entrecruzada, ouvindo de quando em quando, com um enlevo inexprimivel, o murmurio de uma ou de outra fon-

tinha, o gorgueio melancolico de algum passarinho emboscado, que suspirava talvez saudades dos seus velhos monges, cujas memorias passam de geração em geração nos annaes da tribu plumosa, fomos subindo o caminho do Calvario. Parámos em todas as capellas para lêr o classico «Aqui se considera», mas não se repetiu a impressão da capellinha de Caiphás. O aspecto comico dos personagens secundarios prejudicava consideravelmente o effeito dramatico da figura principal. O Pilatos do Pretorio é mais feio do que seria permittido a um pro-consul de Tiberio. Demais, o esculptor tinha uma predilecção pelo turbante, que tem os seus visos de castigo barbaro infligido a um romano. Pilatos merece talvez a execração da posteridade, mas pôr-se-lhe um turbante na cabeça é um requinte de atrocidade, nada compativel com a indole forçosamente evangelica do esculptor !

Em todas as capellas a piedade dos ingenuos espectadores prejudicou tambem de um modo sensivel a gravidade das scenas representadas. Efectivamente os camponezes que iam vêr os Passos concebiam a idéa louvavel de livrarem Christo, dando-lhe cabo da escolta, e era pedrada por um sarilho. Creio que foi prevendo esta vindicta que os hebreus foram apedrejando Santo Estevão. O certo é que é rara a capella onde, se Christo não fugiu, foi por excesso de escrupulo, porque não ficou inteiro nem um habitante de Jerusalem. Os devotos portuguezes d'aquelles sitios deitaram a

barra adiante a Vespasiano e a Tito. A mortandade é espantosa. Ha capellinhas onde a destruição chegou a ponto que não restam já senão os ossos ou antes os cacos dos judeus, formando um montão de barro, no meio do qual se ergue serena a figura do Salvador. N'outras um pobre centurião, mais mutilado do que se tivesse feito todas as campanhas de Cesar, de Alexandre e de Bonaparte, commanda com imperturbavel gravidade um manipulo de pernas romanas, em quanto uma multidão de cacos espalhados parecem dizer ao transeunte: «Aqui houve judeus!»

Assim fomos subindo até ao Calvario. Chegados ao termo da peregrinação dolorosa, torneámos as capellinhas, e soltámos um grito de admiração, quando se nos deparou o mirifico panorama que d'alli se divisa.

Toda a matta, que tinhamos acabado de atravessar, appareceu-nos, desenrolando a nossos pés as suas ondas de verdura; d'alli as copas das arvores parecem tão unidas, que se diria aquelle telhado formado pelos escudos dos romanos, quando avançavam ao assalto de uma fortaleza, ou antes o immenso exercito que no drama de Shakespeare avança contra Macbeth para cumprir a propheta que assegurava a queda ao criminoso escocoz, quando contra elle as arvores marchassem. De quando em quando um sopro da briza fazia ondear esse formidavel escudo verde, e dava-lhe os frémitos que enrugam a toalha liquida de

um lago e a franjam de fitas de espuma. Quando a tempestade por alli doudejar, deve ser tambem um spectaculo sublime vêr o relampago incender chammas lividas na copa de cada cedro e abraçar a matta colossal com um cinto de pallido fogo; vêr desgrenharem-se as madeixas do arvoredos, e estas ondas de verdura, que hoje susurram, inclinándose brandamente ao sopro da viração, cavarem fundos abysmos, por entre os quaes se divise o negro-me espesso das trevas.

Subamos ainda, passemos ao lado das ermidas do Sepulchro e de S. João, e cheguemos finalmente á Cruz Alta. Quem se não tem sentado nos degraus da cruz a espraiaer a vista enlevada pelo extensissimo panorama que d'alli se descortina! Eu, comtudo, prefiro a vista do Calvario. No Calvario está-se ainda longe do mundo, está-se em pleno eremiterio, e estende a gente os olhos só pelos dominios da prece e da meditação. Na Cruz Alta é o mundo exterior que nos surge de subito, e quão pequeno nos parece, contemplado d'esse pincaro tão proximo dos céos! Eu não sei se algum monge vinha n'aquelle sitio fartar os olhos da contemplação do pomo defezo, mas parece-me que, depois d'essa contemplação, devia tornar ao ermo mais desenganado do mundo, mais aferrado á sua querida Thebaida. Essa immensa planicie, que se desenrola aos nossos pés, parece-nos tão mesquinha comparada com a magestade imponente da serra! Se Satanaz apresentou a Christo os reinos da ter-

ra n'um panorama semelhante ao dos sete bispados que se vêem da Cruz Alta, estou que não seria difficil ao Redemptor o resistir á tentação.

Deve ser formoso o occaso do sol visto d'esta summidade. Ao entardecer, quando os vapores da planicie se condensarem no horisonte em nuvens douradas pelo astro moribundo; quando se azularem ao longe os pincaços da Estrella e do Caramulo; quando por cima de nós se accenderem a uma e uma as estrellas no docel immenso do firmamento; quando se erguer o murmurio da floresta como a oração da tarde, deve ser delicioso estar alli encostado á haste da cruz, erguendo o pensamento a Deus e procurando nos versos dos grandes poetas a traducção do indefinivel sentimento que se nos apossar do espirito.

Mas mais bello deve ser ainda vêr da planicie estampar-se e recortar-se no azul sombrio do céu o vulto melancolico da cruz illuminado por um ultimo raio do sol. Infelizmente, o astro-rei estava ainda quasi no seu zenith, e nós, depois de termos permanecido alli alguns momentos em muda contemplação, tornámo-nos a entranhar na matta do Bussaco.

V

Descendo da Cruz Alta dirigimo-nos á porta de Sulla. Iamos vêr o campo de batalha do Bussaco, onde os intrepidos soldados de Napoleão, debaixo das ordens do marechal Massena, duque de Rivoli, e principe d'Essling, não conseguiram desalojar das posições que occupavam os valentes recrutas portuguezes. É verdade que estes eram commandados por lord Wellington, general desprovido do genio, que fazia n'uma campanha cahir nas mãos dos Cesares, dos Alexandres, dos Fredericos e dos Napoleões as provincias e os imperios, mas incomparavel nas disposições menos arrojadas e mais prudentes que exige a guerra defensiva.

Foi este o primeiro campo de batalha que vi. Criança, percorrera já os sitios onde se tinha feri-

do o combate deploravel de Torres Vedras, mas ainda que tivesse já idade para meditar sobre estes grandes cataclysmos, tristes seriam as reflexões que a lembrança d'essa pugna entre irmãos me poderia suggerir. Aqui, pelo contrario, chegando á porta de Sulla, e vendo espriaiarem-se diante de mim as collinas onduladas, onde cincoenta e seis annos antes, troára a artilheria, e tremera a terra debaixo dos pés dos batalhões francezes galgando impetuosamente os serros defendidos pelos nossos bravos, a minha imaginação evocava um quadro sublime. Era uma scena d'essa Iliada immensa, com que um homem portentoso assombrou os primeiros annos do seculo. Além os vultos d'esses filhos gloriosos da liberdade, escravizados depois pelo prestigio das aguias imperiaes, mas grandes na sua cega submissão, porque obedeciam ao genio, essa verdadeira emanação de Deus, e porque gravitavam como os planetas em torno do sol, obedecendo ás leis providenciaes, e não seguiam, como animaes servis curvados a um jugo de seculos, o aguilhão do senhor da gleba. Do outro lado um povo que renasce, que pela primeira vez depois de longos, longos annos de abjecção sente acordar a sua dignidade de homens livres, e cumprindo espontaneamente o sagrado dever da defeza do territorio, começa a perceber confusamente que ao lado do dever ha o direito, e que o sangue derramado n'essas pelejas tinha de servir ao menos para sellar a sua carta de alforria.

É o que vejo verdadeiramente grande n'essa gloriosa epopêa da guerra peninsular—a resurreição de dous povos. Eu tenho a singular mania de não me curvar cegamente perante os factos que uma longa cadêa de banalidades recommendou á nossa admiração, de me não contentar com as interjeições dos escriptores que com ellas substituem o frio raciocinio da logica implacavel. É moda enthusiasmar-se a gente perante o patriotismo dos hespanhoes, que se ergueram espontaneamente para defenderem o throno dos seus reis *naturaes* contra o *estrangeiro*, que a tyrannia de Bonaparte julgava poder impôr-lhe. Esse enthusiasmo pelos guerrihas heroicos, essa admiração consagrada aos bravos de Baylen, aos defensores de Saragoça, aos soldados do marquez de La Romana, de Blake, de D. Gregorio de La Cuesta, de Castaños constituem um sentimento por tal fórma enraizado no animo dos dous povos peninsulares, que me arriscava a ser accusado de paradoxal, e a ser fulminado por um anathema tremendo, se ousasse de qualquer fórma atacal-o.

E não ouso de certo. Esse enthusiasmo partilho-o tambem, mas um motivo differente m'o inspira. No movimento insurreccional da Hespanha vê-se habitualmente e applaude-se o odio ao estrangeiro; no movimento insurreccional da Hespanha vejo eu e applaudo o primeiro alvorecer da liberdade.

Nos fins do seculo xvii reinava em Hespanha

um monarcha fraco e imbecil, de espirito acanhadissimo e povoado de terrores religiosos e de visões sombrias, vergontea abastardeada da casa d'Austria, pállida criança, em cujas veias giravam uns globulos empobrecidos do sangue ardente que refervera outr'ora no grande coração de Carlos V da Allemanha, de Carlos I de Hespanha. Essa criança, enferma, impotente, quasi idiota, chamava-se Carlos II.

A politica franceza emprehendeu illaqueal-o. Luiz XIV, que enviava a Carlos II de Inglaterra uma amante que tinha de ser duqueza de Portsmouth, e de impellir, com a sua branca mão, a Grã-Bretanha no sentido da politica franceza, enviou a Carlos II de Hespanha uma esposa, M.^{elle} d'Orléans. Ao devasso inglez o fructo prohibido, que só lhe podia regalar o appetite embotado, ao escrupuloso hespanhol a companheira santificada pela Igreja, a cuja influencia elle se podia entregar, sem temer que o perseguisse o espectro do fanatismo. Decididamente Luiz XIV aproveitára bastante com o tracto de Racine e de Molière, esses dous grandes conhecedores dos segredos do coração humano.

M.^{elle} d'Orléans morreu, mas não sem ter lançado na alma de seu esposo os germens, que trouxera de França. O pobre monarcha hespanhol aceitou uma segunda noiva, sem abandonar o culto idolatra que á memoria da primeira consagrava. O espectro da gentil franceza continuou a servir os planos de Luiz XIV. Não diz a historia official, a

grave e pedantesca historia, de que modo se actuou sobre o espirito vacillante do pobre Carlos II. São um pouco mais explicitas as memorias secretas; mas a historia diz *calumnia*; a posteridade franze o sobr'olho e medita. É certo que um bello dia apparece um testamento que lega a Philippe d'Anjou o throno da Hespanha e das Indias. O que o partido francez arrancava hoje á irresolução do pobre descendente do grande imperador, podia ámanhã desfazel-o o partido da Austria. Carlos II não teve tempo de reconsiderar...

A França proclamou Philippe V rei de Hespanha. A Inglaterra, a Allemanha, a Hollanda e Portugal, proclamaram Carlos III, membro da casa de Austria. Deram-se muitas batalhas, derramou-se muito sangue, incendiaram-se muitas cidades, e a final o duque d'Anjou, *francez apoiado pelas baionetas estrangeiras* sentou-se no throno hespanhol, sem que a historia se espantasse, sem que o povo se insurgisse, sem que os soberanos da Europa bradassem contra o usurpador, sem que se fallasse em odio ao estrangeiro, em profanação do territorio da patria, e nas mil outras cousas sonoras que vieram á baila na guerra peninsular.

Decorreu um seculo. Napoleão I imita em Bayona as infamias praticadas outr'ora em Madrid pelos emissarios de Luiz XIV; mas ainda assim, digâmol-o em honra do imperador, fica abaixo dos seus modêlos. Em vez de testamento, ha apenas uma abdicção. Na questção da legitimidade não

me parece que de José Bonaparte a Philippe Bourbon vá mais distancia que a do facto consummado. Murat entra em Hespanha á testa das tropas francezas, como o duque de Berwick entrou em Hespanha á testa de um exercito igualmente francez. Aquelles são acolhidos pela insurreição em massa, pelos mosteiros transformados em fortalezas, pelas carabinas dos frades, pelos bacamartes dos bandidos, pelos punhaes das mulheres. Estes atravessavam tranquillamente a Hespanha, jogavam em batalhas campaes o throno de Carlos v, sem que o hespanhol do povo deixasse de fumar o seu cigarro ao sol, sem que o frade mendicante deixasse de atravessar serenamente a praça para ir fazer o seu peditorio, sem que as gentis morenas d'olhos pretos deixassem de conchegar airoosamente as prégas da mantilha elegante. Philippe d'Anjou e José Bonaparte são ambos francezes, a independencia hespanhola tanto podia soffrer com um rei da familia de Napoleão como com um rei da familia de Luiz XIV; se Madrid se revoltasse, o marechal de Berwick não teria o minimo escrupulo em fazer o 2 de maio cem annos antes do marechal Murat; infamias praticára-as o grande rei maiores talvez do que o grande imperador. Porque motivo então se enthusiasma tanto a historia por este movimento, e não estigmatiza aquella inercia? se é de reis a questão, porque motivo defendem os hespanhoes com tanto affinco dous Bourbons devassos, estupidos, hypocritas contra um Bonaparte,

fraco talvez, mas bondoso, austero de costumes, e que sempre captou as sympathias de todos quantos o rodearam?

A differença está n'isto. É porque um Bourbon substituido a um archiduque não offendia os preconceitos da casta dos naires e da casta dos brahmanes; porque os soldados de Bonaparte eram os apóstolos das idéas novas, porque os seus marchaes, o seu imperador mesmo, eram os vivos exemplos da vaidade dos preconceitos de raça, preconceitos que uma vez destruidos no animo do povo, fariam desabar o velho edificio oppressor que tinha nos seus diversos andares a nobreza e o clero e na cupula o monarcha.

E os padres trémulos, e os nobres receosos acenderam cuidadosamente as paixões fanaticas, que refervem sempre, mais ou menos latentes no animo do povo hespanhol, soltaram os cães de fila e arrojaram-n'os, não contra o tyranno Bonaparte, que nunca o poderia ser mais do que Fernando VII, não contra o monarcha estrangeiro, porque estrangeiro tambem o fôra Philippe V, avô de Carlos IV, não contra os profanadores do solo da patria, porque esse já tinha sido profanado pelos vencedores de Almanza, mas contra a nova dynastia filha da liberdade, contra o elemento regenerador, contra a igualdade civil, base dos thronos napoleonicos, contra a sociedade nova emfim, as novas idéas, os novos instinctos do seculo!

Mas porque motivo, recusando eu a minha

admiração á plebe fanatisada que defendia os interesses egoistas das classes oppressoras, me enthusiasmo tambem por esse esforço energico da Hespanha? Porque o movimento escapou ás mãos d'aquelles que o tinham dirigido; porque esse vasto incendio que assolava a Hespanha transformou-se de subito nos clarões precursores da aurora, porque d'entre essa turba de monges ferozes, e de fanaticos idiotas, surgiram os homens do futuro, os homens da constituição de 1812, aquelles que disseram: «Não é para satisfazermos a ambição dos Bourbons á custa da ambição dos Bonapartes que devemos tomar as armas, é para lhes provarmos que não se dispõe de uma nação como de um rebanho de párias, que se os reis abdicaram cobardemente o seu throno, nós não abdicamos os nossos direitos de cidadãos, e estamos dispostos a mostrar ao mundo que os povos existem por toda a parte, que o seculo XIX não é o seculo XVIII, e que entre 1708 e 1808 fulgura na tela vastissima dos tempos uma estrella que se chama 1789, que entre Luiz XIV e Napoleão cavou um abysmo enorme a quéda da Bastilha!»

É isso o que faz para mim verdadeiramente admiravel a insurreição da Hespanha, e ainda mais a de Portugal. Aqui Napoleão, atravessando o mundo com os seus passos de gigante, pisou aos pés imprudentemente uma nacionalidade que parecia morta, um povo cadaver. E a nacionalidade despertou, o cadaver ergueu-se de subito, e n'estes

montes do Bussaco não foi só perante o valor dos recrutas, perante a habilidade de lord Wellington que recuaram os soldados de Masséna, foi principalmente perante uma idéa, que luzira para o mundo inteiro nos lampejos das suas proprias baionetas, a idéa da liberdade !

Eis o que se me atropellava na mente contemplando com os olhos da phantasia o quadro da grande batalha, vendo além desenrolarem-se as longas fitas dos batalhões assaltantes, tremularem as aguias imperiaes, estamparem-se ao longe os vultos epicos de Ney e de Masséna, vendo aqui agruparem-se em massas confusas os servos da gleba, a plebe desprezível, a canalha vil e heroica, em cujas fronte como que resplandece a auréola regeneradora.

Depois o quadro dissipou-se como por encanto. Voltei-me e vi a massa imponente e melancolica da floresta. Nas arvores susurrava a briza. O sol já no poente dourava com vagos reflexos as cumiadas das collinas. Então, depois de ter revolido na phantasia estes ensinamentos da historia, estas lições do passado, e vendo, após o quadro tumultuoso das luetas da humanidade, a austera tranquillidade da natureza, desci caminho do Luso, murmurando os versos de Soares de Passos:

Tudo passou ; sumiram-se
Vencidos, vencedores,
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal ;

Só tu, sorrindo impavido
Do tempo e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal!

E como os bifes do almoço já tinham desaparecido havia muito nas derradeiras cavidades do estomago, impellidos pelos espectros dos monges, e pelas contemplações e meditações de toda a especie, declaro que fizemos honra ao jantar que nos aguardava no Luso.

BOM SUCCESSO

I

É no Bom Successo a minha residencia actual. Não sei se o leitor sabe onde é o Bom Successo? Vou dar-lhe a esse respeito algumas noções geographicas e estatisticas.

O Bom Successo é limitado ao norte pelo omnibus de Pedrouços, ao oriente pelo Club-hotel, ao sul pelo rio Tejo, ao occidente por uma praia de banhos. Fica situado na Europa, no reino de Portugal, provincia da Estremadura, districto de Lisboa, e concelho de Belem, supponho eu. Os historiadores não estão de accordo sobre quem foi que descobriu o Bom Successo. Dizem uns que foi Gonçalves Zarco, outros que foi Gonçalo Velho Cabral.

O que é certo é que fica a uma grande distan-

cia da capital do reino. Do Bom Successo a Lisboa vão dous dias de jornada, como se prova pelo serviço do correio. Uma carta, que se deite hoje de manhã no Bom Successo chega a Lisboa amanhã á noite, que é o mesmo que succede a uma carta de Madrid. Vê-se portanto que Portugal é muito maior do que até aqui os geographos affirmavam.

Esta distancia fez com que não chegassem ainda ao Bom Successo todas as conquistas da moderna civilisação. A iluminação a gaz, que já é conhecida na California, ainda é ignorada no Bom Successo. É porque o Bom Successo não fica no caminho dos paquetes, fica apenas no caminho dos *char-à-bancs*. N'aquelle recanto do velho mundo europeu, onde se recebem de vez em quando cartas de Lisboa, conservam-se fidelissimamente os velhos usos da sociedade portugueza da idade média. Nas terças-feiras e sextas-feiras á noite, andam uns homens pelo meio da rua, á luz dos archotes, e, a pretexto de pedirem esmola para os pobres enfermos, cantando lugubrememente, como faziam os nossos antepassados, que rezavam o terço de noite pelas ruas escuras de Lisboa.

As tradições da religião sinistra da meia idade, d'essa religião de morte, d'esse catholicismo que tinha as sombrias cathedraes, os crucifixos lividos, e as danças dos finados desenrolando-se em horridos frescos pelas paredes das igrejas, essas tradições guardam-se piedosamente n'estas remo-

tas paragens. Não são menos respeitadas as tradições das grandes festas, e conservam-se escrupulosamente todos os elementos necessarios para essas epidemias, que serviam de pretexto a obras primas litterarias, como o *Decamerone* de Boccacio.

As precauções hygienicas, usadas no seculo XIX no resto da Europa, são ainda aqui profundamente desconhecidas. Tendo a janella aberta a pretexto de respirar a briza fluvial, o que eu respiro são os miasmas da rua, que está adubada com muito mais riqueza do que um campo lavrado em terras nacionaes. Talvez isto seja, em vez de atrazo, progresso devido á iniciativa municipal d'estes sitios. É talvez um systema de agricultura indirecta. Estrumam-se as ruas que é para os campos produzirem melhor.

Aceitando perfeitamente o regimen archeologico debaixo do qual vivemos, ha uma cousa contra a qual ousou pedir á camara providencias. Que não nos dê uma muito pallida illuminação senão nas noites, em que a folhinha nos avisa que a lua não apparece nem um minuto no horisonte, acho muito bem. É quasi plena idade média, e quando se está fazendo na Casa Pia uma imitação escrupulosa da architectura manuelina, acho optimo que a camara municipal tambem imite, quanto em si caiba, os municipios do seculo XIV. Ora agora o que eu pedia á camara era que mandasse tirar os candieiros, em primeiro lugar porque na idade média não havia candieiros, em segundo lugar porque de

noite tropeça a gente n'elles, e está sujeito a quebrar a cabeça. Foi o que me aconteceu uma noite d'estas no largo dos Jeronymos. Eu admitto perfeitamente que a camara municipal me não illumine, mas então faça favor de não levantar candieiros diante dos meus passos.

Póde fazer uma cousa; deixe-os estar de dia, mas de noite mande-os tirar. De noite não são precisos. Parece-me que a camara municipal de Belem desenvolve uma grande tyrannia, se quer que eu gaste uma caixa de phosphoros de cêra para vêr de noite os seus candieiros. Se a camara municipal de Belem conserva os candieiros para provar aos seus administrados, á força de carolos, que a verba da illuminação não figura simplesmente no orçamento, eu aqui estou para lhe prestar publicamente a seguinte homenagem:

«Constando-me que algumas pessoas mal intencionadas affirmam que a camara municipal de Belem não trata da illuminação do seu municipio, de claro, por ser verdade, que o municipio de Belem está fornecido de candieiros, tanto de dia como de noite. De dia tenho-os visto sempre, de noite já esbarrei com elles.

«Os candieiros de Belem são portanto perceptíveis a dous sentidos: de dia vêem-se, e de noite apalpam-se.»

Como em reformas municipaes o Bom Successo está de certo muito inferior á Nova-Caledonia, póde alguém suppôr que os seus habitantes são an-

thropophagos. Folgo de dizer que seria completamente errada semelhante conjectura. O Bom Successo o que fez simplesmente foi parar no tempo de D. Sebastião. Os eleitores d'estes sitios, quando elegem um deputado julgam sinceramente que o elegem procurador do povo ás côrtes, e recomendam-lhe que defenda intrepidamente a autonomia portugueza, e a autonomia do seu concelho. Eu, desde que resido no Bom Successo, estou muito avesso á reforma administrativa. Aqui temos nós desde Alcantara até Pedrouços uma extensa rua, que não é senão a formosa continuação das ruas de Lisboa; quem vai distraído dentro de uma carruagem, e não repara na porta de Alcantara e nos guardas-barreiras, não suppõe que sahio da capital. Pois venha residir para estes sitios, e verá que, a pretexto de não estar n'um municipio urbano, não goza das mais leves regalias de um habitante das cidades. O municipio não tem limpeza de ruas, não tem policia, não tem illuminação, não tem escólas, mas tem autonomia. Queiram juntar este municipio a Oeiras, e Oeiras desata a gritar; e Belem berra que é um regalo: Queremos o pão secco da autonomia, queremos os candieiros apagados da autonomia, queremos as ruas fetidas da autonomia, mas queremos ser independentes, nós que temos os Jeronymos, nós que temos a torre de Belem, nós que temos a feira, o theatro de D. Luiz, o theatro de D. Affonso e um carteiro! E, se alguém lhes disser que, se

querem viver, dêem signaes de vida, elles compararam-se modestamente com Portugal, põem a sua autonomia a par da autonomia do paiz, como se uma nação que tem vida propria não fosse uma individualidade indivisivel politicamente, não fosse um organismo completo, que pôde ser robusto ou fraco, mas a quem a sua fraqueza não tira o direito de existir, como se Portugal fosse uma federação de municipios e não uma familia completamente unificada!

O que é certo é que, apesar da residencia no Bom Successo ser uma *villegiatura* demasiadamente platónica; porque emfim isto só se chama campo por não ter candieiros accesos, nem canos de esgoto, accumula-se aqui uma boa parte, e uma escolhida parte da sociedade lisbonense. É que effectivamente esquecemo-nos da autonomia do municipio, quando, chegando á praia, respiramos largamente a briza impregnada das acres exhalações maritimas, vemos a torre de Belem, *redoutable* na opinião de Cortambert, mimoso poemeto de pedra na opinião de todos os que lhe admiram *de visu* os phantasticos rendilhados, e contemplamos a ampla toalha azul d'esse magnifico Tejo, que a lua illumina, sem remorsos, porque o Tejo não tem, que me conste, orçamento municipal.

II

Vieram as primeiras chuvas do outono, tristes como uma poesia de Millevoye, lugubres, sinistras. A chuva em pleno mez de setembro é simplesmente horrorosa. Encontra-nos desprevenidos de corpo e de espirito, longe do conchego da casa de familia, longe do paletot, longe do livro predilecto dos serões de invernã, longe dos echos familiares que estamos costumados a ouvir suspirarem em torno de nós as tristezas das noites outonaes. Está-se no campo, no provisorio albergue da estação de banhos; veio a gente preparada para noites de luar, para tardes de passeios, para contemplações de rio. Quando a natureza se nos mostra assim de subito hostile, quando temos de nos entrincheirar em casa, achamo-nos então surprehendidos de nos acharmos face a face com umas paredes e uma mobilia que

nos não comprehendem. É que não estávamos destinados a vivermos juntos. Temos idéas diversas ácerca da existencia. As paredes não estão habituadas aos longos serões, e a mesa supporta com estranheza a luz obstinada do candieiro!

Estas nossas correlações com os objectos inanimados que nos rodeiam teem a mais perfeita authenticidade. Estabelece-se entre nós e as paredes da nossa casa, e a nossa antiga mobilia uma *sympathia* incontestavel. Imagine o leitor por exemplo que viaja. Chega a Madrid. Ao apeiar-se da caruagem, torce um pé, ou não encontra as bagagens ou tem um d'estes mil pequenos inconvenientes, que o obrigam a ficar na hospedaria, em vez de ir ao theatro, á Puerta del Sol, ou ao café de Fornos. Uma noite passada em casa não é cousa que o aterre. O leitor enfia-se n'um leito alto e macio; põe á cabeceira uma luz suave temperada convenientemente pelo *abat-jour*, e dispõe-se a esperar que venha o somno, lendo um volume de Castelar, ou uma comedia de Calderon. Está nas mais excellentes condições. Pois eu lhe juro que, passado um quarto d'hora, sente um fastio mortal. Do tecto chove *spleen*, as paredes teem uma frieza de aspecto que nos traspassa os ossos, os cortinados das janellas bocejam; tudo aquillo é mudo, banal, indifferente quando não é hostile. A solidão do quarto, solidão que saboreariamos em nossa casa como um regalo epicuriano que nos deixaria apreciar mais agradavelmente a leitura, na hospedaria pe-

za-nos e punge-nos. Começamos a pensar quanto seria horrroso ter uma doença n'um d'aquelles quartos numerados, no meio d'aquella indifferença mercenaria dos criados polidos e frios como vidros de espelho, em cujo espirito passa, como no vidro, a nossa individualidade, sem deixar nem o mais ligeiro vestigio, nem a mais leve recordação.

Então atiramos para longe o livro que estavamos lendo, escondemo-nos á pressa debaixo dos lençoes, procuramos adormecer, e sonhamos com a patria.

Esse conchego familiar, essa convivencia com os objectos inanimados que nos rodeiam, que nos faltam nas hospedarias, faltam-nos tambem na casa provisoria do campo, e é por isso que ouvimos com horror bater na vidraça a primeira chuva do outono, é por isso que escutamos confrangidos o vento que geme lá fóra as suas primeiras endeixas melancolicas.

Meu Deus! como veio fóra de proposito esta chuva importuna, este vento agoureiro! Eu tinha de fallar-lhes, caros leitores, nas noites de luar, no Tejo, no areal das praias, nas guitarras, em tudo o que é sereno e azul, em tudo quanto pertence ao verão, e dispensava para isso os acompanhamentos melancolicos do outono. Para fallar com acerto dos encantos das praias, precisava de não ter agora no espirito, como teimoso ideal, o esplendor das noites de theatro, o conchego dos serões caseiros, o resonar do gato na cadeira fôfa e quen-

te, e o chiar da agua na chaleira, que é o canto do grillo na lareira campestre, uma das melodias do inverno nas casas da cidade.

Tenho porém de cumprir um dever de consciencia, e esse hei-de cumpril-o. Eu fui injusto com a camara municipal de Belem. Sinto a necessidade de fazer *amende honorable*. Queixei-me da imundicie das ruas, protestei contra os aromas equivocos dos chiqueiros municipaes, em nome dos narizes lisbonenses. Pois fui um abelhudo, e fallei no que não sabia. A camara de Belem conhecia muito melhor do que eu o coração humano e o nariz dos banhistas. Vim a convencer-me d'isso, n'estas lindas noites de luar, quando, depois de ter passeado na praia deserta, contemplando o rio, o céu, a arêa, o vulto esbelto da torre de Belem, as velas brancas dos barcos, embebendo-se, como as azas dos sylphos, nas caricias luminosas dos raios da lua, passei pelas ruas que a vereação entrega ao braço secular das criadas de servir, na hora fatidica dos despejos.

Os grupos, que eu debalde procurára na praia deserta, vinha encontral-os, sentados ás portas, nas ruas estreitas e sujissimas, entre os perfumes negativos da regueira. Não se descreve o meu espanto. Como é providente, ou antes como é *pre-odorante* o nariz das damas lisbonenses, a banhos em Pedrouços! O adubo cria seiva, a seiva cria flôres; nas emanações do adubo presente já as damas lisbonenses respiram o perfume das rosas fu-

turas. Foi o que a camara de Belem comprehendeu e eu não. Por isso peço mil desculpas ás damas e á camara. Eu não seria de certo tão egoista, que só para meu prazer particular, quizesse obrigar a camara a alterar por qualquer modo o jardim de recreio das banhistas. A camara acha commodo, as banhistas applaudem, e eu tapo o nariz e retiro a expressão.

A moda é muito mais despotica do que o tyranno mais tyrannico das monarchias asiaticas. A sociedade elegante obedece-lhe sem hesitar, sem discutir, sem attender ás modificações exigidas pelas circumstancias. No campo, naturalmente em Cintra, ou n'alguma praia desafogada, umas poucas de pessoas, que quizerem respirar livremente o acre perfume da viração da serra, ou as emanações da briza fluvial, começaram a sentar-se ás portas, diante da montanha vestida de verdura, ou do rio prateado pelo luar. Pegou a moda. Agora no campo ou na praia, os elegantes lisbonenses sentam-se ás portas, embora tenham defronte de si um chiqueiro, uma parede caiada, embora a rua seja estreita, mal cheirosa, cheia de detritos de peixe, de lama ou de poeira. No campo ou na praia, sentam-se os banhistas á porta, dê por onde der. Porque se sentam elles á porta? Não o sabem já. A origem d'este costume perde-se na noite dos tempos. Não é nem porque seja agradável, nem hygienico, nem pitoresco. É porque é moda. A moda é uma *consigne*.

Conhecem a historia da sentinella á porta de um passeio, que não deixava que pessoa alguma se sentasse n'um banco verde. Ninguem sabia o motivo d'aquella ordem. Era *consigne* que passára de sentinella para sentinella, e de guarda para guarda. Subiu-se á origem da ordem. Soube-se então que, uns poucos de annos antes, aquelle banco fôra pintado de verde. Por interesse pelas calças dos passeantes, dera-se ordem á sentinella mais proxima que não deixasse ninguem sentar-se no banco. O banco seccou, envelheceu, a tinta cahiu, e a sentinella imperturbavel continuava a impedir os passeantes de sujarem as calças na tinta *fresca* do banco.

A moda é como a *consigne*, não se discute. Porque hei-de eu accusar as banhistas de não irem á noite passear ás praias? Se fosse moda! Ah! se fosse moda, as senhoras lisbonenses que fossem a Madrid de verão iriam passear para as praias do Manzanares, iriam para as praias da Ribeira de Alcantara se morassem por aquelle sitio. Ninguem saberia porque; mas lá iriam todas porque assim o ordenava a moda, como lhes ordena que vão á barraca da tia Lima não tomar neve, mas estar á espera de a tomar.

«Se souberes muito bem as tuas lições, dizia um Harpagão de Lisboa a um filho que entrava no collegio, hei-de levar-te ao Martinho... para veres tomar neve.»

A maior parte dos frequentadores da feira vão

á barraca da tia Lima vêr comer queijadas, ou esperar um sorvete, ou saber que já alli se tomou soda, e apesar d'isso lá se accumulam, porque a moda assim o ordena, porque a moda assim o quer, e a moda é mais despotica do que Filippe II ou do que a communa de Paris!

A moda é alliada da camara de Belem, e da tia Lima. Que as ruas sejam sujas, que a neve seja má, nem por isso deixam as banhistas de se agrupar na calçada municipal ou na barraca da feira. Continuem portanto no seu caminho, que não serei eu que ousarei mais combatel-as.

PAÇO D'ARCOS

Vou narrar as impressões de um primeiro dia em Paço d'Arcos.

Que a praia de banhos apresenta um aspecto muito pitoresco, á hora matinal em que se procede a esse exercicio hygienico, é o que por ora não posso dizer. Pareceu-me até que se inventára para uso de Paço d'Arcos um 11.º mandamento que diz assim: Não contemplarás o banho do teu proximo. São desconhecidos aqui, ou eram-n'o hoje pelo menos os grupos animados que se formam pela manhã nas praias, em que se conversa e ri, em que se estende a mão ás senhoras que vão para a agua, e em que se foge com a mão aos homens que voltam. O banho tem o seu character exclusivo de dever hygienico. O banho é secreto como a confissão; o confessor é o banheiro. As senhoras chegam, cor-

rem, saltam, mergulham, sahem, vestem-se, vão-se embora. N'isto chegam outras senhoras que passam a despir-se, a correr, a saltar, a mergulhar, a sahir, a vestir-se, e a ir-se embora. Tudo isto n'um silencio solemne e grave. Quem palra sósinho é o rio, que espreguiça alli as suas aguas azues, já com as suas pimponices de vaga, onde scintillam com mil palpitações frementes as palhetas de ouro do sol. A praia de Paços d'Arcos tomou hoje para mim um verdadeiro aspecto de Trappe em que os banhistas dizem uns para os outros: *Frère, il faut se baigner*, com as mesmas entoações lugubres com que se proferia o tradicional: *Frère, il faut mourir!* Depois d'almoço sahi á procura de Paço d'Arcos. Era meio dia. Não sei se leram já em Lamartine uma pagina admiravel de um livro que o não é: a descripção d'uma rua de Roma, a *Longara*, no romance piegas, que se intitula *Regina*. Lembrou-me logo, apenas dei vinte passos. As casas fechadas e silenciosas recordavam-me os conventos de *Longara*, o sol escaldava as pedras das ruas, onde resoava o echo dos meus passos, um cão longamente estirado dormia á sombra, n'um bilhar duas ou tres pessoas conversavam bocejando, e os logistas contemplavam-me, de mãos cruzadas sobre o ventre, de olhos semi-cerrados, no ar fluctuavam uns vagos perfumes de sésta, dentro d'um palacete um piano implacavel tocava escalas com uma pertinacia verdadeiramente desesperadora. Paço d'Arcos não estava visivel.

Quando já desesperava de salvação encontrei um grupo de cavalheiros, sentados á sombra, á porta de um barbeiro; n'um sitio, que, segundo parece, é o gremio ao ar livre dos banhistas. Alli conversava-se e bem. Estive seguramente duas horas enlevado a escutar o snr. marquez de Fronteira, a mais rica memoria que eu conheço em factos, anedotas e descripções de personagens e acontecimentos da nossa historia n'estes ultimos annos. O marquez de Fronteira é um livro de historia contemporanea, mas de historia como se não escreve entre nós, rico de factos, de anedotas caracteristicas, de finas observações, cheio de vida e de pitoresco.



ESPINHO

O Espinho divide-se em duas povoações perfeitamente distinctas, o Espinho velho e o Espinho novo. A primeira é uma povoação de pescadores, de viellas estreitas e sombrias, de casas, como por aqui chamam vaidosamente a umas barracas de taboas mal juntas, e mal juntas felizmente porque só assim entrarão o ar e a luz n'essas habitações, que teem umas portas verdadeiramente microscopicas, e ausencia completa de janellas. Outras porém, de apparencia mais nobre, projectam sobre a viella estreitissima, que enchem quasi completamente com essa saliencia, a pitoresca varanda de madeira tão usada nas nossas provincias do norte. O Espinho novo, povoação exclusivamente de banhistas, consta apenas de duas ou tres largas ruas, onde se ostentam lojas de boa apparencia, pela maior parte

succursaes de estabelecimentos do Porto, e casas construidas á moda das cidades, alinhadas, e unidas de fachadas perfeitamente lisbonenses. Já se vê que a varanda é supprimida, porque os nossos architectos fazem-nos casas á moda de Paris, sem attenderem nem ás diversas condições do clima, nem ás condições do pitoresco, essenciaes na architectura, se a architectura ainda conserva o desejo de ser uma arte, e essenciaes sobretudo á architectura forçosamente ligeira de habitações destinadas aos prazeres da *villegiatura*. Se n'uma d'estas ruas largas do Espinho novo houvesse um architecto, que, abandonando a fachada completamente lisa, não recuasse diante da pitoresca varanda, tão essencialmente portugueza, e tão commoda, tão agradável nas manhãs e nas tardes de verão, faria umas casas lindissimas; assim limita-se aos *clichés* conhecidissimos e faz uma semsaboria.

A povoação aqui vive exclusivamente da pesca da sardinha, que constitue uma verdadeira riqueza, riqueza que seria maior ainda se entre a Granja e o Espinho se construísse uma *jetée* que dêsse aqui um abrigo aos barcos de pesca e os habilitasse a sahirem sempre ao mar. Assim só se pesca sardinha quando o oceano está por isso.

D'antes as redes eram puxadas para terra pelo povo, hoje empregam-se juntas de bois, 25 ou 30 para cada rede, ganhando 500 reis e mais cada uma. O espectáculo é pitoresco. Vê-se o areal vastissimo semeado de juntas de bois, guiadas por

estas elegantes e desempenadas varinas, com o seu gracioso trajo, o seu chapéo airoso posto garridamente na cabeça, o lenço cahido, o corpete bem justo na cintura bem quebrada. Depois, quando a rede começa a surgir do mar, não se imagina o temporal de gritos que se levanta. Homens, mulheres e crianças tudo ajuda a puxar, e gritam com as vozes roucas aos bois, ás varinas para que accelerem o passo, afim de que o peixe não fuja. Quem vê pela primeira vez este espectaculo, imagina que succedeu alguma desgraça, que cahiram homens ao mar, que morreu pelo menos metade da população do Espinho, taes são as imprecações, os berros, a agitação de todo aquelle povo.

Mas, quando émfim a rede chega á praia, com as suas myriadas de sardinhas prateadas, que, pulando e batendo nas malhas da rede, produzem um tintinar semelhante ao da chuva a bater nas lazes, o espectaculo torna-se curiosissimo. Mulheres, crianças, homens saltam na rede e tudo furta. Começa então uma lucta formidavel... de vozes e de gestos. As mulheres insultam-se e a disputa que se trava entre ellas é curiosa a mais não poder ser, não pelo que dizem, que mal se entende, mas pela abundancia de gestos; uma, semelhante perfeitamente a uma furia, de olhos scintillantes, longos cabellos desgrenhados, voz rouca, bracejava, tirava o chapéo, lançava-o ao ar, apanhava-o, torcia-se, desconjuntava-se, gritava, em pé n'um morro de arêa, soltando ao vento como que as longas

imprecações furiosas de uma heroína de tragedia grega; um homem nú da cintura para cima, negro como um beduino, de pau na mão, semelhante a um demonio de magica, percorria os grupos em carreiras desordenadas, soltando pragas intelligiveis; as mulheres enterravam as mãos na arêa, batiam as palmas, não diziam uma palavra, que a não illustrassem com o gesto, virando-se para diante, para traz, dando pulos, ajoelhando, levantando-se, loucas, furiosas, enrouquecidas. Ao longe, os bois pacificos retiravam-se, guiados pelas varinas, cujo vulto esculptural se desenhava na nebrina da noite incipiente, e o mar enrolava e desenrolava, tranquillo e indifferente, as suas ondas placidas, franjadas de branca espuma.

O tumulto enfim termina, sem dar lugar a nenhuma lucta corporal. É o que parece incrível.

A violencia da disputa parece que deve produzir uma scena de carnificina, pois não se troca nem um murro. Attribuo isto ao facto salutar de não haver policia no Espinho. Se houvesse guarda municipal, morriam vinte pessoas por dia.

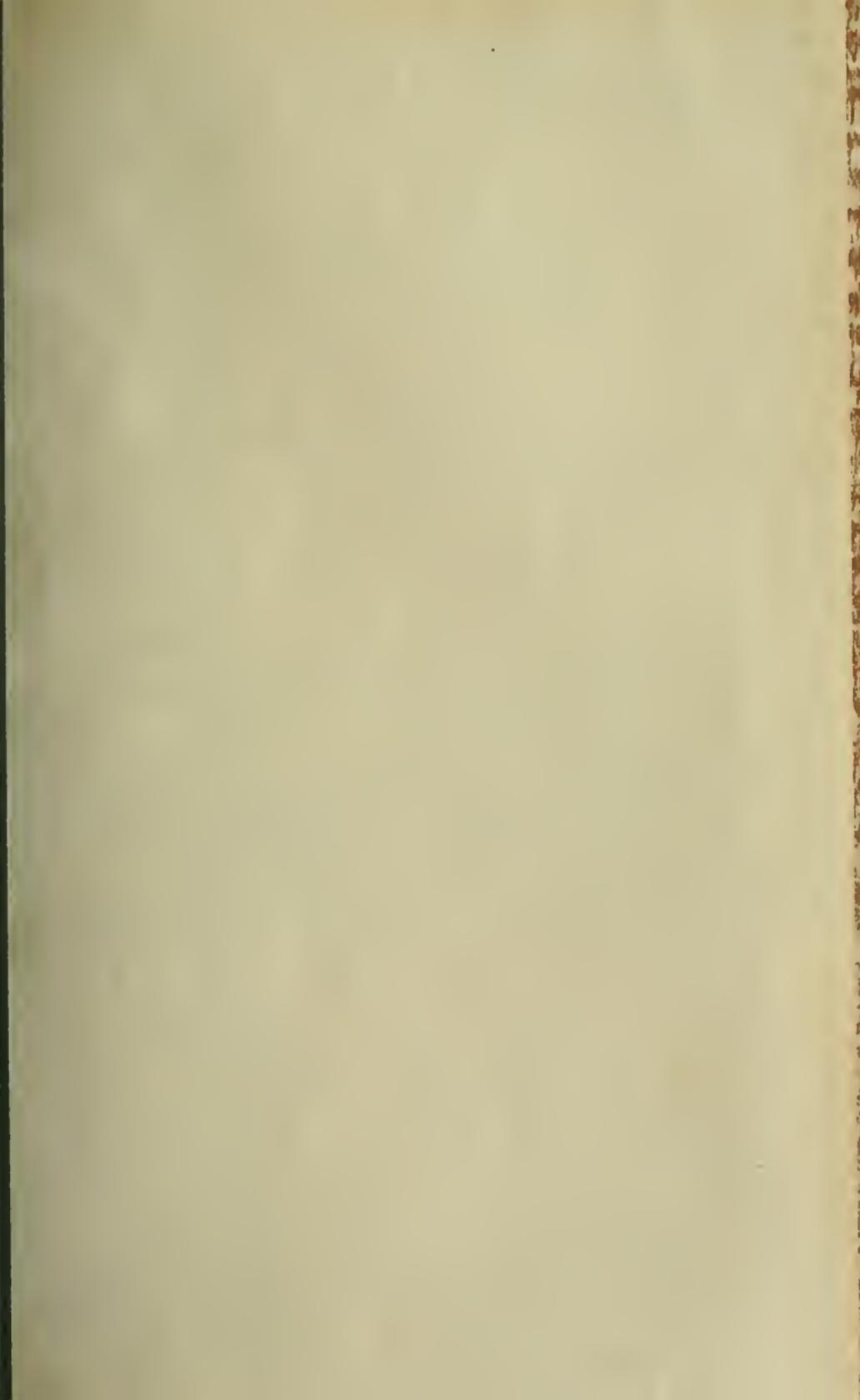
Então começa outra scena curiosa. Ouve-se de todas as partes o grito: *Quem quer escutchar? quem quer ganhar dinhêro?* «Escutchar» supponho que significa «escorchar» porque se trata de tirar á sardinha a cabeça e as tripas. As mesmas mulheres que acabaram de *roibar*, como ellas dizem, vem escorchar sardinha, a razão de 40 reis por milheiro, com a maxima lealdade. Formam-se grupos

na praia, a sardinha prateada scintilla em montes dispersos, e o trabalho faz-se no meio de uma algazarra confusa, resto da disputa anterior.

Então levanta-se outro grito: *Quem quer mat-chuar?* Esta palavra é que eu não sei traduzir. Sei apenas que se trata de vender em hasta publica os montes de residuos das sardinhas para estume das terras. Os lavradores aproximam-se dos pregoeiros, e lá vão disputando entre si a golpes de 10 reis o precioso adubo.

O roubo da sardinha é uma tradição que se não perde. Roubam-se aos milhares. Uma rede d'aquellas, que, ao sahir do mar, póde valer os seus 200\$000 reis, quando vai preparar-se já levou um desfalque pelo menos de 50\$000 reis. Os roubados e os roubadores gritam, berram, injuriam-se, com a voz rouquissima, as palavras prolongadas como um echo de beira-mar, os largos gestos abundantes, e depois fica tudo em santa paz, até que venha outra rede, dando lugar exactamente ás mesmas scenas.

A *varina* verdadeira merece ser estudada pelo pintor e pelo dramaturgo. É um typo ainda primitivo, que exprime as suas paixões na linguagem colorida das populações selvagens. Scenas como esta que presenciei é que são as scenas verdadeiras da nossa vida popular.





DP
525
M33

Machado, Julio Cesar
Fóra da terra

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 05 16 014 4